Leandro César Bernardes Pereira

NARRATIVIDADE E TEOLOGIA O PERSONAGEM DEUS EM AT 1,1-2,41

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr Jaldemir Vitório

Apoio PAPG-FAPEMIG

FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

BELO HORIZONTE

2013

Leandro César Bernardes Pereira

NARRATIVIDADE E TEOLOGIA O PERSONAGEM DEUS EM AT 1,1-2,41

Dissertação apresentada ao Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisição parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório

Apoio PAPG-FAPEMIG

FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia BELO HORIZONTE 2013

Pereira, Leandro César Bernardes

P436n

Narratividade e Teologia: O personagem Deus em At 1,1-2,41 / Leandro César Bernardes Pereira. – Belo Horizonte, 2013. 101p.

Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório Dissertação (mestrado) — Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia.

1. Narratividade 2. Personagem 3. Deus. 4. Atos 5. Narratologia 6. Análise 7. Narrativa 8. Apóstolos I. Vitório, Jaldemir II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia. III. Título

CDU 226.6

LEANDRO CÉSAR BERNARDES PEREIRA

"NARRATIVIDADE E TEOLOGIA O PERSONAGEM DEUS EM AT 1,1-2,41"

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 12 de abril de 2013.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Foldenni Vitório / FAJE (Orientador)

Prof. Dr. Geraldo Lunz De Mori PFAJE

Prof. Dr. Geraldo Dôndici Vieira / PUC-RJ (Visitante)

Agradecimento Agradeço a Deus pela providência deste mestrado em minha vida. Agradeço a todos os que fazem parte da FAJE, em especial, ao orientador desta pesquisa, Jaldemir Vitório, a Comunidade Canção Nova, a FAPEMIG e a minha esposa Luana.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo fazer a análise narrativa de At 1,1-2,41, centrando-se no personagem Deus, servindo-se dos princípios da narratologia. A escolha do método reflete uma tendência atual nos estudos bíblicos que o tem empregado sempre mais. Partindo da análise do personagem Deus, o principal protagonista do episódio em foco, mostrar-se-á como a ação divina na história deve-se ao desígnio de salvar todos os seres humanos e reuni-los na comunhão trinitária. Deus se revela de forma direta através de teofanias e, indiretamente, através dos discípulos de Jesus. Seu plano salvífico plenifica-se na morte e na ressurreição do Filho Jesus e na realização da promessa do batismo no Espírito Santo. Deus é referido no texto como Salvador e Comunhão. O batismo une a ele todos os discípulos de Jesus. A realização da promessa, em Pentecostes, revela a centralidade do personagem Deus no âmbito da missão cristã. Portanto, limitando-nos à perícope selecionada, será explicitada a teologia subjacente com o instrumental da análise narrativa.

SUMMARY

The aim of the dissertation is the narrative analyze of God's character in Acts 1,1-2,41, in the perspective of the principles of narrative logic and narrative analysis. It is intended to contribute to the improvement of the knowledge of this character, given exclusively by the text of Acts. The choice of this method of narrative analysis comes from the recent discovery of the use of narrative logic in biblical exegesis. The purpose of this research is to reach the knowledge of the main axes present in the theological narrative sequence. According to the narrator, God's character is the main protagonist of the story. God's action in history is due to His plan to save all people and unite them in the Trinitarian communion. God reveals Himself directly through theophanies and, indirectly, through the disciples of Jesus. The salvation plan of God finds its fulfillment in the death and resurrection of Jesus and in the fulfillment of the promise of the baptism in the Holy Spirit. God appears in the text as Savior and Communion. Through baptism He unites to Himself all disciples of Jesus. The fulfillment of the promise at Pentecost has as its center God's character whom revels himself in a sensitive way.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 1

CAPÍTULO 1: Narratividade e Teologia, 4

- 1. A noção de texto, 5
- 2. Narratividade, 8
- 3. Narrativa, 10
 - 3.1 Ficcionalidade, 11
 - 3.2 Entre a "história" e o "discurso", 12
- 4. As narrativas bíblicas, 13
 - 4.1 A prioridade da ação nas narrativas bíblicas, 13
 - 4.2 A nomeação de Deus no texto bíblico de gênero narrativo, 14
- 5. Narratologia e exegese, 16
 - 5.1 A narratologia, 16
 - 5.2 A análise narrativa, 17
 - 5.3 Que perguntas a análise narrativa faz a uma narrativa?, 18
- 6. Conceitos narratológicos fundamentais para a interpretação de At 1,1-2,41, 18
 - 6.1 Autor real, 19
 - 6.2 Autor implícito, 19
 - 6.3 Narrador, 20

- 6.4 A relação entre narrador e narratário, 21
- 6.5 Leitor, 22
- 6.6 Leitor implícito, 23
- 6.7 Intriga, 23
- 6.8 Personagem, 25
- 6.9 Redundância, 25
- 6.10 Perspectiva Narrativa, 25
- 7. Conclusão, 26

CAPÍTULO 2: Análise narrativa do personagem Deus em At 1,1-2,13, 29

- 1. A macroestrutura dos Atos dos Apóstolos, 30
- 2. O texto e a delimitação da sequência de At 1,1-2,41, 33.
 - 2.1 O texto, 33
 - 2.2 Os limites literários da sequência, 35
- 3. Análise da intriga de At 1,1-2,13, 37
 - 3.1 A promessa do Pai, At 1,1-11, 38
 - 3.1.1 O prólogo: vv. 1-3, 38
 - 3.1.2 A promessa do Pai: vv. 4-5, 41
 - 3.1.3 O tempo do Pai: vv. 6-8, 41
 - 3.1.4 A ascensão como obra simbólica de Deus: v. 9, 43
 - 3.1.5 A intervenção de Deus por meio dos anjos: vv. 10-11, 43
 - 3.2 Os discípulos esperam a promessa de Deus, At 1,12-26, 44
 - 3.2.1 Preparação para a vinda do Espírito (1,12-14), 45
 - 3.2.2 A eleição de Matias, At 1,15-26, 46
 - 3.3 A realização da promessa: At 2,1-13, 48
 - 3.3.1 A intervenção de Deus: At 2,1-2, 48
 - 3.3.2 A manifestação do Espírito de Deus: At 2,3-4, 49

4. Conclusão, 52

CAPÍTULO 3: O personagem Deus no discurso petrino de At 2,14-41, 57

- 1. Conteúdo e estrutura de At 2,14-40, 58
 - 1.1 Conteúdo e estrutura da primeira subunidade: At 2,14-36, 60
 - 1.1.1 Primeira parte (vv. 14-21), 60
 - 1.1.2 Segunda parte (vv. 22-28), 62
 - 1.1.3 Terceira parte (vv. 29-36), 63
 - 1.2 Conteúdo e estrutura da segunda subunidade: At 2,37-40, 65
- 2. Características da figura narrativa de Deus em At 2,14-40, 66
 - 2.1 O termo "Deus" (θεός) nos Atos dos Apóstolos, 66
 - 2.2 Análise do termo "Deus" no interior do discurso petrino, 68
 - 2.3 O título "Senhor" (κύριος) nos Atos dos Apóstolos, 69
 - 2.4 O título "Senhor" (κύριος) no discurso petrino, 70
 - 2.4.1 O título "Senhor" na primeira subunidade do discurso, 70
 - 2.4.2 O termo Senhor na segunda subunidade do discurso, 73
 - 2.5 O título "Pai" (πατήρ) no discurso petrino, 73
- 3. Conclusão, 74

CAPÍTULO 4: Os principais eixos teológicos na sequência de At 1,1-2,41, 77

- 1. Duas linguagens para revelar o personagem "Deus", 78
 - 1.1 A revelação implícita de Deus, 78
 - 1.2 A revelação explícita de Deus, 79
- 2 Como se articulam história de Deus e história da humanidade?, 80
 - 2.1 Função programática: Deus precede a história, 80
 - 2.2 Função performativa: Deus muda o rumo da história, 81
 - 2.3 Função interpretativa: Deus revela o sentido da história, 81
- 3. Os principais eixos teológicos, 83

3.1	A promessa do batismo no Espírito Santo: a revelação de Deus
Salvador, 83	
3.2	O apelo ao testemunho, 84
3.3	Deus como sujeito, 86
3.4	Um Deus que se comunica, 86
3.5	Jesus destinatário da ação divina, 87
3.6	A morte e a ressurreição de Jesus nos desígnios de Deus, 88
3.7	Os milagres como sinais do envolvimento de Deus na história, 89
3.8	O apelo à conversão, 90

4 Conclusão, 91

CONCLUSÃO, 93

BIBLIOGRAFIA, 102

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é o de conhecer o modo como o narrador revela ao leitor quem é Deus na primeira sequência dos Atos dos Apóstolos (At 1,1-2,41). Deus, nas narrativas bíblicas, é um personagem que se envolve com a história dos seres humanos. A atuação divina permite conhecer suas principais características como onipotência, onipresença, onisciência, misericórdia etc. Jesus e o Espírito Santo estão em estreita relação com Deus, possibilitando a compreensão da Trindade.

A dissertação limitar-se-á ao emprego exclusivo dos princípios oferecidos pela narratologia e pela análise narrativa, frutos da semiótica moderna.

O primeiro capítulo aprofundará os fundamentos da narratologia e da análise narrativa em sua relação com as narrativas bíblicas. As perguntas centrais deste primeiro momento serão: O que é um texto? Que se entende por narratividade? O que é uma narrativa? Qual a relação entre narratologia e teologia? Como se caracterizam as narrativas bíblicas? Como se apresenta o personagem Deus nas narrativas bíblicas? Como a análise narrativa questiona e estuda as narrativas bíblicas? Que conceitos fundamentais, oferecidos pela narratologia, podem ser utilizados na análise de At 1,1-2,41?

O ponto de partida será a elucidação da noção de texto dada pela narratologia. Aprofundar suas propriedades permitirá maior clareza na compreensão das realidades narradas. O segundo passo consistirá na análise das narrativas bíblicas.

As narrativas bíblicas, facilmente, revelam o agir divino por meio de suas ações. A nomeação de Deus ocorre nas entrelinhas de suas ações. Estes pressupostos nortearão o estudo da relação entre narratologia e exegese. O último passo do primeiro capítulo consistirá

no aprofundamento da compreensão da análise narrativa e dos conceitos narratológicos fundamentais para a compreensão de At 1,1-2,41.

Os capítulos dois, três e quatro serão compostos a partir da análise do personagem Deus. A primeira sequência narrativa dos Atos dos Apóstolos permite diversas abordagens narratológicas. Contudo, a dissertação se concentrará no personagem Deus.

A sequência de At 1,1-2,41 é mista por unir narração (At 1,1-2,13) e discurso (At 2,14-41). Por isso, o segundo capítulo dedicar-se-á ao estudo da parte narrativa e o terceiro, à parte discursiva.

O segundo capítulo terá presente a macroestrutura dos Atos dos Apóstolos, ou seja toda a intriga da obra. A compreensão da macroestrutura revelará a presença das diversas sequências que compõem o livro.

A análise narrativa fornece quatro critérios para a delimitação de uma intriga (os critérios do tempo, espaço, personagens e tema). Esses critérios serão utilizados para a delimitação da sequência a ser analisada.

O emprego dos quatro critérios fornece a percepção dos fios condutores empregados pelo narrador para conduzir o leitor. O estudo dos fios condutores mostrará como o narrador inseriu o personagem Deus na sequência e como o caracterizou.

O capítulo três dedicar-se-á ao estudo narrativo do discurso petrino. O discurso é composto de três partes (At 2,14-21.22-28.29-36). Cada parte será analisada somente em vista da compreensão do personagem Deus, apresentado com três títulos: Deus, Senhor e Pai.

O quarto capítulo basear-se-á nos resultados obtidos nos capítulos dois e três. O objetivo do último capítulo será sistematizar os principais eixos teológicos que esses capítulos fornecerão.

A análise da sequência escolhida nesta dissertação servir-se-á da tradução feita pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)¹ e do original grego apresentado por Westcoot e Hort².

A importância desta dissertação consiste em verificar os fundamentos da fé cristã no âmbito da primeira comunidade cristã. Deus é o autor da promessa do recebimento do

¹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Biblia Sagrada*. Tradução da CNBB com introdução e notas. Brasília: CNBB, [s.d.].

² WESTCOOT, Brooke - HORT, Fenton. *The New Testament in the original Greek*, 1881. Url: http://www.qbible.com/greek-new-testament/. Consulta feita em: 01/10/2012.

Espírito Santo. A realização desta promessa deu início à Igreja. A análise narrativa do evento Pentecostes, na primeira sequência dos Atos dos Apóstolos, fornece uma contribuição singular para o aprofundamento da fé na primeira pessoa da Santíssima Trindade.

CAPÍTULO 1

Narratividade e Teologia

A relação entre narratividade e teologia nasce da noção de texto. Os avanços da compreensão do texto, oriundos dos estudos literários a partir da década de setenta, permitiram uma nova abordagem do gênero literário narrativo. A noção de narratividade propiciou notórios avanços no campo do estudo das narrativas bíblicas. Desta maneira surge a análise narrativa como método de estudo para as narrativas tanto do Antigo Testamento, quanto do Novo Testamento.

A compreensão da narratividade alicerça-se na compreensão do texto. Por isso, a primeira questão a ser abordada neste capítulo é: O que é um texto? Como compreender sua ontologia enquanto escrito? A resposta exige analisar o texto em sua dimensão estrutural, transfrásica e simbólica.

O próximo passo consiste em considerar o texto enquanto narratividade. A narratividade é um elemento estruturante, que confere ao texto características próprias. Para compreender essas características é preciso perguntar-se: O que é narratividade?

A narratividade é o elemento causante da narrativa. Compreender este conceito, segundo a narratologia contemporânea, é fundamental para a compreensão das narrativas bíblicas. Por isso, após a análise da narratividade, será necessário estudar sua principal consequência, a narrativa. Existem diversos tipos de narrativas. No caso desta pesquisa, exige-se compreender as características de uma narrativa histórica e as características de uma narrativa ficcional. As narrativas bíblicas se inserem no contexto de ambas.

As narrativas bíblicas são uma forma particular de narrativa literária. O principal elemento deste tipo de narrativa é a presença do personagem Deus. Por isso, as perguntas

fundamentais para este próximo passo são: Como compreender as narrativas bíblicas? Como compreender o personagem Deus nas narrativas bíblicas?

Após compreender a noção do texto, a narratividade como elemento causante das narrativas, as diferentes narrativas literárias (históricas e ficcionais) e as características particulares das narrativas bíblicas, o objetivo consistirá em compreender como as narrativas são atualmente estudadas.

A narrativa literária é o objeto de estudo da narratologia que fornece os princípios teóricos necessários para a compreensão das narrativas. No âmbito da exegese, a aplicação desses pressupostos teóricos acontece na análise narrativa. Para aprofundar o conhecimento da narratologia e da análise narrativa é preciso ter presente as seguintes questões: Qual a relação entre narratologia e teologia? Como a análise narrativa questiona as narrativas bíblicas?

A relação entre narratividade e teologia faz emergir conceitos fundamentais da narratologia, aplicáveis a At 1,1-2,41. Entre eles, se podem elencar: autor real, autor implícito, narrador, relação narrador-narratário, leitor, leitor implícito, intriga, personagem, redundância e perspectiva narrativa.

Portanto, as questões propostas para este primeiro capítulo são: O que é um texto? Que se entende por narratividade? O que é uma narrativa? Qual a relação entre narratologia e teologia? Como se caracterizam as narrativas bíblicas? Como se apresenta o personagem Deus nas narrativas bíblicas? Como a análise narrativa questiona e estuda as narrativas bíblicas? Que conceitos fundamentais, oferecidos pela narratologia, podem ser utilizados na análise de At 1,1-2,41?

1. A noção de texto

O primeiro passo, ao analisar um texto, segundo o método da análise narrativa, consiste em aprofundar na noção de texto. Segundo Ricoeur, "o texto é primeiramente um anel em uma corrente comunicativa: em primeiro lugar, uma experiência de vida é levada à linguagem, torna-se discurso; depois, o discurso se diferencia em fala e em escrita". O texto é uma comunicação de um destinador para um destinatário. Esta comunicação pode ser feita de diversos modos por meio dos gêneros literários. Independentemente do gênero literário em

³ RICOEUR, Paul. "Entre filosofía e teologia II: nomear Deus" (1977). In: Leituras 3: nas Fronteiras da Filosofía. São Paulo: Loyola, 1996, 184.

que foi escrito, o texto é um todo significante. Possui uma verdade simbólica interna, sobre a qual se alicerça a verdade do texto. Uma vez que o texto é escrito, automaticamente, se torna autônomo em relação a seu autor real. Esta autonomia faz com que seja aberto a uma infinidade de releituras. Com isso, o texto passa a ter seu mundo próprio.

Ao libertar-se de seu autor, o texto passa a ser polissêmico. A polissemia do texto reforça-se ao se libertar da presença física de seu primeiro produtor. A este respeito, Ricoeur ensina:

Ao libertar-se de seu destinatário primeiro, o texto se liberta de seu autor, isto é, da psicologia do homem por trás da obra, da compreensão que esse homem tem de si mesmo e de sua situação, de sua relação de autor com seu primeiro público, destinatário originário do texto. Esta tripla independência do texto em relação ao autor, ao seu contexto e ao seu destinatário primeiro, explica porque os textos estejam abertos para incontáveis recontextualizações pela escuta e pela leitura⁴.

Esta independência do texto é ensinada, também, por Wolfgang Iser. Para ele, um mesmo texto pode ser objeto de leituras diversas, contrastantes; que todo texto é, por definição, polissêmico, ambíguo e rico de numerosos "potenciais de significação", não esgotados pelo leitor, o qual se nutre de interpretações múltiplas e variadas⁵.

Embora o texto seja aberto a diversas interpretações, não deixa de possuir um sentido que lhe é próprio, ou seja, não perde a sua verdade. Ricoeur afirma que "não basta substituir um texto na corrente comunicativa para arruinar a hipóstase do texto em si. É preciso atacá-lo em sua hipótese mais central, pois, a escrita opera no discurso uma mutação fundamental concernente à relação entre o sentido e a referência"⁶.

Por sentido é preciso entender, na perspectiva da referência abolida, uma rede de relações puramente internas ao texto, quer se trate da relação hierárquica pela qual unidades de ordem inferior são integradas a unidades de ordem superior, ou da relação entre a mensagem de superfície e os códigos subjacentes, ou da combinação entre códigos diversos no interior do mesmo texto, ou ainda da citação de alguns códigos exteriores ao texto⁷.

O sentido do texto encontra-se na relação de suas três propriedades essenciais, ou seja, em sua estrutura, no sentido transfrásico e no sentido simbólico. A análise da estrutura é

-

⁴ RICOEUR, Paul. "Entre filosofia e teologia II: nomear Deus", 183-184.

⁵ Cf. HORELLOU-LAFARGE, Chantal. *Sociologia da Leitura*. Cotia: Atelie Editorial, 2010, 139.

⁶ RICOEUR, Paul. "Entre filosofia e teologia II: nomear Deus", 185.

⁷ *Idem*, 185.

muito importante, pois mostra a quantidade das partes, o conteúdo e a substância que as compõem⁸. A estrutura de um texto permite sua logicidade e entendimento.

A lógica de um texto é dada por sua estrutura. A estrutura é composta por frases e orações, que possuem um sentido. Todavia, o sentido isolado de cada frase não é capaz de estabelecer a verdade do texto. A verdade do texto dá-se em seu conjunto. Cada frase, cada termo, recebe seu sentido no conjunto do texto.

O conjunto do texto possui articulações, as quais fornecem os mecanismos que permitem a compreensão de cada frase, e, consequentemente, de cada termo que a compõe. Ricoeur, tendo presente esta perspectiva, ensina que a análise estrutural é uma etapa intermediária (a ser ultrapassada), mas necessária para a inteligência hermenêutica⁹. Com isso, é importante ter presente que um texto possui uma estrutura fundamental para a sua compreensão, porém, seu significado ultrapassa o conteúdo das frases, do ponto de vista semântico, fazendo com que seu sentido seja extralinguístico, em outras palavras é o que ele chama de texto "transfrásico".

O sentido transfrásico do texto exige uma leitura simbólica, por sua intenção perlocutória. O texto é simbólico, enquanto comunicador da experiência primeira do autor. Por meio do texto, busca unir o leitor à experiência que deseja comunicar.

A verdade do texto possui sua expressão mais arcaica no símbolo. Ricoeur tratando sobre a simbólica do mal afirma que "uma meditação sobre os símbolos parte da plenitude da linguagem e do sentido já presente" Antes do texto, há a experiência humana diante de um fenômeno que depois se traduz em "experiência da confissão" Esta confissão, em um segundo momento, recebe uma elaboração mental, traduzida naquilo que Ricoeur chama de símbolos míticos, que comportam a dimensão narrativa, com personagens, lugares e tempos fabulosos, contando, assim, o começo e o fim dessa experiência 13.

A experiência da confissão é expressa em símbolos, já contidos no sentido literal. Porém, o sentido literal visa a um sentido mais profundo que está, como que, escondido nele.

O sentido literal visa, além de si mesmo, alguma coisa que é como uma mancha, como um desvio, como um fardo. Assim, ao contrário dos signos

⁸ Cf. WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, 248.

⁹ Cf. RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Porto: Rés, 1988, 63. ¹⁰ Cf. *Idem*. 78-79.

¹¹ *Idem*, 242.

¹² Cf. *Idem*, 243.

¹³ Cf. *Idem*, 244.

técnicos, perfeitamente transparentes, que só dizem o que querem dizer, ao colocar o significado, os signos simbólicos são opacos porque o sentido primeiro, literal, patente, visa ele próprio, analogicamente, um sentido segundo que não é dado de outra maneira senão nele. Essa opacidade é a própria profundidade do símbolo, que o torna inesgotável ¹⁴.

Dufour explica a relação entre o simbólico e o real, nos seguintes termos:

A despeito do uso banal da palavra, 'simbólico' não se opõe de modo algum a 'real', pelo contrário, só é simbólico aquilo que apresenta uma realidade com a qual quem o olha entra em comunhão. A palavra 'símbolo' significa 'por junto': um símbolo une duas entidades, a que é imediatamente perceptível pelos sentidos e a invisível, que é visada; esta transparece imediatamente na primeira¹⁵.

Conclui-se que o texto é um todo significante. A verdade de um texto pode ser percebida e assimilada de diferentes maneiras, pois o texto é essencialmente polissêmico. Embora polissêmico, o texto não é objeto de qualquer constatação. Possui elementos próprios que delimitam seu sentido e sua interpretação. Esses elementos são distribuídos ao longo de sua estrutura. A estrutura de um texto é o primeiro elemento sobre o qual se deve construir sua interpretação. Entretanto não encerra em si o sentido do texto. O sentido do texto encontra-se por detrás das palavras. As palavras que compõem um texto são elementos simbólicos, por serem portadoras da experiência feita por seu autor.

No caso do gênero literário narrativo, a estrutura e, consequentemente, o sentido transfrásico e simbólico do texto são elementos oriundos de sua narratividade.

2. Narratividade

O desenvolvimento da semiótica precisou a noção de narratividade, a partir da década de setenta. O termo passa a ser considerado como o princípio organizador de todo e qualquer discurso¹⁶. Narratividade é uma forma organizada de se contar uma história.

Para aprofundar a compreensão do conceito torna-se conveniente um inventário crítico das diversas definições do conceito. Para o grupo de Entrevernes, a narratividade é o "fenômeno de sucessão de estados e transformações, inscrito no discurso e responsável pela

¹⁴ RICOEUR, Paul. O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica, 244.

¹⁵ LÉON-DUFOUR, Xavier. Leitura do Evangelho segundo João. I. São Paulo: Loyola, 1996, 24.

¹⁶ Cf. MURATA, Elza Kioko Nakayama Nenoki. *Em busca da casa perdida: vozes e imaginário de meninos de rua*. São Paulo: Annablume, 2005, 43.

produção de sentido"¹⁷. No interior do discurso, ocorre uma dinamicidade, um movimento contínuo de transformações que se sucedem. De forma semelhante, Greimas define o termo como a "irrupção do descontínuo na permanência discursiva de uma vida, de uma história, de um indivíduo, de uma cultura, o que permite desarticular essa permanência discursiva em estados discretos entre os quais ela (a narratividade) situa transformações"¹⁸. A definição da *transformação* como manifestação da narratividade une o pensamento de ambos.

A narratividade pode ser compreendida, também, sob a ótica do receptor do texto. Prince adota esta concepção, que se difere totalmente de Greimas. Para ele,

A narratividade de um texto depende da medida em que o texto concretiza a expectativa do receptor, representando totalidades orientadas temporalmente, envolvendo uma qualquer espécie de conflitos e constituídas por eventos discretos, específicos e concretos, totalidades essas significativas em termos de um projeto humano e de um universo bem humanizado¹⁹.

As diversas concepções do conceito demonstram que a narratividade é uma qualidade presente nos textos narrativos de todas as épocas, não somente em textos literários, mas também em textos não-literários²⁰. Nesta perspectiva, Dijk entende os textos narrativos como formas básicas da comunicação social, pressupondo a narratividade como elemento central de diversos tipos de textos:

Depois das narrações 'naturais', aparecem em segundo lugar os textos narrativos que apontam para outros tipos de contexto, como as anedotas, mitos, contos populares, as sagas, lendas etc., e em terceiro lugar, as narrações, frequentemente muito mais complexas, que geralmente circunscrevemos com o conceito de 'literatura': contos, romances, etc²¹.

Tratando-se exclusivamente das narrações, Dijk insiste na noção de que toda narrativa vem de uma superestrutura articulada. Segundo ele, no desenrolar de uma ação verifica-se uma complicação, solicitando uma resolução. Estas duas categorias formam o núcleo narrativo (o evento), o qual, juntamente com a moldura, forma a intriga. Verifica-se, nas produções narrativas, a presença de estruturas fixas. Neste sentido, há uma lógica narrativa que leva a configurar uma gramática narrativa universal²². A narratividade está

9

¹⁷ GROUPE D'ENTREVERNES. *Analyse sémiotique des textes*. Lyon: Presses Univertaires de Lyon, 1979, 14.

¹⁸ GREIMAS, Algirdas Julius. *Du sens II: Essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983, 43.

¹⁹ PRINCE, Gerald. Narratology. The form and functioning of narrative. New York: Mouton, 1982.

²⁰ Cf. REIS, Carlos – LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*,71.

²¹ DIJK, Teun A. Van. *La ciencia dei texto: un enfoque interdisciplinario*. Buenos Aires: Paidós, 1983, 154

²² Cf. BREMOND, Claude. *Logique du récit*. Paris: Seuil, 1973, 330.

ligada à capacidade possuída pelo texto narrativo para permitir ao receptor o acesso a ações de dimensão humana, englobadas em estruturas coerentes dentro de uma narração.

A narratividade é o conjunto das características que fazem de um texto uma narrativa, diferente do discurso ou da descrição. Os traços narrativos, pelos quais se identifica um relato, diferenciam-se dos traços discursivos, pelos quais se identifica um discurso (que interpela diretamente o destinatário)²³.

Portanto, a narratividade é um movimento no interior de um discurso que suscita transformações. Ela, por meio de conflitos, fornece ao receptor totalidades significativas. Essas podem estar presentes em diversos tipos de produção narrativa, escritas ou não. A narratividade se manifesta, dando ao texto estruturas fixas, pelas quais pode ser chamado de narrativa.

3. Narrativa

O termo narrativa é compreendido de diversas maneiras: enquanto enunciado, como o conjunto de conteúdos representado por esse enunciado, como o ato de relatar²⁴ esses conteúdos e, ainda, como modo²⁵. Uma narrativa pode se apresentar de diferentes modos (narrativa de imprensa, historiografía, relatórios, anedotas, histórias em quadrinhos, cinema, narrativa literária etc.). Nesta diversidade de narrativas, encontra-se a narrativa literária.

A narrativa literária é formada por textos, normalmente, de índole ficcional, estruturados por códigos e signos. Adam, em *Décrire des actions*, enumera quatro parâmetros da narrativa²⁶. Para que haja narrativa, é preciso primeiramente uma sucessão temporal de ações ou fatos. Segundo, a presença de um agente-herói, animado por uma intenção que leva a narrativa ao seu fim. Terceiro, um enredo que sobrepuje a cadeia das peripécias e as integre na unidade de uma mesma ação. Quarto, uma relação de causalidade-consecução, estruturando o enredo mediante um jogo de causas e efeitos. Denhière propõe o seguinte resumo:

• uma exposição, que comporta a descrição dos personagens principais, do lugar, do tempo, da situação inicial;

²³ MARGUERAT, Daniel - BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas. Iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009, 13.

²⁴ Cf. GENETTE, Gerárd. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972, 71-72.

 ²⁵ Cf. FOWLER, Alastair. Kinds of literature. An introduction to the theory of genres and modes.
 Cambridge: Harvard University Press, 1982, 235-240.
 ²⁶ ADAM, Jean-Michel. Décrire des actions: raconter ou relater? In: Littérature. 95. 1994, 3-22.

²⁶ ADAM, Jean-Michel. *Décrire des actions: raconter ou relater?* In: *Littérature*. 95. 1994, 3-22. Url: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/litt_0047-4800_1994_num_95_3_2336. Consulta feita em: 01/10/2012.

- uma complicação, ou nó da intriga que, em referência à situação inicial, descreve um ou mais acontecimentos específicos notáveis;
- uma resolução, ou o desfazer da intriga, que remete às ações realizadas pelos personagens principais após os acontecimentos da complicação;
- uma avaliação que especifica as reações mentais do personagem/narrador do episódio;
- uma moral: categoria que, como a anterior, é opcional, estando na maioria das vezes implícita²⁷.

Esses parâmetros que estruturam uma narrativa literária se manifestam tanto nas narrativas ficcionais quanto nas históricas. Em outras palavras, enquanto a ficcionalidade está ligada à ideia de uma narração baseada em uma história imaginária, a historicidade está ligada a uma narração de caráter científico.

A narrativa literária, portanto, é modelada ou pelos atributos presentes na ficcionalidade ou pelos atributos próprios de uma narrativa histórica.

3.1 Ficcionalidade

Na narratologia, o termo ficcionalidade recebe diversas conotações. De certa forma, trata-se de uma narrativa inventada, ou seja, seu conteúdo tem origem na imaginação do autor. Porém, esta história possui características pertencentes ao mundo real. A narratologia serve-se da "intencionalidade" e da abordagem de tipo contratualista para explicá-la.

A ficcionalidade pode ser concebida em termos de intencionalidade. Neste sentido, a narrativa constrói-se na intencionalidade do autor, ou seja, a história narrada é fruto da imaginação do autor. A este tipo de abordagem associa-se a do tipo contratualista. Nesta perspectiva, não existe um corte radical e irreversível com o mundo real.

As práticas ficcionais, embora possuam uma pseudo-referencialidade, comportam uma dimensão perlocutória no receptor²⁸. A ficção exerce efeito sobre o receptor, por ter os mesmos mecanismos presentes em uma história real como personagens, tempo etc. Por isso, é, também, uma via de humanização. Portanto, a narrativa deste gênero estabelece uma relação entre o texto e o leitor.

11

²⁷ PIETRARÓIA, Cristina Moerbeck Casadei. *Questões de leitura: aspectos práticos e teóricos da leitura em francês língua estrangeira*. São Paulo: Annablume, 2001, 91.

²⁸ Cf. REIS, Carlos – LOPES, Ana Cristina. Dicionário de teoria da narrativa, 44.

O leitor torna-se um cooperador na interpretação da narrativa, pois infunde nela suas próprias atitudes epistêmicas.

Em nível da história, cada texto narrativo apresenta-nos um mundo com indivíduos e propriedades, um mundo possível cuja lógica pode não coincidir com a do mundo real (é o que acontece nos contos maravilhosos, nas narrativas fantásticas ou na ficção científica). Os diferentes estados de uma história constituem estados de um mundo narrativo que se constrói progressivamente no processo de leitura de um texto. No interior da história, surgem ainda os chamados mundos epistêmicos, definidos em função das crenças e pressuposições das personagens (ideologias, atitudes ético-morais, opções axiológicas, etc.). Por outro lado, na relação de cooperação interpretativa, o leitor introduz na história, através de mecanismos de inferência e previsão, as suas próprias atitudes epistêmicas²⁹.

A ficcionalidade, em uma narrativa de cunho contratual, como foi dito, pode assumir elementos históricos, embora sua referência persista na intencionalidade do autor. Neste sentido, os instrumentos que utiliza são os mesmos da biografia, da autobiografia, do romance etc.

A ficção não é inútil para a cultura humana, pois é reflexo de sua capacidade artística e criatividade. Ela perpassa a história, desde a Antiguidade clássica e o Helenismo, até o mundo moderno. Retira o leitor da ociosidade, torna-se cultura e, também, lazer, além de ser um instrumento de comunicação com diversos tipos de público³⁰. Numa outra perspectiva literária, encontra-se a narração de cunho mais epistêmico, cuja referência são os fatos reais da experiência humana.

3.2 Entre a "história" e o "discurso"

Diversos autores propõem a distinção entre o plano de conteúdo e o plano de expressão em uma narrativa. Por exemplo, Todorov faz a distinção entre "história" e "discurso"; Genette estabelece a distinção entre "história" e "narração"; Bremond serve-se do "récit raconté" e "récit racontant" É importante compreender a distinção entre esses dois planos para compreender melhor as narrativas literárias.

O plano de conteúdo compreende a sequência de ações, a relação entre personagens, a localização dos eventos em um contexto temporal ou espacial etc. O plano de expressão é o discurso narrativo propriamente dito. Manifesta-se através da linguagem verbal,

²⁹ REIS, Carlos – LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*, 45.

³⁰ Cf. BACHTIN, Mikhail. *Estetica e romanzo*. II. Torino: Einaudi, 1979, 480.

³¹ Cf. REIS, Carlos – LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*, 49.

de imagens, gestos etc. Em outras palavras, o plano de expressão refere-se à maneira como o narrador dá a conhecer ao leitor o conteúdo da história por meio da narração.

Essa diferenciação dos termos serve para elucidar dois aspectos essenciais de uma composição. Por isso, não devem ser tratados como entidades autônomas em um texto.

A história de uma narrativa revela-se a partir de uma sequência temporal e logicamente ordenada de eventos. No caso de uma narrativa histórica, é possível admitir a existência de um referente empírico pré-textual³². Contudo, no caso da narrativa literária torna-se extremamente problemático definir o estatuto ontológico da história sem colocar a questão da ficcionalidade³³. Genette, a este respeito, afirma que, na narrativa literária, o ato de narração produz simultaneamente uma história e um discurso, dois planos inseparáveis que só uma exigência metodológica poderia separar³⁴.

Os dois elementos, história e discurso, são essenciais na composição de uma narrativa histórica. Portanto, não há como separar a ficcionalidade de sua composição. As narrativas bíblicas, por serem narrativas literárias históricas, possuem esses dois elementos.

4. As narrativas bíblicas

As narrativas bíblicas possuem características semelhantes às narrativas literárias seculares. Porém, possuem particularidades que devem ser ressaltadas. O conhecimento dessas particularidades é necessário para a sua interpretação. Neste sentido destaca-se, sobretudo, a prioridade da ação e a nominação de Deus.

4.1 A prioridade da ação nas narrativas bíblicas

Nas narrativas bíblicas, o narrador prioriza mais a ação do que a descrição. As descrições são mínimas, em todo o conjunto das narrativas bíblicas. Em geral, os autores bíblicos privilegiam os elementos que enfatizam a ação em seus relatos: discussões, decisões, ações, e, sobretudo, diálogos³⁵.

Consequentemente, é normal que o interesse pela psicologia dos personagens seja colocada em um segundo plano. O gosto pela introspecção, típico da idade moderna, é

³³ Cf. *Idem*, 50.

³² Cf. REIS, Carlos – LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*, 50.

³⁴ Cf. GENETTE, Gerárd. *Nouveau discours du récit.* Paris: Seuil, 1983, 11.

³⁵ Cf. SKA, Jean-Luis; SONNET, Jean-Pierre; WENIN, André. Análisis narrativo de relatos del Antiguo Testamento. Navarra: Verbo Divino, 2001, 10.

estranho aos escritores bíblicos³⁶. Os personagens estão inteiramente a serviço da ação. Por isso, os sentimentos dos personagens, seus conflitos interiores, seus pensamentos etc., são conflados ao trabalho do leitor.

Outros aspectos colocados em segundo plano nas narrativas bíblicas são a presença de detalhes (por exemplo: os adjetivos em geral, os detalhes das casas, animais, decorações etc.), a presença de personagens secundários (esses aparecem, geralmente, quando são indispensáveis), as diferenças de raças, línguas e classes sociais etc³⁷.

Quanto à presença da ação, o relato bíblico privilegia uma só ação, ou seja, é unilinear, pois não apresenta, diante de uma única ação, várias intrigas paralelas. Ao mesmo tempo, não exclui digressões, pois é comum a interrupção de relatos por episódios³⁸.

A prioridade da ação, nas narrativas bíblicas, tem importantes consequências na maneira de tratar os personagens. Em geral, o personagem atuante em uma cena é um só; os grupos são tratados como personagens coletivos; os diálogos são sempre entre duas pessoas e o número de personagens é limitado em um episódio³⁹. Constata-se, além desses elementos, a presença de repetições de episódios e contradições nas narrativas bíblicas. As narrativas bíblicas possuem um estilo particular e bem delimitado. É a partir dele que se compreende o principal personagem nela presente: Deus.

4.2 A nomeação de Deus no texto bíblico de gênero narrativo

O gênero narrativo é um dos diversos gêneros literários presentes no texto bíblico. A Bíblia é, sobretudo, um livro teológico. Seu objetivo consiste sobretudo, em demonstrar a revelação divina ao ser humano e suscitar-lhe uma resposta. O modo como Deus é revelado nos textos bíblicos possui características comuns.

No texto bíblico, a nomeação de Deus acontece de modo polifônico⁴⁰. Ou seja, acontece através de "formas complexas de discurso tão diversas quanto narrações, profecias, legislações, provérbios, preces, hinos, fórmulas litúrgicas, escritos sapienciais. Essas formas

³⁸ Cf. *Idem*, 13.

³⁶ Cf. SKA, Jean-Luis; SONNET, Jean-Pierre; WENIN, André. *Análisis narrativo de relatos del Antiguo Testamento*, 10.

³⁷ *Idem*, 11-12.

³⁹ Cf. *Idem*, 14.

⁴⁰ Cf. RICOEUR, Paul. "Entre filosofia e teologia II: nomear Deus", 189.

de discurso nomeiam Deus todas juntas. Mas elas o nomeiam diversamenteⁿ⁴¹. As diversas formas são interligadas dialeticamente.

Ricoeur confirma-o dizendo: "Deus é nomeado diversamente na narração que o conta, na profecia que fala em Seu nome, na prescrição que o designa como fonte do imperativo, na Sabedoria que o procura como sentido do sentido, no hino que o invoca na segunda pessoa"⁴². Portanto, os textos da Escritura, tanto os do Antigo como os do Novo Testamento, se apresentam ao leitor com uma grande variedade de composições, de gêneros literários e de estilos. Como todo texto, são obras de linguagem marcadas por um estilo e um modo de composição.

Há um primado da estrutura narrativa nos escritos bíblicos⁴³. A nominação de Deus é, primeiramente, uma nominação narrativa.

A teologia das tradições nomeia Deus em concordância com um drama histórico que se conta como uma narrativa de libertação. Deus é o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Ele é assim o Atuante da grande gesta de libertação. E seu sentido de Atuante é solidário dos acontecimentos fundadores nos quais a comunidade de interpretação se reconhece enraizada, instaurada, instituída. São os próprios acontecimentos que nomeiam Deus⁴⁴.

Uma nominação narrativa é, essencialmente, uma constatação, um testemunho de uma experiência feita com algo ou alguém. No caso bíblico, trata-se de uma experiência feita com Deus por alguém, a qual, em seguida, é interpretada e narrada. Como são os próprios acontecimentos que o revelam, Deus era "então nomeado na terceira pessoa no horizonte do acontecimento contado" Portanto, Deus no texto é um personagem narrado em terceira pessoa, tanto no Antigo Testamento (Pentateuco, livros históricos), quanto no Novo Testamento (Evangelho e Atos dos Apóstolos).

Nas narrativas bíblicas, verifica-se, primeiramente, uma experiência feita por alguém ou pela comunidade. Esta experiência em seguida, é transmitida por meio de recursos narrativos. O ponto central não são os dados presentes no interior do texto, mas sua ligação com a atuação de Deus na história contada. Embora presente em terceira pessoa, o personagem Deus é o principal protagonista das narrativas. Porém, nem sempre aparece de forma clara e explícita. Muitas vezes, sua atuação é percebida, somente, através da leitura atenta ao texto. A análise narrativa é um recurso que permite essa leitura. Portanto, antes de

43 Cf. *Idem*, 191.

⁴¹ RICOEUR, Paul. "Entre filosofia e teologia II: nomear Deus", 190.

⁴² *Idem*, 194.

⁴⁴ *Idem*, 191.

⁴⁵ *Idem*, 192.

adentrar no tema proposto nesta dissertação, faz-se necessário conhecer os principais fundamentos deste método, para depois aplicá-lo à perícope escolhida.

5. Narratologia e exegese

Para estudar uma narrativa existe atualmente a narratologia. A narratologia é uma área de reflexão do tipo teórico-metodológica autônoma, centrada na narrativa como modo de representação literária e não-literária. Além disso, analisa os textos narrativos através da teoria semiótica. Os princípios de abordagem empregados pela narratologia são, também, empregados pela exegese bíblica. Na exegese, esta maneira de abordar os textos de gênero narrativo, segundo os princípios dados pela narratologia, é chamada de Análise Narrativa.

5.1 A narratologia

Diversas são as propostas de definição do termo narratologia. No entanto, reconhece-se nelas sua especificidade. Gerbase define-a da seguinte maneira: "A narratologia (teoria da narrativa) estuda as noções de enredo, de diferentes tipos de narradores e suas técnicas narrativas"⁴⁶. Para Bal, "a narratologia é a ciência que procura formular a teoria das relações entre texto narrativo, narrativa e história"47. Segundo Prince, "a narratologia é o estudo da forma e funcionamento da narrativa" ⁴⁸. Em outras palavras, a narratologia concebe a narrativa de forma orgânica. Ela procura descrever, sistematicamente, os códigos que estruturam a narrativa, seja esta literária, verbal, cinematográfica, história de imprensa e em quadrinhos.

A narratologia interessa-se pela narração, entendida como enunciação narrativa⁴⁹. Por isto busca, compreender seus mecanismos internos. Segundo Barthes, a atenção que a narratologia atribui ao plano da história funda-se na contribuição dada pela análise estrutural⁵⁰. Segundo ele, o texto possui um caráter orgânico, uma gramática narrativa, estabelecida quer em termos funcionais, quer em termos sequenciais⁵¹. "Quando se utiliza a

⁴⁶ GERBASE, Carlos. *Impactos das tecnologias digitais na narrativa cinematográfica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, 59.

⁴⁷ BAL, Mieke. Narratologie; essais sur la signification narrative dans quatre romans modernes. Paris: Klincksieck, 1977, 79.

48 PRINCE, Gerald. Narratology. The form and functioning of narrative, 4.

⁴⁹ Cf. REIS, Carlos – LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*,58.

⁵⁰ Cf. BARTHES, Roland. Introduction à l'analyse structurale du récit. Revue Communications. Paris, 8, 1966, 1-10.

⁵¹ Cf. *Idem*, 1-10.

expressão gramática narrativa, pressupõe-se de imediato que o texto narrativo tem unidades e regras específicas, uma estrutura e um funcionamento que é possível descrever tal como se descreve a organização das línguas naturais".⁵².

Portanto, toda narrativa é formada por um conjunto orgânico de enunciados, por uma narração, por uma estrutura, por uma gramática narrativa. A narratologia encarrega-se destes elementos, visando a uma compreensão cada vez mais profunda desses mecanismos presentes na narração. Tal compreensão propicia o entendimento semântico das narrativas. Enquanto a narratologia visa a compreender os mecanismos da narração, a análise narrativa busca compreender sua mensagem.

5.2 A análise narrativa

A exegese bíblica serve-se de todo este aparato dado pela narratologia para analisar as narrativas bíblicas, através do método chamado de análise narrativa. Na análise narrativa toda leitura se faz a partir do questionamento feito ao texto.

Na exegese, o texto bíblico pode ser abordado de diferentes maneiras. O método histórico-crítico se interessa pelo mundo histórico por detrás do texto. A análise semiótica, pelo texto em si mesmo. Na análise semiótica, somente a estrutura do texto é levada em conta; nenhuma informação é tirada de fora do texto. A pergunta da análise narrativa é: como o autor comunica sua mensagem ao leitor? Marguerat afirma que o estudo "recai sobre a estrutura que permite à mensagem atingir o efeito buscado pelo emissor"⁵³. Ou seja, o texto possui uma estrutura construída de forma a gerar um efeito no leitor. A análise narrativa considera este efeito e a maneira como o texto conduz o leitor a seu encontro.

A análise narrativa é uma das leituras ditas pragmáticas, que se aplicam a procurar o efeito do texto no leitor. O texto, por sua estrutura e conteúdo, a um só tempo explícito e implícito, guia a imaginação do leitor, controlando-a⁵⁴. Por isso, a análise narrativa recusa-se a reconstruir o ambiente social e cultural do texto. Não substitui o estudo histórico-crítico, mas destaca informações que lhe escapam. Encara o texto como um processo de comunicação entre autor e leitor. Nesta perspectiva formula uma série de questões para compreender o sentido deste processo de comunicação entre autor-leitor.

 $^{^{52}}$ REIS, Carlos – LOPES, Ana Cristina. $\it Dicion\'ario$ de teoria da narrativa, 163.

⁵³ MARGUERAT, Daniel - BOURQUIN, Yvan. Para ler as narrativas bíblicas. Iniciação à análise narrativa. 16.

⁵⁴ Cf. HORELLOU-LAFARGE, Chantal. *Sociologia da Leitura*, Cotia: Atelie Editorial, 2010,139.

5.2.1 Que perguntas a análise narrativa faz a uma narrativa?

Existem muitas maneiras de narrar uma história. A forma de narrar não é indiferente ao sentido do texto. Pelo contrário, muitas vezes é determinante⁵⁵. Por isso, a análise narrativa se pergunta pelo como da narração. Sabendo que toda narrativa é uma comunicação entre um emissor (narrador) e um receptor (o leitor), busca compreender a "estratégia narrativa" que forma a mensagem (narração). Além disso, a análise narrativa é atenta às repetições presentes na narração, tanto de termos quanto de relatos semelhantes.

Para compreender a história narrada, as principais perguntas que se faz ao texto são: Como a narrativa foi construída? Como o narrador estruturou a intriga? Qual é o objetivo da intriga, o desenlace de um conflito ou a revelação de uma verdade oculta? Quais são os ritmos empregados pelo narrador nos diversos momentos de seu relato e qual o efeito que produzem? Como faz para manter o suspense e a atenção do leitor? Como conduz o leitor a descobrir o que está oculto no relato? Como se serve das repetições na narrativa? Quais são os personagens que o narrador coloca em cena e como os relaciona entre si? Como os caracteriza? Quais são as técnicas (diálogos, monólogos, descrição direta, apreciações explícitas etc.) privilegiadas pelo narrador no relato?

Para compreender o narrador, as principais perguntas são: Sob que perspectiva o narrador considera as coisas e os acontecimentos? Como se manifesta no texto, de forma a conduzir o leitor a compartilhar seus valores?

Conclui-se que a narratologia fornece à análise narrativa o aparato prático e teórico para abordar as narrativas bíblicas. As narrativas bíblicas possuem sua especificidade. Por isso, o próximo passo consistirá em analisar os conceitos fundamentais, teorizados pela narratologia, empregados na análise narrativa de At 1,1-2,41.

6. Conceitos narratológicos fundamentais para a interpretação de At 1,1-2,41

Os conceitos fundamentais, oferecidos pela narratologia, presentes em At 1,1-2,41 são: autor real, autor implícito, narrador, a relação entre narrador e narratário, leitor, leitor implícito, intriga, personagem, redundância e perspectiva narrativa.

⁵⁵ SKA, Jean-Luis; SONNET, Jean-Pierre; WENIN, André. *Análisis narrativo de relatos del Antiguo Testamento*, 7.

6.1 Autor real

O autor é a entidade, materialmente, responsável pelo texto narrativo⁵⁶. Tacca explica o termo da seguinte maneira: "A categoria de 'autor' é a do escritor que põe todo o seu oficio, todo o seu passado de informação literária e artística, todo o seu caudal de conhecimento e ideias ao serviço do sentido unitário da obra que elabora⁵⁷.

O autor do texto, chamado na análise narrativa de autor real, pode ser tanto um indivíduo quanto um grupo de pessoas que redigiram o texto. O primeiro destinatário do texto, chamado na análise narrativa de leitor real, é a pessoa, a quem foi destinado o texto (um indivíduo ou uma coletividade). O autor real e o leitor real são personagens históricos fora do alcance do leitor que, posteriormente, entra em contato com o texto⁵⁸.

No contexto da narratologia, a figura do autor é compreendido somente em sua relação com o narrador. Por isso, não é analisado do ponto de vista histórico-literário (biografia, influências etc.), sócio-ideológico, psicanalítico etc. É observado, somente, em sua relação de diálogo com o narrador. Nesta relação, a narratologia busca a figura do autor implícito.

6.2 Autor implícito

O conceito "autor implícito" é objeto de discussão entre os estudiosos da teoria narrativa⁵⁹. A origem do conceito está na descoberta de um "segundo eu", uma "versão criada, literária, ideal, de um homem real", nas narrativas⁶⁰. Em outras palavras, trata-se da imagem implícita de um autor manifestada no texto. Por isso, a concepção de autor implícito é vista como uma entidade personalizada, semelhante à do narrador⁶¹.

O autor implícito é o sujeito da estratégia narrativa. Está envolvido na obra, servindo-se de diversos recursos para conduzir o leitor. O narrador é, neste sentido, um dos recursos empregados pelo autor implícito, ou seja, é uma invenção do autor implícito da mesma forma que os demais elementos da narrativa. Marguerat afirma que "pôr-se em busca

⁵⁶ Cf. REIS, Carlos – LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*, 14.

⁵⁷ TACCA, Oscar. Las voces de la novela. Madrid: Gredos, 1973, 17.

⁵⁸ Cf. MARGUERAT, Daniel - BOURQUIN, Yvan. Para ler as narrativas bíblicas. Iniciação à *análise narrativa*, 23. ⁵⁹ Cf. BOOTH, Wayne. *The rhetoric of fiction*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983, 421-

⁶⁰ Cf. BOOTH, Wayne. A retórica da ficção. Lisboa: Arcádia, 1980, 92.

⁶¹ Cf. REIS, Carlos – LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*, 17.

do autor implícito é observar que estratégia narrativa emprega, que estilo escolhe, como faz intervir seus personagens, que sistema de valores usa para conduzir a narrativa. A imagem do autor implícito resulta da soma das escolhas de escrita identificadas no texto^{',62}.

6.3 Narrador

A definição do conceito de narrador deve partir da distinção do conceito de autor. Enquanto o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador deve ser entendido como autor textual. O narrador é uma entidade fictícia cuja tarefa é enunciar o discurso⁶³. Por isso, o primeiro passo para compreender o papel do narrador, é distinguí-lo do conceito de autor. Stanzel explica a importância desta distinção:

Se tentássemos assimilar a personalidade individual de um narrador ficcional à personalidade do autor para salvaguardar a clareza e fidedignidade da narrativa, renunciaríamos à mais importante função própria do teor mediato da narrativa: revelar a natureza enviesada da nossa experiência da realidade⁶⁴.

O narrador é uma invenção do autor. O autor pode, portanto, modelar o narrador à mercê de seus objetivos no texto. Por exemplo, pode projetar sobre o narrador certas atitudes ideológicas, éticas, culturais etc.

As funções do narrador não se limitam ao ato de enunciação. O narrador é a "voz" que conta a história e guia o leitor na narrativa. Conforme a voz do narrador se manifesta na narrativa, fala-se de narrador autodiegético, homodiegético, heterodiegético etc. Pode colocarse no texto, em primeira pessoa do singular, como em uma autobiografia. Pode, também, ausentar-se da narrativa. Isto, geralmente, acontece nas narrativas bíblicas, onde o narrador se esconde por detrás de suas palavras, permanecendo como o servidor que se retira para trás dos fatos que expõe⁶⁵. Porém, o narrador, embora por detrás dos fatos, pode estar profundamente presente, através da estratégia narrativa empregada no texto.

Como o narrador é aquele que conduz o leitor na narrativa, verifica-se que necessariamente há uma ligação entre narrador e narratário.

⁶² MARGUERAT, Daniel - BOURQUIN, Yvan. Para ler as narrativas bíblicas. Iniciação à análise narrativa, 25.

⁶³ Cf. REIS, Carlos – LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*,61.

⁶⁴ STANZEL, Franz . *A theory of narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, 11.

⁶⁵Cf. MARGUERAT, Daniel - BOURQUIN, Yvan. Para ler as narrativas bíblicas. Iniciação à análise narrativa, 21.

6.4 A relação entre narrador e narratário

Segundo Prince, o autor é o enunciador que, no discurso narrativo, delega voz ao narrador, o qual assume a palavra e fala a um narratário⁶⁶. Toda narração pressupõe um narratário, e este é um ser fictício, assim como o narrador⁶⁷. Trata-se, portanto, de dois elementos essenciais em uma narrativa, os quais precisam ser compreendidos.

Toda narração, seja ela escrita ou oral, referindo-se a acontecimentos verídicos ou míticos, contando uma história ou uma simples série de ações no tempo, pressupõe não somente (ao menos) um narrador, mas também (ao menos) um narratário, isto é, alguém a quem o narrador se dirige⁶⁸.

A análise narrativa entende por narratário aquele que toma conhecimento da história, através da leitura. O termo narratário foi proposto para delimitar a figura do leitor inscrita no texto. Genette distingue dois tipos de narratários. O narratário "intradiegético" (interno à diegese, ou seja, ao mundo da história) e o narratário "extradiegético" (externo a esse mundo)⁶⁹. Embora o narrador seja onisciente, onipresente e onipotente diante da narrativa, precisa do narratário para decifrá-la. A "leitura é um processo que alterna liberdade, criação e coerção. Liberdade, porque o texto é sempre em parte aberto, inacabado, contém 'brancos', suscitando por isso mesmo o trabalho imaginário do leitor e sua cooperação ativa"⁷⁰. Em outras palavras, o texto revela-se por meio da comunicação entre o texto e o narratário. O mediador desta comunicação, no texto, é o narrador que guia o leitor ao encontro do sentido do texto.

Esta comunicação é como um contrato, pois o leitor ao tomar o posto de narratário, deve deixar-se conduzir pelo narrador. Somente assim pode compreender o texto. Neste sentido, o narratário deve reconhecer a onisciência e a confiabilidade do narrador. Para Pietraróia

Ler e compreender uma narrativa é antes de qualquer coisa estabelecer uma relação de comunicação com um texto que já traz para o leitor uma estrutura em princípio conhecida. É render-se a ela e, ao mesmo tempo, selar um

⁶⁶ Cf. PARAÍSO, Andréa Correa. *Marguerite Duras e os possíveis da escritura: a incansável busca.* São Paulo: Editora UNESP, 2001, 77.

⁶⁷ Cf. *Idem*, 77.

⁶⁸ *Idem*, 77.

⁶⁹ Cf. JOUVE, Vincent. A leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2002, 39.

⁷⁰ HORELLOU-LAFARGE, Chantal. *Sociologia da Leitura*, 139.

contrato de leitura, muitas vezes automático e inconsciente, colocando-se como leitor potencial daquela escrita⁷¹.

Portanto, enquanto o narrador conduz o narratário na narrativa, por meio de sinais e informações necessárias no tempo desejado, o narratário confia nele e, ao mesmo tempo, coopera em sua interpretação e atualização. Ligadas ao conceito de narratário estão as diversas concepções do conceito de leitor.

6.5 Leitor

O conceito de leitor é correlativo e distintivo. Correlativo, porque o leitor real está no mesmo plano funcional que o autor empírico; distintivo, porque o leitor real se reveste de contornos bem definidos em relação ao narratário, ao leitor virtual ou ao leitor ideal. Por isso, o leitor empírico, ou real, identifica-se com o receptor. Silva, explica este fato da seguinte maneira:

O leitor empírico, ou real, identifica-se, em termos semióticos, com o receptor do texto, mas antes como um elemento com relevância na estruturação do próprio texto. Todavia, o leitor ideal nunca pode ser configurado ou construído pelo emissor com autonomia absoluta em relação aos virtuais leitores empíricos contemporâneos, mesmo quando na sua construção se projeta um desígnio de ruptura radical com a maioria desses mesmos presumíveis leitores contemporâneos⁷².

O autor real, ao elaborar sua narrativa, escreve ao leitor implícito. Ele tem em mente um leitor ideal, ou seja, alguém que compreenderá os menores termos empregados na narrativa.

Além do conceito de leitor ideal, verifica-se uma série de outras concepções de leitor. Eco fala de um leitor modelo que detêm uma capacidade de cooperação textual que configura uma competência narrativa perfeita⁷³. Iser fala de um leitor pretendido, "uma entidade projetada, patenteando as disposições históricas do público leitor visado pelo autor".

O leitor pretendido é o leitor implícito que será analisado de forma particular, pois será o conceito empregado na interpretação de At 1,1-2,41.

⁷¹ PIETRARÓIA, Cristina Moerbeck Casadei. *Questões de leitura: aspectos práticos e teóricos da leitura em francês língua estrangeira*, 97.

⁷² SILVA, Vitor Manuel. *Teoria da literatura*. 5. Coimbra: Almedina, 1983, 310-311.

⁷³ Cf. ECO, Umberto. *Lector in fabula. La cooperazione interpretativa nei testi narrativi.* Milano: Bompiani, 1979, 53-56.

⁷⁴ ISER, Wolfgang. *The implied reader. Patterns of communication in Prosefiction from Bunyan to Beckett.* Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1975, 34.

6.6 Leitor implícito

O leitor implícito não é alguém concreto, identificado no texto, como muitas vezes é o leitor real. O leitor implícito é uma imagem abstrata que o narrador infunde na narrativa.

Genette explica essa imagem da seguinte maneira: "contrariamente ao autor implícito, que é, na cabeça do leitor, a ideia de um autor real, o leitor implícito, na cabeça do autor real, é a ideia de um leitor possível".

A correspondência entre leitor real e leitor implícito é uma possibilidade que escapa ao autor.

6.7 Intriga

Por intriga, entende-se uma organização macroestrutural de um texto narrativo. E a narrativa em sua inteireza formada pela estratégia narrativa. Ou seja, pelos recursos empregados pelo narrador para desenvolver a história. Além da sucessividade e do enquadramento temporal dos eventos de forma encadeada, a intriga possui outras duas características específicas: "a tendência para apresentar os eventos de forma encadeada, de modo a fomentar a curiosidade do leitor, e o fato de tais eventos se encaminharem para um desenlace que inviabiliza a continuação da intriga".

A intriga é chamada, também, de enredo. A noção elementar de enredo é muito simples. Todo texto deve ter um começo, um meio e um fim; deve apresentar uma situação inicial, uma complicação, uma transformação (algum tipo de "virada" ou "mudança de estado") e uma resolução que marque uma mudança significativa⁷⁷. Pode ser utilizado tanto para caracterizar macronarrativas quanto micronarrativas. Marguerat define-o do seguinte modo:

Chamamos de enredo essa estrutura unificadora que liga as diversas peripécias da narrativa e as organiza em uma história contínua. O enredo assegura a unidade de ação e dá sentido aos múltiplos elementos da narrativa. O enredo é o princípio unificador da narrativa, seu fio vermelho; ele permite organizar, em um cenário coerente, as etapas da história contada.

⁷⁶ REIS, Carlos – LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*, 212.

⁷⁵ GENETTE, Gerárd. Nouveau discours du récit, 103.

⁷⁷ Cf. GERBASE, Carlos. *Impactos das tecnologias digitais na narrativa cinematográfica*, 59.

A organização do enredo corresponde a uma lógica possível de ser descrita numa gramática narrativa⁷⁸.

O enredo é composto tradicionalmente por cinco etapas, seguindo, geralmente, o seguinte esquema:

Situação inicial

Nó

Ação transformadora

Desfecho

Situação final

No primeiro momento, aparecem os personagens em um determinado ambiente ou em uma determinada situação (situação inicial). Faz parte do processo posterior o aparecimento de um obstáculo a ser vencido (nó). O caminho de passagem deste obstáculo ou dificuldade recebe o nome de ação transformadora. A consequência da mudança de estado ou resolução do problema recebe o nome de desenlace ou desfecho. Por último, fechando o quadro, geralmente o narrador coloca os personagens ou a situação em um novo estado (situação final).

Marguerat explica essas etapas:

A situação inicial (ou exposição) fornece ao leitor os elementos de informação necessários para compreender a situação que a narrativa vai modificar. Essa exposição explicita quem, o que e (às vezes) o como.

A complicação (ou nó) constitui o desencadeamento da ação. É aqui, geralmente, que começa a tensão dramática. O detonador pode ser o enunciado de uma dificuldade, de um conflito, de um incidente, de um obstáculo à solução de um problema.

A *ação transformadora* visa à liquidação da dificuldade, ou da falta, ou da perturbação anunciada pela narrativa. A dinâmica transformadora pode consistir em um ato pontual ou em um longo processo de mudança.

O *desenlace* é a etapa simétrica do *nó*. Ele anuncia a resolução do problema anunciado. Descreve os efeitos da *ação transformadora* sobre as pessoas em questão ou a maneira como se restabelece a situação em seu estado anterior.

A *situação final* expõe o reconhecimento do novo estado (após a eliminação da dificuldade) ou o retorno ao normal (após o desaparecimento da perturbação). Essa etapa, descreve a nova situação depois que a tensão narrativa instalada pela narrativa foi acalmada⁷⁹.

⁷⁹ *Idem*, 58-59

⁷⁸ Cf. MARGUERAT, Daniel. Para ler as narrativas bíblicas, 57-59.

6.8 Personagem

Categoria fundamental da narrativa, o personagem revela-se o eixo em torno do qual gira a intriga. Em outras palavras, toda narrativa organiza-se em torno de seus personagens.

A imagem do personagem, na narrativa, revela-se de forma progressiva e difusa. Hamon afirma que o personagem é o suporte das redundâncias e das transformações semânticas da narrativa, e se constitui pela soma das informações facultadas sobre o que ele é e sobre o que faz⁸⁰. Neste sentido, por revelar-se progressivamente no texto, através de suas entradas em cena, ou aparições na narrativa, o personagem pode ser compreendido como signo.

Segundo Harvey, enquanto signo narrativo, o personagem é sujeito a procedimentos de estruturação que determinam sua funcionalidade e importância no relato. Conforme sua presença na narrativa, o personagem pode ser definido em termos de relevo, como protagonista, personagem secundário, ou simplesmente como mero figurante⁸¹.

6.9 Redundância

A palavra redundância, ou repetição, por si só indica seu significado em um texto. Trata-se dos sinais que repetem uma informação. A redundância assegura de algum modo a plena inteligibilidade da mensagem, pois é imprescindível quanto à estruturação da coerência textual. Favorece a inteligibilidade semântica dos diversos termos presentes na narrativa. Trata-se de um recurso presente na estratégia narrativa que visa a conduzir o leitor ao objetivo perlocutório do narrador e à sua perspectiva narrativa.

6.10 Perspectiva Narrativa

A perspectiva narrativa, também chamada de ponto de vista, constitui um dos aspectos mais complexos da configuração narrativa e um dos mais visados por reflexões teóricas⁸². Esta problemática deve-se ao fato de que toda narrativa é aberta a uma infinidade de possibilidades de leitura. Allot confirma este pensamento: "A casa da ficção tem, em suma,

⁸⁰ Cf. HAMON, Philippe. Le personnel du roman: Le système des personnages dans les "Rougon-Macquart" d'Émile Zola. Genève: Droz, 1983, 20.

⁸¹ HARVEY, William John. Character and the novel. London: Chatto and Windus, 1970, 52-55.

⁸² REIS, Carlos – LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*, 278.

não uma janela, mas um milhão, quer dizer, um número incalculável de possíveis janelas; cada uma delas foi penetrada, ou pode sê-lo, na sua vasta fachada, pela necessidade da visão individual e pela pressão da vontade individual"⁸³. Embora a narrativa seja aberta a um número incalculável de possibilidades de interpretações, há em seu interior a presença do narrador que condiciona o texto a determinadas perspectivas.

Neste sentido, é possível encontrar no texto eixos centrais, os quais são como símbolos. Ou seja, abertos a diversas releituras, porém fechados a interpretações que não condizem com o universo da narrativa.

7. Conclusão

O texto é um todo significante, ou seja, o sentido de um texto não está em trechos isolados como frases ou parágrafos. A mensagem que o destinador escreve ao seu destinatário está na totalidade do escrito. Uma vez que o texto foi escrito, torna-se independente de seu autor real e de seu leitor real. Essa independência do texto faz com que seja aberto a uma infinidade de releituras. Porém, o texto é portador de um sentido transfrásico e simbólico que delimita as possibilidades de leitura. Outro elemento essencial do texto, que delimita seu sentido, é sua estrutura.

A estrutura de um texto permite sua logicidade e entendimento. Além disso, fornece a compreensão de sua forma e de seu gênero literário. O texto pode possuir uma qualidade interna que o modela, dando-lhe a forma de narrativa. Esta qualidade é a narratividade.

O conceito de narratividade pode ser compreendido como o princípio organizador de todo e qualquer discurso. Por narratividade entende-se, também, uma forma organizada de se contar uma história. Essa maneira de contar uma história pode ser de forma oral ou escrita. A narratividade é uma propriedade presente no texto que produz a narrativa.

Existem diversos tipos de narrativa. A pesquisa limitou-se à narrativa literária. A narrativa literária possui alguns parâmetros que lhe são próprios: a exposição de uma situação inicial, na qual estão envolvidos personagens em um determinado tempo e espaço; a complicação (nó) a ser resolvida; a resolução da complicação (desenlace) e, por último, a avaliação que especifica as reações mentais do personagem/narrador do episódio.

_

⁸³ ALLOTT, Miriam. Los novelistas y la novela. Barcelona: Seix Barral, 1966, 169.

Esses parâmetros que estruturam uma narrativa literária se manifestam tanto nas narrativas ficcionais quanto nas históricas. A primeira está ligada à ideia de uma narração baseada em uma história imaginária, enquanto a segunda está ligada a uma narração de caráter científico. As narrativas bíblicas possuem elementos ficcionais e históricos. Esta constatação deve-se ao fato de que os narradores bíblicos interpretam os acontecimentos à luz da teologia.

A interpretação à luz da teologia permite a percepção de duas características próprias das narrativas bíblicas: o primado da ação e a centralidade do personagem Deus. Por primado da ação, entende-se a postura do narrador em privilegiar a ação em seus relatos mais do que a descrição. Por isso, ao escrever, o narrador bíblico privilegia a apresentação de discussões, ações, decisões e diálogos. Pouco se interessa pelos aspectos psicológicos dos personagens (sentimentos, pensamentos, conflitos interiores etc.). O narrador, também, pouco se interessa pelos detalhes (decoração das casas, detalhes da natureza, animais, pelos adjetivos em geral etc.). Enfim, todos os recursos utilizados por ele encontram-se a serviço da ação. Sobretudo, para enfatizar a ação do personagem Deus.

As narrativas bíblicas contam sobre Deus. Ou seja, ele é um personagem que aparece em terceira pessoa do singular. Neste sentido, são os acontecimentos que o nomeiam. Os acontecimentos revelam Deus como o principal atuante da história. Ele é o Deus de Abraão, Isaac e Jacó; liberta o povo da escravidão do Egito; conquista a terra de Canaã; suscita o rei Davi e os profetas; na fidelidade, abençoa o povo, na infidelidade, o corrige, pois foi ele quem libertou o povo da escravidão. Os acontecimentos revelam quem é Deus e como atua na história. Portanto, embora presente em terceira pessoa, o personagem Deus é o principal protagonista das narrativas. Porém, nem sempre aparece de forma clara e explícita. Muitas vezes sua atuação é percebida, somente, através, de uma leitura atenta ao texto. A análise narrativa é um recurso que permite essa leitura.

A análise narrativa é fruto da narratologia. A narratologia é uma área de reflexão do tipo teórico-metodológica autônoma, centrada na narrativa como modo de representação literária e não-literária. Além disso, analisa os textos narrativos através da teoria semiótica. A narratologia concebe a narrativa de forma orgânica. Procura descrever, de forma sistemática, os códigos que estruturam a narrativa.

A exegese bíblica serve-se de todo o aparato dado pela narratologia para analisar as narrativas bíblicas através da análise narrativa. A análise narrativa é uma das leituras ditas pragmáticas que se aplicam a procurar o efeito do texto sobre o leitor. Na análise narrativa, toda leitura se faz a partir do questionamento feito ao texto. Encara o texto como um processo

de comunicação entre autor e leitor. O presente capítulo não buscou apresentar todos os conceitos fundamentais da narratologia. O objetivo foi o de compreender os conceitos fundamentais que podem ser aplicados em At 1,1-2,41.

Os conceitos fundamentais, aplicáveis a At 1,1-2,41 são: o autor real (somente como entidade histórica que compõe a narrativa, porém, não é buscado pela análise narrativa), o autor implícito (a imagem implícita de um autor manifestada no texto; o autor implícito é, também, o sujeito da estratégia narrativa), o narrador (voz que conta a história e que guia o leitor na narrativa), a relação entre narrador e narratário (aquele que toma conhecimento da história através da leitura e participa de sua interpretação), leitor real (leitor empírico do texto, seu primeiro destinatário, trata-se de uma entidade não buscada pela análise narrativa), leitor implícito (é uma imagem abstrata de leitor que o narrador infunde na narrativa), intriga ou enredo (estrutura unificadora que liga as diversas peripécias da narrativa e as organiza em uma história contínua), personagem (eixo em torno do qual gira a intriga), redundância (as repetições presentes no texto, tanto de conceitos quanto de estruturas semelhantes; são necessárias para a inteligibilidade e a coerência textual), perspectiva narrativa (eixos em torno dos quais o autor implícito construiu sua mensagem em vista do "efeito perlocucionário".84).

O primeiro capítulo teve como objetivo fornecer todos os pressupostos teóricos necessários para a compreensão de At 1,1-2,41 como narrativa. A aplicação deste embasamento teórico na perícope escolhida será feita no próximo capítulo.

_

⁸⁴ Cf. VELASCO, Marina. Ética do discurso: Apel ou Haberbas?. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2001, 84.

CAPÍTULO 2

Análise narrativa do personagem Deus em At 1,1-2,13

Os pressupostos teóricos analisados no primeiro capítulo serão aplicados tendo como base as perguntas essenciais feitas pela análise narrativa ao texto. Contudo, a centralidade desta pesquisa volta-se, exclusivamente, à compreensão do personagem Deus, segundo a sequência de At 1,1-2,41. Conforme se verificará no estudo da macroestrutura dos Atos dos Apóstolos, At 1,1-2,41 é composto por uma narrativa mista, ou seja, esta sequência constitui-se por uma narração e por um discurso. Por esta razão, o segundo capítulo se dedicará a analisar o personagem Deus na parte narrativa da sequência, At 1,1-2,13, enquanto o terceiro capítulo voltar-se-á para a análise do personagem Deus no discurso petrino de At 2,14-41.

O primeiro passo para a compreensão de um texto narrativo é ter presente a intriga por inteiro. Ou seja, o narrador, em sua estratégia narrativa, cria uma história formada por diversas partes entrelaçadas. Cada parte é independente e, ao mesmo tempo, dependente de todas as outras, pois o sentido pleno só pode ser compreendido em sua ligação com as demais. O conjunto das diversas partes de um texto é chamado de macroestrutura. Portanto, a primeira pergunta que se deve fazer é: Como se apresenta a macroestrutura dos Atos?

A observação da macroestrutura dos Atos dos Apóstolos, segundo os critérios oriundos da narratologia, permitirá uma visão mais ampla de At 1,1-2,41, pois esta sequência será analisada em sua ligação com a globalidade da narrativa dos Atos dos Apóstolos. Para isto, é necessário interrogar-se pelo modo como o narrador delimitou a primeira sequência. Portanto, a segunda pergunta a ser feita será: Como o narrador delimitou At 1,1-2,41?

A análise narrativa serve-se de quatro parâmetros (tempo, lugar, personagens e tema) para perceber como o narrador delimita, no interior das macronarrativas, as sequências. Após verificar como o narrador apresenta esses parâmetros em At 1,1-2-41, é possível questionar esta sequência. O emprego dos quatro parâmetros permitirá estabelecer o início e o término da primeira sequência dos Atos dos Apóstolos e a percepção de seus fios condutores.

O terceiro passo consistirá em analisar os fios condutores da sequência. Tendo-os presente, é possível questionar como o narrador estruturou a intriga. Os fios condutores que estruturam At 1,1-2,41 são quatro: a promessa do Pai (1,1-11), a espera da promessa pelos discípulos (1,12-26), a realização da promessa (2,1-13) e o sentido da promessa (2,14-41). Por ser um discurso, o sentido da promessa (2,14-41) será analisado no capítulo três.

O narrador cria a intriga ao redor do tema do envio do Espírito Santo por Deus. A análise de cada parte da intriga demonstra que Deus é seu principal personagem, embora não apareça de forma explícita. Todos os demais personagens dependem dele e estão relacionados com ele.

Após estudar as diversas partes da sequência, deve-se perguntar: Como o narrador apresenta o personagem Deus em At 1,1-2,13? A resposta a esta questão estará na conclusão deste capítulo.

1. A macroestrutura dos Atos dos Apóstolos

O livro dos Atos dos Apóstolos é uma macroestrutura narrativa. É uma narração composta por diversas sequências. Para compreender At 1,1-2,41 como estrutura completa, deve-se ter presente a coerência contida na macroestrutura do livro.

O conceito teórico de macroestrutura foi introduzido por Dijk para descrever a estrutura semântica global de um texto. Segundo ele, "a macroestrutura de um texto é uma representação abstrata de sua estrutura global". Essa representação abstrata corresponde ao sentido global do texto. Esse sentido global resulta da integração sucessiva de diversas representações semânticas parciais. Esta representação semântica equivale ao sentido dado por um conjunto de frases, linearmente ordenadas no texto, as quais compõem uma sequência. Uma macroestrutura forma-se por diversas sequências. Por sequência, entende-se uma intriga episódica no interior de uma intriga global.

30

⁸⁵ DIJK, Teun A. Van. Some aspects of text grammars. The Hague: Mouton, 1972, 55.

Nos Atos dos Apóstolos, o narrador serviu-se, por diversas vezes, de sumários para delimitar e unir as sequências. O narrador organizou a macroestrutura dos Atos dos Apóstolos da seguinte maneira:

Classificação	Estratégia do narrador
Sequência A	narração (1,1-2,13) — DISCURSO (2,14-40) — narração (v. 41);
SUMÁRIO	2,42-47;
Sequência B	narração (3,1-11) — DISCURSO (3,12-26) — narração (4,1-7) — DISCURSO (4,8-13) — narração (4,1-31);
SUMÁRIO	4,32-37;
Sequência C	narração (5,1-11);
SUMÁRIO	5,12-16;
Sequência D	narração (5,17-28) — DISCURSO (5,29-33) — narração (5,34-42);
SUMÁRIO	6,1-7;
Sequência E	narração (6,8-7,1) — DISCURSO (7,2-53) — narração (7,54-8,1);
SUMÁRIO	8,1-4;
Sequência F	narração (8,5-9,30);
SUMÁRIO	9,31;
Sequência G	narração (9,32-10,33) — DISCURSO (10,34-43) — narração (10,44-11,18);
SUMÁRIO	11,19-30;
Sequência H	narração (12,1-24);
Sequência I	narração (13,4-15) – DISCURSO (13,16-41) – narração (13,42-14,28);

Sequência J	narração (15,1-6) - DISCURSO (15,7-11) - narração (15,12) - DISCURSO (15,13-21) - narração (15,22-35);
Sequência L	narração (15,36-16,4) — SUMÁRIO (6,5) — narração (16,6-17,21) — DISCURSO (17,22-31) — narração (17,32-20,17) — DISCURSO (20,18-35) — narração (20,36-38);
Sequência M	narração (21,1-22,5) — DISCURSO (22,6-21) — narração (22,22-24,9) — DISCURSO (24,10-21) — narração (24,22-26,1a) — DISCURSO (26,1b-23) — narração (26,24-28,31).

A tabela ilustra como o narrador organizou a macroestrutura dos Atos dos Apóstolos. As sequências, por diversas vezes, são unidas por um sumário e possuem, também, um discurso ou mais. Segundo Sternberg, o sumário designa toda a forma de resumo da história, de tal modo que o tempo desta aparece reduzido, no discurso, a um lapso durativo sensivelmente menor do que aquele que a sua ocorrência exigiria. Segundo ele, o sumário é um signo temporal do âmbito da velocidade narrativa⁸⁶. O sumário é, portanto, a busca do narrador de, em poucas palavras, resumir uma fase histórica para destacar os acontecimentos conexos a sua mensagem.

Com a presença dos sumários e dos discursos pode-se afirmar que o narrador quis apresentar ao leitor os primórdios da comunidade cristã primitiva, porém, apresenta somente o essencial desta fase. Prefere conduzir o leitor ao tema do testemunho e do ensinamento apostólico, presente nos diversos discursos. O emprego do discurso e sua importância, nos Atos dos Apóstolos, será visto no capítulo três.

O estudo da macroestrutura da narrativa dos Atos auxilia no processo de delimitação das sequências que o formam.

32

⁸⁶ Cf. STERNBERG, Meir. *Expositional modes and temporal ordering in fiction*. London: The Johns Hopkins University Press, 1978, 19-34.

2. O texto e a delimitação da sequência de At 1,1-2,41

O texto de At 1,1-2,41, que será transcrito, corresponde à tradução proposta pela CNBB⁸⁷. Seguir-se-á a proposta de delimitação da sequência, feita seguindo os ditames dos quatro parâmetros propostos pela análise narrativa.

2.1 O texto

Atos 1,1-26

1. Em minha primeira narração, ó Teófilo, contei toda a següência das ações e dos ensinamentos de Jesus, 2. desde o princípio até o dia em que, depois de ter dado pelo Espírito Santo suas instruções aos apóstolos que escolhera, foi arrebatado (ao céu). 3. E a eles se manifestou vivo depois de sua Paixão, com muitas provas, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas do Reino de Deus. 4. E comendo com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem o cumprimento da promessa de seu Pai, que ouvistes, disse ele, da minha boca; 5. porque João batizou na água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo daqui há poucos dias. 6. Assim reunidos, eles o interrogavam: Senhor, é porventura agora que ides instaurar o reino de Israel? 7. Respondeu-lhes ele: Não vos pertence a vós saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou em seu poder, 8. mas descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins do mundo. 9. Dizendo isso elevou-se da (terra) à vista deles e uma nuvem o ocultou aos seus olhos. 10. Enquanto o acompanhavam com seus olhares, vendo-o afastar-se para o céu, eis que lhes apareceram dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: 11. Homens da Galiléia, por que ficais aí a olhar para o céu? Esse Jesus que acaba de vos ser arrebatado para o céu voltará do mesmo modo que o vistes subir para o céu. 12. Voltaram eles então para Jerusalém do monte chamado das Oliveiras, que fica perto de Jerusalém, distante uma jornada de sábado. 13. Tendo entrado no cenáculo, subiram ao quarto de cima, onde costumavam permanecer. Eram eles: Pedro e João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelador, e Judas, irmão de Tiago. 14. Todos eles perseveravam unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele. 15. Num daqueles dias, levantouse Pedro no meio de seus irmãos, na assembléia reunida que constava de umas cento e vinte pessoas, e disse: 16. Irmãos, convinha que se cumprisse o que o Espírito Santo predisse na escritura pela boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam Jesus. 17. Ele era um dos nossos e teve parte no nosso ministério. 18. Este homem adquirira um campo com o salário de seu crime. Depois, tombando para a frente, arrebentou-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram. 19. (Tornou-se este fato conhecido dos habitantes de Jerusalém, de modo que aquele campo foi chamado na língua deles Hacéldama, isto é, Campo de Sangue.) 20. Pois está escrito no livro dos Salmos: Figue deserta a sua habitação, e não haja quem

⁸⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*. Tradução da CNBB com introdução e notas. Brasília: CNBB, [s.d.].

nela habite; e ainda mais: Que outro receba o seu cargo (Sl 68,26; 108,8). 21. Convém que destes homens que têm estado em nossa companhia todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós, 22. a começar do batismo de João até o dia em que do nosso meio foi arrebatado, um deles se torne conosco testemunha de sua Ressurreição. 23. Propuseram dois: José, chamado Barsabás, que tinha por sobrenome Justo, e Matias. 24. E oraram nestes termos: Ó Senhor, que conheces os corações de todos, mostra-nos qual destes dois escolheste 25. para tomar neste ministério e apostolado o lugar de Judas que se transviou, para ir para o seu próprio lugar. 26. Deitaram sorte e caiu a sorte em Matias, que foi incorporado aos onze apóstolos.

Atos 2,1-41

- 1. Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. 2. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. 3. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. 4. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. 5. Achavamse então em Jerusalém judeus piedosos de todas as nações que há debaixo do céu. 6. Ouvindo aquele ruído, reuniu-se muita gente e maravilhava-se de que cada um os ouvia falar na sua própria língua. 7. Profundamente impressionados, manifestavam a sua admiração: Não são, porventura, galileus todos estes que falam? 8. Como então todos nós os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna? 9. Partos, medos, elamitas; os que habitam a Macedônia, a Judéia, a Capadócia, o Ponto, a Ásia, 10. a Frígia, a Panfilia, o Egito e as províncias da Líbia próximas a Cirene; peregrinos romanos, 11. judeus ou prosélitos, cretenses e árabes; ouvimo-los publicar em nossas línguas as maravilhas de Deus! 12. Estavam, pois, todos atônitos e, sem saber o que pensar, perguntavam uns aos outros: Que significam estas coisas? 13. Outros, porém, escarnecendo, diziam: Estão todos embriagados de vinho doce. 14. Pedro então, pondo-se de pé em companhia dos Onze, com voz forte lhes disse: Homens da Judéia e vós todos que habitais em Jerusalém: seja-vos isto conhecido e prestai atenção às minhas palavras.
- 15. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, visto não ser ainda a hora terceira do dia. 16. Mas cumpre-se o que foi dito pelo profeta Joel: 17. Acontecerá nos últimos dias - é Deus quem fala -, que derramarei do meu Espírito sobre todo ser vivo: profetizarão os vossos filhos e as vossas filhas. Os vossos jovens terão visões, e os vossos anciãos sonharão. 18. Sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei naqueles dias do meu Espírito e profetizarão. 19. Farei aparecer prodígios em cima, no céu, e milagres embaixo, na terra: sangue fogo e vapor de fumaça. 20. O sol se converterá em trevas e a lua em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor. 21. E então todo o que invocar o nome do Senhor será salvo (Jl 3,1-5). 22. Israelitas, ouvi estas palavras: Jesus de Nazaré, homem de quem Deus tem dado testemunho diante de vós com milagres, prodígios e sinais que Deus por ele realizou no meio de vós como vós mesmos o sabeis, 23. depois de ter sido entregue, segundo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de ímpios. 24. Mas Deus o ressuscitou, rompendo os grilhões da morte, porque não era possível que ela o retivesse em seu poder.
- 25. Pois dele diz Davi: Eu via sempre o Senhor perto de mim, pois ele está à minha direita, para que eu não seja abalado. 26. Alegrou-se por isso o meu

coração e a minha língua exultou. Sim, também a minha carne repousará na esperança, 27. pois não deixarás a minha alma na região dos mortos, nem permitirás que o teu santo conheça a corrupção.

28. Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, e me encherás de alegria com a visão de tua face (Sl 15,8-11). 29. Irmãos, seja permitido dizer-vos com franqueza: do patriarca Davi dizemos que morreu e foi sepultado, e o seu sepulcro está entre nós até o dia de hoje. 30. Mas ele era profeta e sabia que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes seria colocado no seu trono. 31. É, portanto, a ressurreição de Cristo que ele previu e anunciou por estas palavras: Ele não foi abandonado na região dos mortos, e sua carne não conheceu a corrupção. 32. A este Jesus, Deus o ressuscitou: do que todos nós somos testemunhas. 33. Exaltado pela direita de Deus, havendo recebido do Pai o Espírito Santo prometido, derramou-o como vós vedes e ouvis. 34. Pois Davi pessoalmente não subiu ao céu, todavia diz: O Senhor disse a meu Senhor: Senta-te à minha direita 35. até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés (Sl 109,1). 36. Que toda a casa de Israel saiba, portanto, com a maior certeza de que este Jesus, que vós crucificastes, Deus o constituiu Senhor e Cristo. 37. Ao ouvirem essas coisas, ficaram compungidos no íntimo do coração e indagaram de Pedro e dos demais apóstolos: Que devemos fazer, irmãos? 38. Pedro lhes respondeu: Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. 39. Pois a promessa é para vós, para vossos filhos e para todos os que ouvirem de longe o apelo do Senhor, nosso Deus. 40. Ainda com muitas outras palavras exortava-os, dizendo: Salvai-vos do meio dessa geração perversa! 41. Os que receberam a sua palavra foram batizados. E naquele dia elevou-se a mais ou menos três mil o número dos adeptos.

2.2 Os limites literários da sequência

Na análise narrativa, assim como nos demais métodos de exegese, a delimitação do texto é o primeiro gesto interpretativo. Segundo Marguerat, para recortar um epísódio narrativo (micronarrativa) urge-se ter presente quatro parâmetros: tempo, lugar, constelação de personagens e tema⁸⁸.

O critério do tempo registra as mudanças de cronologia (no dia seguinte; alguns anos mais tarde; seis dias antes da páscoa etc.). O critério de lugar aponta as modificações no espaço (pôr-se a caminho, partir para uma região, sair de casa, entrar numa sinagoga). O critério dos personagens registra as mudanças na constelação de atores da narrativa: aparecimento ou desaparecimento de um personagem ou de um grupo de personagens. O quarto critério é o do tema que permeia a micronarrativa, podendo estabelecer um fio que liga outras micronarrativas⁸⁹.

A presença desses quatro parâmetros no texto é importante. Eles delimitam a sequência narrativa. Ao mesmo tempo, auxiliam o leitor na percepção dos fios condutores da

⁸⁸ MARGUERAT, Daniel - BOURQUIN, Yvan, *Para ler as narrativas bíblicas: Iniciação à análise narrativa*, São Paulo: Loyola, 2009, 45.

⁸⁹ *Idem*, 46.

intriga. Estes permitem ao leitor reconhecer quais elementos são perseguidos pela narrativa e quais são abandonados pelo narrador.

O critério do tempo aparece logo no início do livro. O narrador situa a obra no contexto pós-pascal (cf. 1,1-3). Os vv. 1-3 indicam uma primeira obra, a qual tratou da vida de Jesus antes e após sua ressurreição. Implicitamente, o narrador indica com estes dados que esta segunda obra refere-se a acontecimentos ocorridos após a ressurreição e elevação de Jesus ao céu.

O v. 4 indica um critério de tempo específico da primeira sequência. Trata-se dos dias de espera da realização da promessa: "esperai a realização da promessa do Pai (...), dentro de poucos dias sereis batizados com o Espírito Santo" (1,4-5). Com esta ordem, o narrador delimita um tempo, o da espera e da realização da promessa. Em At 2,1, o narrador contextualiza a realização da promessa no dia de Pentecostes (cf. 2,1). A partir de 2,42, o narrador sai deste contexto de espera-realização da promessa.

O critério de lugar manifesta-se, também, ligado ao tema da espera-realização da promessa. Jesus disse aos apóstolos para permanecerem em Jerusalém (cf. 1,4). ⁹⁰.Eles o obedecem (cf. 1,12). O narrador estabelece como lugar da espera da promessa, uma "sala de cima onde costumavam ficar" (1,13). Foi, também, neste mesmo local que a promessa se realizou. O narrador confirma-o com a expressão: "Quando chegou o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar" (2,1). A partir de 2,42, o narrador deixa de situar os personagens nesta sala e passa a destacar outro espaço, o Templo de Jerusalém (cf. 2,46; 3,1).

O critério de tema aparece, também, vinculado a At 1,4. Ao dizer aos apóstolos: "Não vos afasteis de Jerusalém, mas esperai a promessa do Pai, da qual me ouvistes falar, quando eu disse: João batizou com água; vós, porém, dentro de poucos dias sereis batizados com o Espírito Santo" (At 1,4-5), o narrador manifesta que o conteúdo da promessa é o

origem pagã (cf. At 11,1-18; 15,6-28).

⁹⁰ O termo Ἱεροσολύμων aparece vinte vezes em Atos (cf. At 1,4.8; 8,1.14; 11,2.22.27; 13,13; 18,21; 20,16; 21,17; 25,1.7.9.15.24; 26,4.10.20; 28,17): Jerusalém é o local onde a promessa do envio do Espírito Santo se realizará (cf. At 1,4). É o local onde o narrador inseriu quatro dos cinco discursos petrinos (At 2,14-41; 3,12-26; 4,8-12; 5,29-33) e o início da pregação apostólica (cf. At 5,42). Foi onde a comunidade de fiéis estruturou-se ao redor dos apóstolos (cf. At 2,42-47; 4,32-37; 6,1-6). Foi em Jerusalém, que os cristãos começaram a pregar a palavra pela primeira vez (cf. At 4,31; 6,7). Em Jerusalém, os apóstolos realizavam grandes sinais e prodígios, os quais atraíam doentes de diversas outras cidades (cf. At 5,12-16). Foi o local do martírio de Estevão (cf. At 6,8-8,1) e do julgamento de Paulo (cf. At 21,1-23,31). A Igreja foi perseguida, pela primeira vez, em Jerusalém (cf. At 8,1-3). Os que escaparam da perseguição dispersaram-se pelas regiões da Judeia e Samaria anunciando a Boa-Nova (cf. At 8,1). Mas, também, anunciaram-na na Fenícia, em Chipre e em Antioquia (cf. At 11,19). Em Jerusalém, os apóstolos confirmaram o desígnio de Deus de conduzir à salvação, também, os de

batismo no Espírito Santo. A espera do batismo no Espírito Santo leva os discípulos a permanecerem em uma casa em Jerusalém, até o dia de Pentecostes. É neste lugar e neste dia que recebem o Espírito Santo (cf. 2,4). O discurso de Pedro, proferido logo após receberem o Espírito Santo, está vinculado a esta recepção (cf. 2,15). O v. 41 está vinculado aos ouvintes do discurso petrino. A partir de 2,42, os discípulos não estão mais ligados ao tema do recebimento do Espírito, mas a maneira como viviam ao redor dos apóstolos (cf. vv. 42-47).

O critério dos personagens está vinculado, também, a At 1,4. Os apóstolos são os primeiros destinatários da promessa. No contexto da espera-realização da promessa, o narrador apresenta a presença deles em diversos momentos (cf. 1,5.8.12-25; 2,1.14.37). Os apóstolos, a partir de 2,42, não mais aparecem unidos ao redor do tema da promessa.

O narrador, em 2,42-47, insere um sumário, pois ilustra como os discípulos viviam após o início da igreja no dia de Pentecostes. Esta constatação é feita também por Benoît, Cerfaux, Jeremias e Dupont⁹¹. Com a expressão "os que aceitaram as palavras de Pedro", em 2,41, o narrador demonstra que este versículo está intimamente ligado ao discurso iniciado por Pedro no v. 14. Portanto, o v. 42 dá início ao primeiro sumário dos Atos dos Apóstolos.

Com o emprego do critério dos quatro parâmetros, conclui-se que o narrador, em 1,4-5, estabeleceu a promessa do recebimento do batismo no Espírito Santo como eixo sobre o qual construiu a primeira sequência dos Atos dos Apóstolos. Os quatro critérios foram articulados ao redor desses versículos. Sua aplicação permitiu estabelecer como fios condutores da sequência a promessa do Pai, a espera da promessa por parte dos discípulos, a realização da promessa e o sentido da promessa. Esses fios condutores delimitam a primeira sequência em 1,1-2,41.

A delimitação possibilita fazer a análise da sequência, levando em consideração sua estrutura mista⁹².

3. Análise da intriga de At 1,1-2,13

O emprego dos quatro parâmetros permitiu estabelecer o início e o término da primeira sequência dos Atos dos Apóstolos (1,1-2,41). E, também, a percepção dos fios

⁹¹ Cf. DUPONT, Jacques, Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, São Paulo: Paulinas, 1974, 41.

⁹² Por estrutura mista entende-se a junção de dois gêneros literários, a narração e o discurso, na composição de At 1,1-2,41.

condutores que o narrador escolheu para guiar o leitor ao longo da intriga, na qual inseriu um discurso. Por tratar-se de outro gênero literário, o discurso será analisado no próximo capítulo.

3.1 A promessa do Pai, At 1,1-11

Texto

1. Em minha primeira narração, ó Teófilo, contei toda a següência das ações e dos ensinamentos de Jesus, 2. desde o princípio até o dia em que, depois de ter dado pelo Espírito Santo suas instruções aos apóstolos que escolhera, foi arrebatado (ao céu). 3. E a eles se manifestou vivo depois de sua Paixão, com muitas provas, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas do Reino de Deus. 4. E comendo com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem o cumprimento da promessa de seu Pai, que ouvistes, disse ele, da minha boca; 5. porque João batizou na água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo daqui há poucos dias. 6. Assim reunidos, eles o interrogavam: Senhor, é porventura agora que ides instaurar o reino de Israel? 7. Respondeu-lhes ele: Não vos pertence a vós saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou em seu poder, 8. mas descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins do mundo. 9. Dizendo isso elevou-se da (terra) à vista deles e uma nuvem o ocultou aos seus olhos. 10. Enquanto o acompanhavam com seus olhares, vendo-o afastar-se para o céu, eis que lhes apareceram dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: 11. Homens da Galiléia, por que ficais aí a olhar para o céu? Esse Jesus que acaba de vos ser arrebatado para o céu voltará do mesmo modo que o vistes subir para o céu.

3.1.1 O prólogo: vv. 1-3

A segunda obra do narrador se inicia com uma dedicação a Teófilo. Ele não revela quem seja este personagem em nenhum momento da obra. O máximo que se pode dizer é que, provavelmente trata-se de um cristão, visto que o narrador escreve acima de tudo para cristãos⁹³. Nos vv. 1-2, ele demonstra que buscou apresentar os fatos referentes às obras e aos ensinamentos de Jesus⁹⁴ na primeira obra, até sua ascensão ao céu. Segundo Stählin, é

⁹³ Cf. ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, Madrid: Cristandade, 1984, 43.

⁹⁴ Em termos da narratologia Jesus pode ser classificado no texto como protagonista singular. O narrador, no decorrer dos Atos dos Apóstolos, apresenta o personagem Jesus da seguinte maneira: Jesus é narrado em terceira pessoa, na maior parte das perícopes. É aquele que fez e ensinou (At 1,1), subiu ao céu (At 1,9.11), possui uma mãe (At 1,14). É colocado em falas e discursos de personagens, sobretudo de Pedro e Paulo. Jesus é preso (cf. At 1,16); manifestou-se no batismo de João, até sua elevação ao céu (cf. At 1,21; 13,31). Deus, por meio dele, realizou prodígios, milagres e sinais (cf. At 2,22). Morreu na cruz (cf. At 2,23; 5,30; 13,29) e foi ressuscitado por Deus (cf. At 2,32; 3,15;4,10;13,30.33). Deus o constituiu Senhor e Cristo (cf. At 2,36). Em seu nome, realizam-se prodígios, milagres e sinais (cf. At 3,6.16; 4,10; 8,12-13; 9,34; 16,18). É Jesus quem dá a fé (cf. At 3,16; 15,11); é o Nazareno (cf. At 4,10; 6,14; 22,8; 26,9); e o Cristo (cf. At 5,42;9,22;10,36;17,3; 18,5.28; 28,31). Deus enviou a Boa Nova por meio dele (cf. At 10,36). Jesus é o Salvador enviado por

provável que o objetivo do narrador consista em comunicar ao leitor a certeza de que a fé cristã é fundada em acontecimentos concretos e não o de captar adeptos⁹⁵. Em outras palavras o narrador busca demonstrar a solidez da instrução cristã⁹⁶.

O prólogo apresenta um resumo da primeira obra, as atividades e os ensinamentos de Jesus (v. 1), os ensinamentos que Jesus comunicou aos apóstolos ⁹⁷. Segundo o texto grego, a eleição dos apóstolos foi movida pelo Espírito Santo: ἐντειλάμενος τοῖς ἀποστόλοις διὰ πνεύματος ἀγίου οὓς ἐξελέξατο (v. 2). O narrador com esta afirmação apresenta o Espírito Santo como um personagem que elege os apóstolos. Neste sentido, o Espírito é apresentado como alguém que movimenta o interior de Jesus e não como uma força simplesmente (cf. v. 8 – δύναμιν). A este respeito, alguns autores, como Bruce e Camps, afirmam que o narrador "evidencia que todos os atos apostólicos que serão narrados serão realizados com o poder do mesmo Espírito que ungiu Jesus".

Deus (cf. At 13,23), anunciado por João (cf. At 19,4). A Lei de Moisés e os Profetas dão testemunho dele (cf. At 28,23). Estevão viu-o à direita de Deus (cf. At 7,55). Até os espíritos maus reconhecem seu poder (cf. At 19,15). Como atuante em primeira pessoa, aparece, também, em alguns momentos. Após a ressurreição come com os discípulos; promete enviar-lhes o Espírito Santo (cf. At 1,4.5.7-8) e aparece a Saulo (cf. At 9,4-5; 22,7-11.18; 26,15-18).

⁹⁵ Cf. STÄHLIN, Gustav. Gli Atti degli Apostoli. Brescia: Paideia Editrice, 1973, 28.

⁹⁶ Cf. ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, 43

⁹⁷ Em termos da narratologia os apóstolos devem ser considerados no texto como protagonistas coletivos. O narrador no decorrer dos Atos dos Apóstolos, apresenta-os como um prolongamento do próprio Jesus: Os termos ἀπόστολος, em Atos, refere-se, sobretudo, aos Doze. Estes são aqueles que Jesus escolheu para instruir de forma particular e os primeiros destinatários da promessa do envio do Espírito Santo (cf. At 1,1-5). Estes são enviados para serem testemunhas, até os confins da terra (cf. At 1,8). Em At 1,12-13, temos seus nomes: Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão Zelota e Judas, filho de Tiago, No grupo dos onze apóstolos, é inserido Matias, no lugar ocupado por Judas (cf. At 1,26). Os doze, após Pentecostes, iniciam seu testemunho diante do povo (cf. At 2,14.37). Ensinam a comunidade (cf. At 1,43); realizam prodígios e sinais diante de todos (v. 43; 5,12); com grande poder, dão testemunho da ressurreição diante de todos (At 4.33); administram a vida interna da comunidade (v. 37; 8.14; 15.6); são presos (vv. 18.21.26); julgados diante do Sinédrio (v. 27). Porém, mesmo diante do Sinédrio, afirmaram que Jesus é o Chefe e Salvador de Israel (vv. 29-33); ensinam e anunciam que Jesus é o Cristo (cf. At 5,42). Instituem ministérios para o serviço interno da comunidade (cf. At 6,2-6). Diante da perseguição, permanecem firmes (cf. At 8,1). Os apóstolos acolhem, em Jerusalém, Barnabé e Saulo (cf. At 9,27-28; 15,4); tomam decisões juntamente com os anciãos e de acordo com toda a Igreja (cf. At 15,22-29; 16,4). O termo, também, foi empregado para outros missionários, como Barnabé e Paulo (cf. At 14,4.14). Os apóstolos não são somente enviados por Jesus e pelo Espírito Santo (cf. At 13,2) para testemunhar. São, como que, um prolongamento da vida e da atuação do próprio Jesus. O texto confirma-o em muitos momentos. Jesus, em sua vida pública, ensinou (At 1,1); realizou prodígios e sinais (cf. At 2,22; 10,38; Lc 24,19); foi preso (cf. At 1,16); julgado pelo Sinédrio (cf. At 22,66), diante do qual afirmou ser o Cristo, e, por último, foi condenado e morto (cf. At 2,23; 5,30; 13,29). Os apóstolos seguiram o mesmo itinerário: ensinaram (cf. At 5,42), realizaram prodígios e sinais (cf. At 1, 43; 5,12), foram presos (cf. At 4,18.21.26), julgados pelo Sinédrio (cf. At 4,27), diante do Sinédrio afirmaram que Jesus é o Cristo (cf. At 4,9).

⁹⁸ Cf. RIUS-CAMPS, Josep, *De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana: Comentário linguístico y exegético a Hch 1-12*, Cordoba: Almendro, 1989, 22.

O narrador afirma que Jesus ressuscitado permaneceu com os apóstolos durante quarenta dias antes de subir ao céu (vv. 2-3)⁹⁹. Segundo Roloff, o propósito do narrador não foi apresentar um tempo exato em que Jesus se manifestou. Trata-se de um tempo em que Jesus quis preparar os apóstolos tanto para receber a revelação de Deus como para testemunhá-lo, publicamente, diante de todos¹⁰⁰. O propósito desta ênfase da permanência de Jesus ressuscitado com os apóstolos indica o interesse do narrador em destacar que o caminho da Igreja parte de manifestações divinas concretas¹⁰¹. Camps afirma que os quarenta dias foram, também, um período de prova.

Trata-se, também, aqui de um longo período de prova, no qual Jesus buscou vencer a resistência dos discípulos a aceitar, superando a tentação que representou para suas aspirações nacionalistas a descoberta de que ele é o Messias, que o "reinado de Deus" não devia ser considerado como uma prerrogativa de Israel em detrimento das demais nações¹⁰².

Em outra perspectiva, os quarenta dias são um número simbólico, utilizado pelo narrador para sugerir que também a comunidade dos apóstolos viveu um tempo de tentação e discernimento antes de começar o tempo da missão¹⁰³.

A problemática do segundo livro surge durante os quarenta dias em que Jesus, conviveu com os apóstolos. No v. 3, o narrador introduz a primeira parte do conteúdo do livro¹⁰⁴. Segundo Camps, o uso do relativo inicial (οἶς), seguido de um (καὶ), tem como função (nos Atos dos Apóstolos) introduzir um novo desenvolvimento que está intimamente

⁹⁹ O narrador, ao criar sua estratégia narrativa, destacou o número quarenta como um elemento simbólico, o qual indica uma transição. Neste sentido de transição, τεσσεράκοντα aparece seis vezes em Atos (cf. At 1,3; 4,22; 7,30.36.42; 13,21). O autor situou o termo no texto da seguinte maneira: após o derramamento do Espírito Santo, em Pentecostes, o primeiro milagre foi a cura de um coxo de nascença, o qual tinha mais de quarenta anos (cf. At 3,2; 4,22). Após quarenta anos refugiado em Madiã, Deus chama Moisés para libertar o povo da escravidão do Egito (cf. At 7,30) e, durante quarenta anos, no deserto, realizou prodígios e sinais em meio ao povo de Israel (cf. At 7,30.36.42). Por último, após quarenta anos do reinado de Saul, Deus suscitou Davi, de cuja descendência veio o Messias (cf. At 13,21-23). Pode-se concluir que o termo quarenta, em Atos, recebe uma conotação temporal de tipo teológica. Ele indica que é próprio da ação de Deus intervir na história, consequentemente, mudando-a para melhor. No texto, essa intervenção divina, trata-se da realização da promessa do Pai no dia de Pentecostes (cf. At 2,1).

¹⁰⁰ Cf. ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, 46-47.

¹⁰¹Cf. DUNN, James. The Acts of the Apostles. London: Epworth Press, 1996, 7.

¹⁰² RIUS-CAMPS, Josep, De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana, 24.

¹⁰³ Cf. RICHARD, Pablo. O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1999, 19.

¹⁰⁴ Cf. ROLOFF, Jurgen, *Hechos de los Apostoles*, 47.

unido ao que foi dito anteriormente, neste caso ao resumo dos vv. 1-2¹⁰⁵. O narrador, ao conduzir o leitor a este ponto introduz o nó da primeira sequência nos vv. 4-5.

3.1.2 A promessa do Pai: vv. 4-5

A situação inicial da intriga é o contexto de uma refeição. Nela estão reunidos Jesus e seus apóstolos. O nó da intriga aparece, em seguida, nos vv. 4-5. Ao tomar a refeição com eles, deu-lhes esta ordem: "Não vos afasteis de Jerusalém, mas esperai a realização da promessa do Pai, da qual me ouvistes falar, quando eu disse: 'João batizou com água; vós, porém, dentro de poucos dias sereis batizados com o Espírito Santo"".

Jesus ordena aos apóstolos que permaneçam em Jerusalém. O objetivo é esperar a realização da promessa do Pai. A "promessa do Pai' é a promessa por excelência. O "Espírito Santo que Jesus enviará sobre eles representará o cumprimento de todas as promessas feitas por Deus aos pais de Israel" O narrador, neste primeiro momento, ao apresentar o batismo no Espírito Santo, não se refere ao rito cristão do batismo, e sim, "à inauguração do tempo do Espírito, do qual todo o livro dos Atos dos Apóstolos dará testemunho" 107.

Nas narrativas, o nó indica sempre uma tensão a ser resolvida: uma passagem de um estado a outro. Neste primeiro momento, o narrador indica, por meio das palavras de Jesus, que os apóstolos sairão do estado de não batizados no Espírito para o de batizados no Espírito. Ele faz uma pausa para suscitar curiosidade no leitor e nos personagens, a respeito dos efeitos que essa mudança lhes causará.

Outro aspecto da promessa é seu autor, o Pai. O narrador destaca Jesus como o anunciador da promessa, porém, é o Pai quem a realizará. O narrador não fornece, neste primeiro momento, nenhuma informação sobre quem é o Espírito Santo. O Pai, contudo, é o protagonista de seu envio¹⁰⁸.

3.1.3 O tempo do Pai: vv. 6-8

O narrador deixa a cena da refeição e conduz o leitor a outra cena. Narra o último diálogo entre Jesus e seus apóstolos, antes da subida de Jesus ao céu. A cena inicia-se com a pergunta dos apóstolos a respeito do restabelecimento do reino de Israel (v. 6). Sem dúvida, a

¹⁰⁵ Cf. RIUS-CAMPS, Josep, De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana, 22-23.

¹⁰⁶ *Idem*, 27.

¹⁰⁷ RICHARD, Pablo. O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos, 20.

¹⁰⁸ Cf. STÄHLIN, Gustav. Gli Atti degli Apostoli, 38.

pergunta nasce da espera de uma vinda iminente do Messias, típica do nacionalismo judaico que ansiava pela restauração do reino davídico¹⁰⁹. O momento desta restauração depende da autoridade do Pai. É o Pai quem determina os tempos e os momentos com sua autoridade (v. 7). A resposta de Jesus indica que Deus é, absolutamente, livre para decidir quando estabelecerá a ordem definitiva¹¹⁰. O "Pai reservou para si tudo o que faz referência aos momentos da história e a sua irrupção nela, respeitando sempre a liberdade do homem"¹¹¹. O narrador, com a resposta de Jesus, conduz o leitor, mais uma vez, ao tema da promessa do envio do Espírito Santo: "Mas recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra" (v. 8).

Com este reenvio à promessa, o narrador indica que o tempo presente é o do recebimento do Espírito Santo e do testemunho. De forma implícita, o narrador indica que o desígnio do Pai é tornar os discípulos testemunhas por meio do Espírito Santo. O sentido do recebimento do Espírito Santo é o testemunho em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra. O testemunho de Jesus é um desígnio do Pai, o qual visa, por meio dele a atingir toda a humanidade. Desta forma, Jesus alarga a perspectiva dos discípulos para além do tempo e do espaço, fazendo-os sair da mentalidade do nacionalismo religioso para o mundo¹¹².

O tempo que o narrador apresenta ao leitor, a respeito dos apóstolos, é o tempo das "testemunhas de Jesus". Concebe a ação do Espírito Santo como proclamação das palavras e ações do Jesus terrestre para suscitar a fé em todos os lugares¹¹³. É este o propósito da promessa do Pai, apresentada pelo narrador. Sabendo o leitor que não se trata do momento da restauração de Israel, é, também, chamado a ser testemunha de Jesus pelo Espírito Santo. Segundo Roloff, o narrador quer deixar bem claro que a resposta de Jesus, sobre sua vinda iminente, tem o objetivo de levar o leitor a aceitar a ação do Espírito como protagonista da evangelização dos pagãos, pois o Espírito Santo não cessa de dar testemunho da presença de Jesus¹¹⁴. Enquanto a restauração de Israel não acontece, este é o tempo estabelecido pelo Pai.

_

¹⁰⁹ Cf. STÄHLIN, Gustav. Gli Atti degli Apostoli,,38-39.

¹¹⁰ Cf. ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, 48.

¹¹¹ RIUS-CAMPS, Josep, De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana,29.

¹¹² Cf. STÄHLIN, Gustav. Gli Atti degli Apostoli, 39.

¹¹³ Cf. ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, 49.

¹¹⁴ Cf. *Idem*, 49.

3.1.4 A ascensão como obra simbólica de Deus: v. 9

Jesus é "elevado ao céu" (v. 9) após anunciar a finalidade da promessa feita aos apóstolos. Por ter sido elevado, ὑπέλαβεν, à semelhança de Elias (cf. 2Rs 2,11), o narrador fala da subida de Jesus como um rapto¹¹⁵. Neste sentido, atribui ao Pai, também, a ascensão de Jesus. É uma ação simbólica de Deus, pois exprime a ação invisível da exaltação de Cristo à direita de Deus (cf. 2,33)¹¹⁶.

A ascensão sempre foi interpretada de modo errôneo como uma saída deste mundo, como uma ausência de Jesus, como se Jesus fosse embora para retornar no fim dos tempos. Nessa interpretação, a ascensão perde todo o caráter histórico que Lucas quis dar-lhe. Na ascensão, Jesus não vai embora; mas, isto sim, é exaltado, glorificado¹¹⁷.

3.1.5 A intervenção de Deus por meio dos anjos: vv. 10-11

Dois homens "vestidos de branco" se apresentam aos apóstolos, enquanto Jesus sobe ao céu. A indicação, "vestidos de branco", significa que são personagens enviados por Deus. São seus mensageiros¹¹⁸. Embora não explicitados pelo narrador, pode-se afirmar que estes homens são, na realidade, anjos, pelos quais Deus intervêm diversas vezes nos Atos (cf. 5,9; 8,26; 10,3; 12,7-11.23 etc.)¹¹⁹. Segundo Stählin, os anjos encarnam e interpretam a intervenção de Deus¹²⁰. Eles transmitem a seguinte mensagem: "Esse Jesus que, do meio de vós, foi elevado ao céu, virá assim, do mesmo modo como o vistes partir para o céu" (v. 11). Com esta mensagem o narrador demonstra que, assim como o Pai elevou Jesus ao céu, da mesma forma, o fará descer do céu. Com essas palavras, o narrador demonstra que faz parte do desígnio do Pai enviar, novamente, Jesus. A exortação dos anjos aos discípulos, mais uma vez, conduz o leitor ao tema do testemunho. Segundo Roloff, trata-se do tempo da Igreja. Segundo o narrador, não é um tempo substitutivo de uma parusia empurrada pela história e,

¹¹⁵ Cf. ARENS, Eduardo. *Seran mis testigos: historia, actores y trama de Hechos de Apostoles*. Lima: Centro de estudios y publicaciones (CEP), 1996, 275.

¹¹⁶ Cf. STÄHLIN, Gustav. Gli Atti degli Apostoli, 42.

¹¹⁷ RICHARD, Pablo. O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos, 25.

¹¹⁸ Cf. MALINA, Bruce – PILCH, John. *Social-Science commentary on the book os Acts*. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2008, 23.

¹¹⁹ Cf. ATOS DOS APÓSTOLOS. In: BIBLIA Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994. 2152, nota a At 23 8

¹²⁰ Cf. STÄHLIN, Gustav. Gli Atti degli Apostoli, 43.

sim, um tempo situado no meio de um parênteses, e de acontecimentos correlativos que se atraem: a ascensão e a parusia¹²¹.

3.2 Os discípulos esperam a promessa de Deus, At 1,12-26

Texto

1. Em minha primeira narração, ó Teófilo, contei toda a seqüência das ações e dos ensinamentos de Jesus, 2. desde o princípio até o dia em que, depois de ter dado pelo Espírito Santo suas instruções aos apóstolos que escolhera, foi arrebatado (ao céu). 3. E a eles se manifestou vivo depois de sua Paixão, com muitas provas, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas do Reino de Deus. 4. E comendo com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem o cumprimento da promessa de seu Pai, que ouvistes, disse ele, da minha boca; 5. porque João batizou na água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo daqui há poucos dias. 6. Assim reunidos, eles o interrogavam: Senhor, é porventura agora que ides instaurar o reino de Israel? 7. Respondeu-lhes ele: Não vos pertence a vós saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou em seu poder, 8. mas descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins do mundo. 9. Dizendo isso elevou-se da (terra) à vista deles e uma nuvem o ocultou aos seus olhos. 10. Enquanto o acompanhavam com seus olhares, vendo-o afastar-se para o céu, eis que lhes apareceram dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: 11. Homens da Galiléia, por que ficais aí a olhar para o céu? Esse Jesus que acaba de vos ser arrebatado para o céu voltará do mesmo modo que o vistes subir para o céu. 12. Voltaram eles então para Jerusalém do monte chamado das Oliveiras, que fica perto de Jerusalém, distante uma jornada de sábado. 13. Tendo entrado no cenáculo, subiram ao quarto de cima, onde costumavam permanecer. Eram eles: Pedro e João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelador, e Judas, irmão de Tiago. 14. Todos eles perseveravam unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele. 15. Num daqueles dias, levantouse Pedro no meio de seus irmãos, na assembléia reunida que constava de umas cento e vinte pessoas, e disse: 16. Irmãos, convinha que se cumprisse o que o Espírito Santo predisse na escritura pela boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam Jesus. 17. Ele era um dos nossos e teve parte no nosso ministério. 18. Este homem adquirira um campo com o salário de seu crime. Depois, tombando para a frente, arrebentou-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram. 19. (Tornou-se este fato conhecido dos habitantes de Jerusalém, de modo que aquele campo foi chamado na língua deles Hacéldama, isto é, Campo de Sangue.) 20. Pois está escrito no livro dos Salmos: Fique deserta a sua habitação, e não haja quem nela habite; e ainda mais: Que outro receba o seu cargo (Sl 68,26; 108,8). 21. Convém que destes homens que têm estado em nossa companhia todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós, 22. a começar do batismo de João até o dia em que do nosso meio foi arrebatado, um deles se torne conosco testemunha de sua Ressurreição. 23. Propuseram dois: José, chamado Barsabás, que tinha por sobrenome Justo, e Matias. 24. E oraram nestes termos: O Senhor, que conheces os corações de todos, mostra-nos

¹²¹ Cf. ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, 51.

qual destes dois escolheste 25. para tomar neste ministério e apostolado o lugar de Judas que se transviou, para ir para o seu próprio lugar. 26. Deitaram sorte e caiu a sorte em Matias, que foi incorporado aos onze apóstolos.

Os apóstolos deixam o monte das Oliveiras, após a subida de Jesus ao céu, e entram na cidade de Jerusalém e, ali, permanecem em uma sala (vv. 12-13). O narrador relata dois detalhes deste período de espera da promessa: a preparação para a vinda do Espírito e a eleição de Matias para ocupar o lugar que o apóstolo Judas deixou.

3.2.1 Preparação para a vinda do Espírito (1,12-14)

Depois que os anjos foram-se embora, o leitor é informado sobre o lugar onde aconteceu a última cena: o Monte das Oliveiras. Partindo do Monte das Oliveiras, os apóstolos caminharam a distância que se pode andar em dia de sábado (v. 12). O narrador mostra ao leitor, no v. 13, que os discípulos obedeceram a ordem de Jesus de permanecerem em Jerusalém (v. 4). Nos vv. 13-14, o narrador apresenta o significado crucial do tempo entre a ascensão e pentecostes: tempo de oração em comum, tempo de preparação dos discípulos para a vinda do Espírito Santo em Jerusalém¹²². O narrador indica que os discípulos entraram e permaneceram em uma casa, a qual possuía uma sala superior. Provavelmente, trata-se da mesma sala onde os apóstolos estiveram com Jesus no v. 4¹²³. O narrador, no decorrer da narrativa dos Atos dos Apóstolos, demonstra que em geral a sala de uma casa era um local especial para a primeira comunidade. Era em uma sala que a comunidade se reunia para a oração (v. 14; 10,9) e para o culto, era em uma sala que a comunidade experimentava os maiores prodígios (cf. 2,1ss; 9,37ss; 10,9ss; 20,8ss).

No v. 14, o narrador coloca ao lado dos onze apóstolos outros dois grupos de discípulos, os das mulheres, dentre elas Maria, a mãe de Jesus, e o grupo dos irmãos de Jesus. O manuscrito D (tradição manuscrita ocidental), a respeito das mulheres presentes afirma que se trata das esposas e dos filhos dos onze¹²⁴. Por isto, o leitor pode pensar que, provavelmente, além das esposas e dos filhos dos apóstolos, estivessem outras mães com seus filhos¹²⁵. Quanto à presença dos irmãos de Jesus, trata-se da única referência a eles nos Atos. Todavia,

¹²² Cf. ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, 53.

É comum, no Antigo Testamento, verificar que, em qualquer ambiente onde homens se reúnem para estar a sós com Deus, torna-se propício o recebimento de revelações divinas (cf. 1Rs 17,19ss; 2Rs 4,10.33; Dn 6,10s.

¹²⁴ Cf. RIUS-CAMPS, Josep, De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana, 39.

¹²⁵ Cf. STÄHLIN, Gustav. Gli Atti degli Apostoli, 46.

um deles retorna: Tiago (cf. Mc 6,3), o qual aparecerá com um papel importante na Igreja de Jerusalém, depois de Pedro (cf. 12,17; 15,3; 21,8)¹²⁶. O ponto central deste versículo, porém, é a oração perseverante de forma unânime (ἦσαν προσκαρτεροῦντες ὁμοθυμαδὸν τῆ προσευχῆ). A oração mantinha os discípulos unidos na espera da promessa e, por meio da oração, se preparavam para ver realizada a promessa.

3.2.2 A eleição de Matias, At 1,15-26

Durante os dias de espera da promessa, o narrador apresenta apenas um evento realizado pela comunidade: a eleição do décimo segundo apóstolo, Matias. Com esta afirmação os doze são como os patriarcas do novo povo eleito. Por isto, seu número deve ser completo¹²⁷. O narrador acrescenta mais pessoas ao grupo dos discípulos. Desta vez, estavam reunidas cerca de cento e vinte pessoas (v. 15). Com este detalhe, o narrador amplia o sentido do recebimento da promessa. O leitor pode com esta informação ter presente que a promessa é para todos os discípulos de Jesus e não somente para o grupo dos apóstolos e familiares de Jesus.

Em seguida, o narrador coloca em cena o apóstolo Pedro¹²⁸, o qual se levanta e apresenta à comunidade a necessidade de se preencher o lugar abandonado por Judas com outro discípulo (vv. 15-22). Pedro estabelece a finalidade desta escolha: o novo apóstolo,

¹²⁶ Cf. RICHARD, Pablo. O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos, 31.

¹²⁷ Cf. MARTINI, Carlo. *Gli Atti degli Apostoli*. Città del Vaticano: Poliglotta Vaticana, 1967, 23.

¹²⁸ Segundo os critérios da narratologia, Pedro pode, nos Atos dos Apóstolos, ser classificado como protagonista singular. O narrador apresenta o nome Pedro, pela primeira vez, colocando-o em primeiro lugar na lista dos onze apóstolos (cf. At 1.13). Após a subida de Jesus ao céu, a escolha do sucessor de Judas parte dele (cf. At 1,15). É ele quem profere o primeiro discurso em nome dos Doze, em Pentecostes (cf. At 2,14-41). O primeiro milagre em nome de Jesus é apresentado pelo narrador como realizado por meio de Pedro (cf. At 3,1-11). A este, seguiu-se, o segundo discurso do livro, feito por ele (cf. At 3,12-26). Ainda no contexto do milagre, é Pedro quem realiza o terceiro discurso diante do Sinédrio (cf. At 4,8-12). Diante do modo de organizar-se da comunidade primitiva, o narrador destaca Pedro como alguém que preside a vida comunitária (cf. At 5,3-11). Diante dos muitos sinais e prodígios realizados pelos apóstolos, destaca os realizados por Pedro (cf. At 5,15). Da mesma forma, destaca-o em meio ao testemunho comum dos doze (cf. At 5,29-32). Na primeira expansão da palavra na Samaria, é Pedro, acompanhado por João, quem confirma os fiéis na fé, através da imposição das mãos (cf. At 8,16-17). A narração do segundo e do terceiro milagre destaca, também, a figura do apóstolo (cf. At 9,32-43). O primeiro Pentecostes dos pagãos acontece com a presença de Pedro (cf. At 10,1-48). Nesta ocasião, o narrador coloca em sua boca o quinto discurso da obra (cf. At 10,34-43). Com isso, graças à palavra de Pedro, a comunidade acolhe os pagãos em seu interior pela primeira vez (cf. At 11,18). O desejo de matar Pedro, após a morte de Tiago, confirma sua autoridade representativa da comunidade diante das autoridades judaicas (cf. At 12,3). A última ação de Pedro demonstra que, até mesmo o acolhimento da obra de Paulo, pelos apóstolos e anciãos, parte da sua palavra (cf. At 15,6-21).

testemunha da vida pública, morte e ressurreição de Jesus, será testemunha da ressurreição do mestre Jesus (v. 22). O narrador, pela primeira vez, apresenta ao leitor a importância de Pedro na primeira comunidade. Será o porta voz e líder da comunidade em diversos momentos (cf. 2,14ss; 38s.; 4,8ss; 5,3ss. 29ss; 15,7ss). A referência que Pedro fez ao mandato presente no Sl 109,8, "que outro receba o seu encargo", expressa a vontade de Deus de eleger um sucessor para o lugar de Judas. Ao mesmo tempo, o narrador está mostrando ao leitor que a deserção de Judas não ficou impune. Trata-se de um reflexo bíblico "do castigo do judaísmo ímpio que traiu o Messias" A explicação da sorte de Judas pode, também, ser um acréscimo do narrador para seus leitores como um parêntesis 130.

Pedro coloca duas condições para a escolha do candidato: o décimo segundo apóstolo deverá ser um dos homens que acompanharam Jesus desde o batismo de João até a ascensão ao céu. A segunda condição é: deverá ser testemunha da ressurreição.

A comunidade apresenta dois homens: José, apelidado de justo, e Matias. O narrador diz que a assembleia pediu ao Senhor que lhes mostrasse quem havia escolhido para ocupar o lugar de Judas (vv. 23-25). A comunidade, invocando o "Senhor" (v. 24), deixa nas mãos de Deus a eleição do candidato¹³¹. Após a oração, o narrador relata: "Tiraram então a sorte entre os dois. A sorte caiu em Matias, o qual foi acrescentado ao número dos onze apóstolos" (v. 26). Segundo Pilch, "no mundo antigo, os sorteios eram uma estratégia de adivinhação, para discernir a vontade de Deus. Essa prática estava enraizada na crença de que Deus (ou os deuses) estava no controle da vida e era responsável por tudo" Neste sentido o narrador mostra ao leitor ter Matias sido eleito pelo próprio Deus e não pela sorte.

O narrador destaca a oração como principal elemento durante o período de espera da promessa. Tanto na segunda cena, vv. 12-14, quanto na terceira, vv. 15-26, refere-se a uma postura de submissão dos discípulos à ordem de Jesus, no v. 4. Eles obedecem, perseverando na oração e respeitando a iniciativa divina de escolher Matias como décimo segundo apóstolo.

¹²⁹ RIUS-CAMPS, Josep, *De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana*,54.

¹³⁰ Cf. MARTINI, Carlo. Gli Atti degli Apostoli, 24.

¹³¹ Cf. ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, 61-62.

¹³² PILCH, John. Visões e Curas nos Atos dos Apóstolos: como os primeiros fiéis experimentavam Deus. São Paulo: Loyola, 2010, 29.

3.3 A realização da promessa: At 2,1-13

Texto

1. Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. 2. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. 3. Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. 4. Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem. 5. Acontece que em Jerusalém moravam judeus devotos de todas as nações do mundo. 6. Quando ouviram o barulho, todos se reuniram e ficaram confusos, pois cada um ouvia, na sua própria língua, os discípulos falarem. 7. Espantados e surpresos, diziam: "Esses homens que estão falando, não são todos galileus? 8. Como é que cada um de nós os ouve em sua própria língua materna? 9. Entre nós há partos, medos e elamitas; gente da Mesopotâmia, da Judéia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, 10. da Frígia e da Panfilia, do Egito e da região da Líbia vizinha de Cirene; alguns de nós vieram de Roma, 11. outros são judeus ou pagãos convertidos; também há cretenses e árabes. E cada um de nós em sua própria língua os ouve anunciar as maravilhas de Deus!" 12. Todos estavam admirados e perplexos, e cada um perguntava ao outro: "O que quer dizer isso?" 13. Outros caçoavam e diziam: "Eles estão embriagados com vinho doce.

O narrador conduz o leitor a outra cena, após a eleição de Matias. Os discípulos estão reunidos na mesma sala em que esperavam a realização da promessa, no dia de Pentecostes (v. 1). A cena possui três momentos. No primeiro acontece, a intervenção de Deus (vv. 1-2), no segundo, a manifestação do Espírito Santo como realização da promessa (vv. 3-4), no terceiro, o narrador coloca os personagens "cheios do Espírito Santo" diante de uma multidão (vv. 7-13).

3.3.1 A intervenção de Deus: At 2,1-2

O narrador situa os personagens no dia de Pentecostes. No Antigo Testamento, a festa de Pentecostes era chamada de "festa das semanas" (Ex 34,22; Dt 16,10) ou "festa das primícias" (Ex 23,16). Tratava-se de uma festa agrícola. O nome Pentecostes, cinquenta dias, aparece no contexto do pós-exílio (cf. Tb 2,1; 2Mc 12,32). Com a expressão "quando chegou o dia", o narrador indica que o acontecimento de Pentecostes tem a conotação de cumprimento. Portanto, encerrou-se o tempo da espera da promessa (1,8) e da preparação da comunidade (1,12ss)¹³³. O prazo marcado por Jesus para a recepção do Espírito Santo ("daqui

¹³³ Cf. ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, 69.

a poucos dias"), prazo que a adição ocidental fixou (manuscrito D), foi de, no máximo dez dias, para a realização da promessa¹³⁴.

O narrador afirma que os discípulos estavam reunidos, provavelmente o mesmo grupo que participou da eleição de Matias (1,15), naquela manhã de Pentecostes (cf. 2,15). Alguns comentadores seguem esta proposta, enquanto outros afirmam estarem presentes apenas as pessoas elencadas em 1,14¹³⁵.

Quanto ao lugar do evento de Pentecostes, Stählin sugere a hipótese que se deve pensar mais no Templo (cf. Lc 24,52) que em uma casa. A favor desta hipótese, Stählin afirma que, provavelmente, foi no átrio de Salomão, devido à presença imediata dos ouvintes. Outro argumento que usa é o fato de que, por diversas vezes, o termo casa (v. 2) está ligado a casa de Deus (cf. At 7,47; Lc 11,51; Is 6,4)¹³⁶. Dupont, ao contrário de Stählin, verifica um paralelismo entre 2,2 e 1,13. Em 2,2, está escrito falando da "casa, onde eles habitavam" (τὸν οἶκον οὖ ἦσαν καθήμενοι). Em 1,13 fala-se do "cenáculo onde permaneciam" (τὸ ὑπερῷον οὖ ἦσαν καταμένοντες)¹³⁷. No contexto da narrativa, como foi visto no emprego do critério de lugar, a presença do termo "casa", no v. 2, aparece ligado a 1,13.14.15; 2,1, como elemento delimitador da sequência.

3.3.2 A manifestação do Espírito de Deus: At 2,3-4

O narrador ilustra a intervenção de Deus através de sinais sensíveis, o "ruído" que encheu toda a casa e a visão das "línguas como de fogo", que se repartiram e pousaram¹³⁸ sobre cada um dos presentes (vv. 2-3). O ruído ouvido é chamado de ἦχος, ruído retumbante, qual o fragor do mar (Lc 21,25), ou o som fortíssimo da trombeta (Hb 12,19). Segundo Dupont, no v. 6, o mesmo ruído é designado pelo vocábulo φωνή, "som", ao qual está ligada a ideia de ruído, porém, não tão forte¹³⁹. O fogo, no Antigo Testamento, é sinal da presença de Deus (cf. Ex 3,2; 13,21; Sl 104,4). O narrador para falar das línguas usa o termo ὤφθησαν. Literalmente, pode-se traduzir como "línguas foram vistas por eles". Trata-se "de uma aparição sobrenatural, onde o próprio objeto visto se torna visível ou é feito visível por Deus.

¹³⁴ Cf. RIUS-CAMPS, Josep, De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana,64.

¹³⁵ Cf. DUPONT, Jacques, Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, 484.

¹³⁶ Cf. STÄHLIN, Gustav. Gli Atti degli Apostoli,66.

¹³⁷ Cf. DUPONT, Jacques, Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, 484.

¹³⁸ Pode-se traduzir ἐκάθισεν como "desceu e permaneceu", neste sentido o Espírito Santo, figurado nas línguas, tomou posse dos discípulos.

¹³⁹ Cf. *Idem*, 486.

Os apóstolos são, portanto, testemunhas da manifestação de uma realidade sobrenatural"¹⁴⁰. Com essa descrição dada pelo narrador, verificam-se elementos das teofanias do Antigo Testamento. Por isso, é natural que se encontrem reminiscências da teofania clássica do Antigo Testamento, o acontecimento do Sinai¹⁴¹.

Através desses fenômenos, o personagem Deus entra em cena de forma visível para os personagens. Entrando em cena, realiza a promessa, pois enche os presentes do Espírito Santo (v. 4). A "efusão do Espírito na manhã de Pentecostes é um batismo; isto é, segundo a etimologia da palavra, os apóstolos estão 'imersos' no Espírito Santo, comparado aqui a uma água que já não 'enche', mas que submerge"¹⁴². Em outras palavras, o Espírito Santo, ao pousar sobre os discípulos, tomou posse deles¹⁴³. O batismo com o Espírito Santo significa a integração efetiva do indivíduo na missão messiânica de Jesus¹⁴⁴.

Estando cheios do Espírito Santo, o primeiro efeito que se manifesta na cena é o "falar em outras línguas" (v. 4). Na narrativa, o termo pode estar ligado tanto a glossolalia (cf. 1Cor 14,2), um fenômeno presente no cristianismo primitivo, quanto ao falar em línguas estrangeiras (v. 11). Porém, provavelmente o narrador quis enfatizar o primeiro, pois a expressão se repete em outros dois momentos (10,45-46 e 19,6).

Diante do episódio na casa de Cornélio, o narrador escreve: "Os fiéis da circuncisão, que tinham vindo com Pedro, profundamente se admiraram, vendo que o dom do Espírito Santo era derramado também sobre os pagãos; pois eles os ouviam *falar em outras línguas* e glorificar a Deus". Este momento está intimamente ligado ao evento de Pentecostes, devido a 10,47. Por isso, o falar em línguas na casa de Cornélio relaciona-se a um discurso extático e não ao falar em línguas estrangeiras. É esse falar de forma incompreensível que, também, se manifesta em 19,6.

O narrador, nos vv. 7-11, retoma o tema do milagre das línguas: "todos nós os escutamos anunciando as maravilhas de Deus em nossa própria língua" (v. 11).

Muito já se escreveu sobre esta forma de manifestação do Espírito. Lucas explica a continuação em uma cena que recorda a torre de Babel, porém, invertendo os termos. O Espírito atua como tradutor simultâneo fazendo que

¹⁴⁰ DUPONT, Jacques, Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, 487.

¹⁴¹ Cf. ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, 71.

¹⁴² DUPONT, Jacques, Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, 490.

¹⁴³ Cf. ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, 71.

¹⁴⁴ Cf. RIUS-CAMPS, Josep, De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana,65.

a confusão criada em Babel por culpa da arrogância do homem se converta em uma língua inteligível para toda a humanidade¹⁴⁵.

Martini comenta o fenômeno:

Trata-se provavelmente de uma linguagem estática, uma espécie de êxtase alegre onde eles louvam a Deus pelas maravilhas que ele realizou pelo seu povo por meio de Jesus Cristo. Ao invés de pensar que os apóstolos falassem as línguas das nações representadas entre a multidão, parece mais condizente ao contexto pensar que Lucas entende que os apóstolos falavam uma linguagem diferente da comum (acentuando principalmente a natureza estática do fenômeno). Esta linguagem é compreendida milagrosamente por muitas pessoas em sua própria língua¹⁴⁶.

3.3.3 As "maravilhas de Deus", At 2,5-13

O narrador no v. 5 introduz novos personagens, no momento em que os discípulos recebem o Espírito Santo: os judeus¹⁴⁷. Ele não fornece dados sobre a maneira em que os discípulos tornam-se visíveis à multidão que se aglomera ao seu redor. O narrador simplesmente, afirma que residiam em Jerusalém judeus devotos, de todas as nações, os quais ao ouvirem o "ruído" reuniram-se ao redor dos discípulos (vv. 5-6). O narrador deixa claro que a multidão presente provém de círculos judeus de língua grega, oriundos da diáspora e residentes em Jerusalém¹⁴⁸.

O narrador fornece um detalhe importante para a compreensão do momento. A multidão está confusa por verificar que os discípulos estão falando sua língua de origem (vv. 6). Segundo Dupont, "quando os apóstolos começaram a 'falar em outras línguas, segundo o Espírito Santo lhes concedia que se exprimissem', empregavam palavras perfeitamente inteligíveis" A multidão espanta-se e fica cheia de admiração, pois, ao mesmo tempo em que percebem o falar extático, compreendem, claramente, diversas línguas. O narrador com a

¹⁴⁵ RIUS-CAMPS, Josep, *De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana*,68.

¹⁴⁶ MARTINI, Carlo. Gli Atti degli Apostoli, 30.

¹⁴⁷ Os judeus, ao lado dos apóstolos são protagonistas coletivos nos Atos dos Apóstolos. O narrador apresenta-os da seguinte maneira: primeiramente, são personagens de raça judia, destinatários e testemunhas da ação de Deus (cf. At 2,5.10; 13,5.42; 16,20; 17,1.10.17; 18,2.19.28). Diante da proclamação que Jesus é o Cristo, ora estão confusos (cf. 9,22; 10,39), ora se unem para matar quem o anuncia (cf. 9,23; 22,22; 23,12; 26,21), inclusive o próprio Jesus (cf. 10,39). Perseguem os cristãos (cf. 11,19; 13,50; 14,5.19; 17,13; 20,19; 21,11.27; 25,2.7; 26,2.7); desejam sua morte (cf. 12,3.11). Muitos dos judeus também, aderiram à fé e se tornaram discípulos (cf. 13,43; 14,1; 17,4; 21,20). Outros se opuseram ao anúncio (cf. 13,45; 14,2.4; 17,5; 18,6.12.14; 19,8-9; 28,28). Estão ao lado dos gregos, diante do anúncio da palavra (cf. 18,4; 19,10; 20,21; 28,28). Os judeus representam aqueles que recebem o anúncio, testemunham a ação sensível de Deus, por meio dos milagres e sinais realizados em meio ao povo pelos cristãos. Porém, são livres para acolher ou não a fé em Jesus Cristo. A função desses personagens é suscitar no leitor a consciência desta liberdade diante da palavra anunciada.

¹⁴⁸ Cf. ROLOFF, Jurgen, *Hechos de los Apostoles*, 72.

¹⁴⁹ DUPONT, Jacques, Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, 496.

reação da multidão indica que estão reconhecendo um fenômeno proveniente da ação de Deus. Do ponto de vista literário, com a reação da multidão, o narrador está preparando o leitor para o discurso de Pedro¹⁵⁰.

Na narrativa, aparecem judeus oriundos de diversas nações, os quais foram testemunhas do prodígio de pentecostes, e, ao mesmo tempo, do surgimento das primícias da igreja cristã¹⁵¹. O narrador, no original, afirma estarem presentes judeus oriundos "de cada uma das nações que há debaixo do céu" (cf. v. 5 - Ἦσαν δὲ ἐν Ἰερουσαλὴμ κατοικοῦντες Ἰουδαῖοι, ἄνδρες εὐλαβεῖς ἀπὸ παντὸς ἔθνους τῶν ὑπὸ τὸν οὐρανόν). Porém, seu objetivo não foi elencar a representação de todas as nações do mundo e, sim, manifestar que o universo inteiro estava ali, simbolicamente representado, para ser testemunha da vinda do Espírito e ouvir a palavra de Deus¹⁵².

A reação da multidão foi diversa diante do fenômeno. O narrador apresenta duas reações distintas: alguns estavam admirados pelas "maravilhas de Deus", enquanto outros reagiram com desdém (cf. v. 13). A "expressão 'maravilhas de Deus' é muito freqüente na versão grega do Antigo Testamento (cf. Dt 11,2; Sl 71 etc.), sua poderosa atuação histórica que salva os que lhe pertencem, seus consagrados 153.

O narrador coloca na boca da multidão a pergunta: "O que significa isso?" (v. 12) Desta maneira, surge a necessidade de uma explicação mais profunda sobre o significado do fenômeno. O narrador diante da necessidade de apresentar o significado da realização da promessa ao leitor insere o discurso de Pedro a partir do v. 14. O discurso, portanto, aparece como uma estratégia do narrador de manter certa tensão no leitor. Pois a intriga não se encerra com o recebimento dos discípulos. Ela requer seu sentido mais profundo e, também, seu desfecho nos personagens.

Diante da importância desta resolução suscitada pelo narrador e, por tratar-se de outro gênero literário, a análise do discurso petrino será realizada no próximo capítulo.

4. Conclusão

Na conclusão do primeiro capítulo, verificou-se que o texto é um todo significante. O sentido do texto não está em trechos isolados, mas na totalidade do escrito.

¹⁵⁰ Cf. DUPONT, Jacques, Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, 498.

¹⁵¹ Cf. STÄHLIN, Gustav. Gli Atti degli Apostoli,72.

¹⁵² Cf. DUPONT, Jacques, Estudos sobre os Atos dos Apóstolos, 501.

¹⁵³ ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, 73.

Embora aberto a uma infinidade de releituras, o texto possui mecanismos internos que delimitam as possibilidades de leitura. A estrutura, ao lado do sentido transfrásico e simbólico do texto, é um elemento essencial que delimita o sentido do texto.

No caso de um texto narrativo, a narratividade é o princípio organizador da história, uma propriedade presente no texto que produz a narrativa. Por isso, a narratividade está ligada à estrutura do texto, fornecendo ao leitor um caminho seguro de entendimento do sentido do texto. A narrativa literária possui alguns parâmetros que lhe são próprios: a exposição de uma situação inicial, na qual estão envolvidos personagens em um determinado tempo e espaço; a complicação (nó) a ser resolvida; a resolução da complicação (desenlace) e, por último, a avaliação que especifica as reações mentais do personagem/narrador do episódio.

Além desses elementos, a narrativa bíblica possui outro fator determinante. Nela se verifica o primado da ação e a centralidade do personagem Deus. As narrativas bíblicas contam sobre Deus. Ele é um personagem que aparece em terceira pessoa do singular. Neste sentido, são os acontecimentos que o nomeiam. Revelam-no como o principal atuante da história: quem é e como atua na história.

A sequência analisada no segundo capítulo desta dissertação, At 1,1-2,41, propôs colocar em prática os princípios da narratologia e da análise narrativa propostos no primeiro capítulo.

Estes pressupostos permitiram a constatação de que os Atos dos Apóstolos é, sobretudo, uma macroestrutura narrativa. Uma macroestrutura é formada por diversas sequências, ou seja uma intriga episódica no interior de uma intriga global.

As sequências narrativas, por diversas vezes nos Atos, são interligadas por sumários. O narrador além dos sumários, serviu-se de discursos em sua estratégia narrativa. Através do discurso, o narrador dos Atos, visa a fornecer ao leitor o sentido mais profundo dos acontecimentos, anteriormente, narrados. Com a presença dos sumários e dos discursos pode-se afirmar, também, que o narrador quis apresentar ao leitor os primórdios da comunidade cristã primitiva. Porém, apresenta somente o essencial desta fase.

O narrador deixou claro, na primeira sequência, os quatro parâmetros necessários para estabelecer uma delimitação narrativa (critério do tempo, de lugar, de tema e personagens). Com o emprego do critério dos quatro parâmetros, conclui-se que o narrador em At 1,4-5 estabeleceu a promessa do recebimento do batismo no Espírito Santo como o

eixo sobre o qual construiu a primeira sequência dos Atos dos Apóstolos. Os quatro critérios foram elaborados ao redor desses versículos. Portanto, o nó da intriga está no contexto desses dois versículos. A aplicação desses critérios permitiu estabelecer, como fios condutores da sequência, a promessa do Pai (At 1,1-11), a espera da promessa por parte dos discípulos (At 1,12-26), a realização da promessa (At 2,1-13) e o sentido da promessa (At 2,14-41). Esses fios condutores delimitam a primeira sequência, em At 1,1-2,41. Eles, também, atestam que At 2,42 não faz parte da primeira sequência. Esses fios condutores são os meios pelos quais o narrador põe em cena o personagem Deus

Primeiro fio condutor: A promessa do Pai (At 1,1-11)

No primeiro fio condutor, o narrador, de forma implícita, manifesta o personagem Deus como protagonista dos eventos narrados. Na análise do prólogo (1,1-3), verifica-se que o narrador quis situar o início dos Atos dos Apóstolos no contexto dos quarenta dias em que Jesus conviveu com os apóstolos. Para o narrador, os quarenta dias simbolizam um tempo em que Jesus quis preparar os apóstolos tanto para receber a revelação de Deus como para testemunhá-lo, publicamente, diante de todos.

O narrador, em 1,4-5, em um contexto de refeição, coloca em cena Jesus e os onze apóstolos. Jesus ordena aos apóstolos que permaneçam em Jerusalém. O objetivo é esperar a realização da promessa do Pai. A "promessa do Pai' é a promessa por excelência. O "Espírito Santo que Jesus enviará sobre eles representará o cumprimento de todas as promessas feitas por Deus aos pais de Israel" O narrador destaca Jesus como o anunciador da promessa. Porém, é o Pai quem a realizará. Com isso, o narrador indica que Jesus tem um Pai, o qual dará o Espírito Santo.

O narrador, em 1,6, conduz o leitor a outra cena. A cena inicia-se com a pergunta dos apóstolos a respeito do restabelecimento do reino de Israel (v. 6). O momento desta restauração depende da autoridade do Pai. É o Pai quem determina os tempos e os momentos com sua autoridade (v. 7). A resposta de Jesus indica que Deus é absolutamente livre para decidir quando estabelecerá a ordem definitiva¹⁵⁵. O "Pai reservou para si tudo o que faz referência aos momentos da história e a sua irrupção nela, respeitando sempre a liberdade do homem"¹⁵⁶.

156 RIUS-CAMPS, Josep, De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana, 29.

¹⁵⁴ RIUS-CAMPS, Josep, De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana, 27.

¹⁵⁵ Cf. ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, 48.

O narrador, com a resposta de Jesus, indica em 1,8 que o tempo presente é o do recebimento do Espírito Santo e do testemunho. De forma implícita, o narrador indica que o desígnio do Pai é tornar os discípulos testemunhas de Jesus, por meio do Espírito Santo. Por meio do testemunho, dado em toda a terra, Deus deseja chamar toda a humanidade à salvação (cf. 2,38-39). Neste sentido, a ascensão de Jesus é um símbolo deste chamado à comunhão plena com Deus no céu.

O narrador, em 1,9 diz, que Jesus foi elevado ao céu (cf. v. 9 - ὑπέλαβεν). Trata-se de mais uma atuação do Pai que exalta Jesus à sua direita (cf. 2,33). Com a elevação de Jesus ao céu, o narrador põe em cena dois novos personagens, os quais são enviados do céu. Os anjos, implicitamente mencionados pelo narrador, aparecem como enviados de Deus para motivar os apóstolos a fixarem os olhos no tempo presente. Ao mesmo tempo, por meio deles, Deus anuncia que enviará Jesus no tempo oportuno (cf. 1,10-11).

Segundo fio condutor: A espera da promessa por parte dos discípulos (At 1,12-26)

Após a subida de Jesus ao céu, os apóstolos deixam o monte das Oliveiras e entram na cidade de Jerusalém e ali permanecem em uma sala (vv. 12-13). O narrador relata dois detalhes deste período de espera da promessa: a preparação para a vinda do Espírito e a eleição de Matias para ocupar o lugar que o apóstolo Judas deixou.

No v. 13 o narrador indica que os apóstolos obedeceram à ordem de Jesus, dada no v. 4. Esta obediência é sinal de que desejam receber a promessa do Pai. Em outras palavras, a permanência em Jerusalém indica um sim dos apóstolos e dos discípulos à vontade de Deus. Com este detalhe o narrador demonstra ao leitor que Deus não obriga a humanidade a fazer sua vontade. Pelo contrário, a deixa livre para se submeter a seus desígnios como os discípulos que permaneceram em oração (cf. v. 14), ou abandoná-lo como o fez Judas, que era um dos doze (cf. 25).

Judas abandonou seu lugar, como havia anunciado as escrituras (v. 20). Com esta afirmação, o narrador revela a onisciência de Deus que conhece o interior de cada pessoa e, consequentemente, suas escolhas mais profundas (cf. v. 24). Sabendo do abandono de Judas, Deus quis escolher Matias para ser um dos doze (cf. v. 24). Não somente o quis, como manifestou sua escolha por meio de um sorteio (cf. vv. 25-26).

Por conseguinte, tanto a espera da promessa em Jerusalém, por parte dos discípulos, quanto a submissão da comunidade, por meio da oração, diante da escolha do sucessor de Judas, demonstram que Deus é livre em suas escolhas, conhece o coração de cada

ser humano, deixa a humanidade livre diante dos desígnios divinos, e, ao mesmo tempo, está presente no interior da comunidade dos fiéis e não deixa de conduzí-los.

Terceiro fio condutor: A realização da promessa (At 2,1-13)

Após a eleição de Matias, o narrador conduz o leitor a outra cena. Os discípulos estão reunidos na mesma sala em que esperavam a realização da promessa no dia de Pentecostes (v. 1). A cena possui três momentos. No primeiro, ocorre, a intervenção de Deus (vv. 1-2), no segundo a manifestação do Espírito Santo como realização da promessa (vv. 3-4), no terceiro momento, o narrador coloca os personagens "cheios do Espírito Santo" diante de uma multidão (vv. 7-13).

O narrador ilustra a intervenção de Deus através de sinais sensíveis. O "ruído" encheu toda a casa e as "línguas como de fogo" se repartiram e pousaram sobre cada um deles (cf. v. 3). Com esta teofania, Deus entra em cena para cumprir a promessa do envio do Espírito Santo.

A segunda manifestação extraordinária que aconteceu no dia de Pentecostes foi o "falar em línguas" (v. 4). Independentemente das possibilidades de explicação deste fenômeno, o narrador apresenta-o como um sinal visível da realização da promessa do Pai. As promessas de Deus se realizam na história de forma concreta. O fenômeno sobrenatural do falar em línguas testifica uma ação que só pode ser exercida por Deus.

Ao apresentar a realização da promessa do envio do Espírito Santo, o narrador de forma explícita, através da teofania e do falar em línguas, introduz Deus na cena como aquele que é fiel a sua promessa.

O quarto fio condutor é o sentido da promessa (2,14-41), o qual será tratado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

O personagem Deus no discurso petrino de At 2,14-41

No capítulo anterior, verificou-se a presença de quatro eixos que estruturam a primeira sequência. O discurso petrino (At 2,14-41) é um desses eixos colocado pelo narrador em sua estratégia narrativa. A função do discurso no interior da primeira sequência dos Atos é apresentar ao leitor o sentido do evento Pentecostes. Segundo os costumes antigos, os discursos eram colocados em momentos culminantes de uma narração¹⁵⁷.

Os discursos dos Atos dos Apóstolos são todos compostos por Lucas para exprimir algo de decisivo em um lugar importante, conforme o contexto. Na base de um discurso estão conteúdos da fé da Igreja, um uso diferenciado da Escritura e uma série de outras formulações. O objetivo dos discursos nos Atos dos Apóstolos é proclamar, em forma de apresentação histórica, o caminho da Palavra dos judeus aos pagãos. O conteúdo dessa Palavra é principalmente o agir de Deus¹⁵⁸.

O discurso petrino é um recurso narrativo, empregado pelo narrador, para conferir sentido a sequência de 2,1-13. O narrador o introduz após a pergunta da multidão: "Que significa isso? A função do discurso na sequência é, portanto, conduzir o leitor ao significado da realização da promessa.

Verifica-se que o discurso não é uma transcrição do que Pedro disse no dia de Pentecostes, e sim, um tipo de reprodução daquilo que ele quis dizer em sua primeira pregação¹⁵⁹.

¹⁵⁷ Cf. PONGUTÁ, Silvestre. Para que seáis mis testigos: una presentación de los Hechos de los Apóstoles. Una lectura de Act 1-2. Bogotá: Asociacion Biblica Salesiana, 1991, 8.

¹⁵⁸ KLIESCH, Klaus. Gli Atti degli Apostoli. Assisi: Cittadella editrice, 1991, 58.

¹⁵⁹ Cf. DUNN, James. *The Acts of the Apostles*. London: Epworth Press, 1996, 26.

O objetivo deste capítulo é compreender o personagem Deus dentro do primeiro discurso petrino nos Atos dos Apóstolos. Pode-se dizer que todo o discurso foi construído ao redor deste personagem. Para verificar esta afirmação, é preciso perceber como o narrador estruturou o discurso de Pedro dentro da sequência narrativa. Como foi dito, na conclusão dos capítulos um e dois, trata-se de um discurso inserido dentro de uma narrativa.

O primeiro passo consistirá em analisá-lo em sua estrutura e em seu conteúdo. O narrador, através da estrutura do discurso, visa a conduzir o leitor ao sentido do texto. O discurso de 2,14-40 desenvolve-se em dois momentos: 2,14-36 e 2,37-40. Cada momento será chamado de subunidade. A primeira subunidade é composta por três partes (vv. 14-21; 22-28; 29-36). A segunda subunidade pelos vv. 37-40.

Após a verificação da estrutura e do conteúdo do discurso, em sua ligação com o personagem Deus, seguir-se-á a análise das características narrativas deste personagem no texto.

A estratégia narrativa, empregada pelo narrador, demonstra que a figura do personagem Deus recebe diversos títulos em todo o livro dos Atos. Porém, apenas três estão presentes no primeiro discurso petrino: Deus, Senhor e Pai. Para compreender o que o texto dos Atos afirma sobre o sentido desses termos, cada título será analisado no contexto de toda a narrativa dos Atos, antes de ser analisado dentro do contexto imediato da perícope.

Os títulos divinos presentes no discurso, são como que a coluna vertebral que sustenta a revelação deste personagem na perícope. Por isso, após compreendê-los é possível verificar as diversas características do personagem Deus no interior do discurso.

1.0 Conteúdo e estrutura de At 2,14-40

14. Então Pedro, que aí estava com os outros onze apóstolos, levantou-se e falou em voz alta: "Homens da Judéia e todos vocês que se encontram em Jerusalém! Compreendam o que está acontecendo e prestem atenção nas minhas palavras: 15. estes homens não estão embriagados como vocês pensam, pois são apenas nove horas da manhã. 16. Pelo contrário, está acontecendo aquilo que o profeta Joel anunciou: 17. 'Nos últimos dias, diz o Senhor, eu derramarei o meu Espírito sobre todas as pessoas. Os filhos e filhas de vocês vão profetizar, os jovens terão visões e os anciãos terão sonhos. 18. E, naqueles dias, derramarei o meu Espírito também sobre meus servos e servas, e eles profetizarão. 19. Farei prodígios no alto do céu, e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e nuvens de fumaça. 20. O sol se transformará em trevas, e a lua em sangue, antes que chegue o dia do Senhor, dia grande e glorioso. 21. E todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo.' 22. Homens de Israel, escutem estas palavras: Jesus de Nazaré foi um homem que Deus confirmou entre vocês, realizando por meio

dele os milagres, prodígios e sinais que vocês bem conhecem. 23. E Deus, com sua vontade e presciência, permitiu que Jesus lhes fosse entregue, e vocês, através de ímpios, o mataram, pregando-o numa cruz. 24. Deus, porém, ressuscitou Jesus, libertando-o das cadeias da morte, porque não era possível que ela o dominasse. 25. De fato, Davi assim falou a respeito de Jesus: 'Eu via sempre o Senhor diante de mim, porque ele está à minha direita, para que eu não vacile. 26. Por isso, meu coração se alegra, minha língua exulta e minha carne repousa com esperança. 27. Porque não me abandonarás na região dos mortos, nem permitirás que o teu santo conheça a corrupção. 28. Tu me ensinaste os caminhos da vida, e me encherás de alegria na tua presença.' 29. Irmãos, quanto ao patriarca Davi, permitam que eu lhes diga com franqueza: ele morreu, foi sepultado e seu túmulo está entre nós até hoje. 30. Mas, ele era profeta, e sabia que Deus lhe havia jurado solenemente fazer com que um descendente seu lhe sucedesse no trono. 31. Por isso, previu a ressurreição de Cristo e falou: 'ele não foi abandonado na região dos mortos, e a sua carne não conheceu a corrupção.' 32. Deus ressuscitou a este Jesus. E nós todos somos testemunhas disso. 33. Ele foi exaltado à direita de Deus, recebeu do Pai o Espírito prometido e o derramou: é o que vocês estão vendo e ouvindo. 34. De fato, Davi não subiu ao céu, mas falou: 'O Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita, 35. até que eu faça de seus inimigos um lugar para apoiar seus pés.' 36. Que todo o povo de Israel fique sabendo com certeza que Deus tornou Senhor e Cristo aquele Jesus que vocês crucificaram." 37. Quando ouviram isso, todos ficaram de coração aflito e perguntaram a Pedro e aos outros discípulos: "Irmãos, o que devemos fazer?" 38. Pedro respondeu: "Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos pecados; depois vocês receberão do Pai o dom do Espírito Santo. 39. Pois a promessa é em favor de vocês e de seus filhos, e para todos aqueles que estão longe, todos aqueles que o Senhor nosso Deus chamar." 40. Com muitas outras palavras, Pedro lhes dava testemunho e exortava, dizendo: "Salvem-se dessa gente corrompida."

O discurso de Pedro inicia-se no v. 14, quando "levantou a voz e falou à multidão". O interesse de Pedro não está em refutar a falsa interpretação do fato pela multidão (cf. vv. 15-16), e sim, em apresentar sua própria interpretação. É "necessário sair do impasse e Pedro, em nome da Igreja, dá a interpretação oficial do acontecimento". Para o personagem, o evento de Pentecostes é o cumprimento da profecia de Joel. Sua fala à multidão se encerra no v. 40. O v. 36 demonstra uma conclusão do discurso. Porém, a interrupção da multidão, no v. 37, suscitou a continuação do discurso. O discurso termina com a exortação de Pedro: "Salvai-vos desta geração perversa" (v. 40). Com a interrupção do v. 37, o discurso foi dividido em duas partes.

Segundo Dionne, os discursos são muitas vezes interrompidos, seja por uma observação do narrador, seja por outro personagem, sem que a interrupção marque o fim do

¹⁶⁰CASALEGNO, Alberto. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*. São Paulo: Loyola, 2005, 115; cf. COMBLIN, José. *Atos dos Apostolos: 1-12*, Petrópolis: Vozes, 1988, 93-104

¹⁶¹ Cf. PONGUTÁ, Silvestre. Para que seáis mis testigos: una presentación de los Hechos de los Apóstoles. Una lectura de Act 1-2, 90.

discurso que está recebendo muitas vezes um dado a mais (por exemplo: 7,53-54; 10,43-44; 26,23-24)¹⁶². Além disso, os dois momentos em que Pedro fala (vv. 14-36 e vv. 38-40), foram motivados por perguntas da multidão: "Que significa isso?" (v. 12) e "O que devemos fazer?" (v.37). A primeira pergunta (v. 12) requer uma informação, enquanto a segunda (v. 37) requer uma ação. As duas questões dividem o discurso em duas partes: primeira subunidade (vv. 14-36) e segunda subunidade (vv. 37-40).

1.1 Conteúdo e estrutura da primeira subunidade: At 2,14-36

A primeira subunidade do discurso de Pedro é, claramente, dividida em três partes, introduzidas por uma interpelação aos ouvintes: "Homens da Judeia" (v.14), "Homens de Israel" (v. 22a) e "Irmãos" (v.29a). Em cada parte, encontram-se elementos comuns: destinatário (vv. 14a, 22a, 29a), convite à escuta das palavras (vv. 14c, 22b, 29b), palavras de Pedro (vv. 15, 22c-24, 29c-33) e cumprimento de uma profecia (vv. 16-21, 25-28, 34-35). As divisões são as seguintes: primeira parte (vv. 14-21), segunda parte (vv. 22-28) e terceira parte (vv. 29-36).

1.1.1 Primeira parte (vv. 14-21)

14. Então Pedro, que aí estava com os outros onze apóstolos, levantou-se e falou em voz alta: "Homens da Judéia e todos vocês que se encontram em Jerusalém! Compreendam o que está acontecendo e prestem atenção nas minhas palavras: 15. estes homens não estão embriagados como vocês pensam, pois são apenas nove horas da manhã. 16. Pelo contrário, está acontecendo aquilo que o profeta Joel anunciou: 17. 'Nos últimos dias, diz o Senhor, eu derramarei o meu Espírito sobre todas as pessoas. Os filhos e filhas de vocês vão profetizar, os jovens terão visões e os anciãos terão sonhos. 18. E, naqueles dias, derramarei o meu Espírito também sobre meus servos e servas, e eles profetizarão. 19. Farei prodígios no alto do céu, e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e nuvens de fumaça. 20. O sol se transformará em trevas, e a lua em sangue, antes que chegue o dia do Senhor, dia grande e glorioso. 21. E todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo.

O autor, com a pergunta da multidão: "Que significa isso?" (cf. 2,12), introduz o discurso petrino. Pedro descortina o significado da realização da promessa do envio do Espírito Santo (cf. 1,5.8), a partir da profecia de Joel (v. 16). Nesta profecia "o próprio Deus

60

¹⁶² Cf. DIONNE, Christian, La Bonne Nouvelle de Dieu. Une analyse de la figure narrative de Dieu dans les discours pétriniens d'evangelisation des Actes des Apôtres. Paris: CERF, 2004, 65.

explica o que aconteceu por meio de sua palavra"¹⁶³. O profeta anunciou que nos últimos dias, haverá um derramamento do Espírito (v. 17), para sinalizar a última etapa da história da humanidade. Com Jesus e com a efusão do Espírito de Deus, inicia-se a salvação prometida por Deus¹⁶⁴. O narrador tem "consciência de que há um plano de Deus que se desenvolve na história, anunciado desde o Antigo Testamento; por isso, encontra na profecia a chave de interpretação do acontecido"¹⁶⁵.

O sujeito dessa promessa é Deus, "θεός". O objeto da promessa é seu Espírito. A expressão "toda carne" indica o destinatário da promessa, e, também, que o poder e a força de Deus revestem o homem frágil¹⁶⁶. Em seguida, o profeta anuncia o efeito do recebimento do Espírito: "Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões e os vossos anciãos terão sonhos". Ninguém será excluído, pois, os escravos, também, profetizarão (v. 18). Com esta indicação, o narrador mostra que aqueles que recebem o Espírito Santo formam uma comunidade particularmente amada por Deus¹⁶⁷. O primeiro momento da profecia referese, portanto, à ação de Deus sobre os seres humanos nos últimos dias.

O segundo momento se dirige, também, a um futuro delimitado. Deve acontecer antes do "dia do Senhor". O sujeito da ação é Deus que realizará prodígios no cosmos. Os prodígios cósmicos são uma imagem profética para descrever uma mudança de época, o nascimento de uma nova ordem social para toda a humanidade¹⁶⁸. Com os prodígios no cosmos, o profeta indica a última teofania na qual Deus manifestará seu senhorio sobre toda a criação. Ao mesmo tempo, o narrador destaca que o dom do Espírito não é a simples manifestação da longaminidade de Deus, relacioná-lo com o reconhecimento da identidade de Jesus. Por isso, com a expressão "e todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo", destaca a necessidade de reconhecer Jesus como Senhor para alcançar a salvação¹⁶⁹. Sob a inspiração do Espírito Santo, Pedro aponta que, em um futuro mais ou menos imediato, a efusão do Espírito acarretará a salvação de todos os que invocarem o nome do Senhor¹⁷⁰.

⁻

¹⁶³ KLIESCH, Klaus. Gli Atti degli Apostoli,53.

¹⁶⁴ *Idem*, 53.

¹⁶⁵ CASALEGNO, Alberto. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*, 116. ¹⁶⁶ *Op. Cit.*, 53.

 ¹⁶⁷ Cf. CASALEGNO, Alberto. Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão, 117.
 ¹⁶⁸ Cf. RIUS-CAMPS, Josep, De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana: Comentário linguístico y exegético a Hch 1-12,77.

¹⁶⁹ Cf. CASALEGNO, Alberto. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*, 117. ¹⁷⁰ Cf. RIUS-CAMPS, Josep, *De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana: Comentário linguístico y exegético a Hch 1-12*,78.

1.1.2 Segunda parte (vv. 22-28)

22. Homens de Israel, escutem estas palavras: Jesus de Nazaré foi um homem que Deus confirmou entre vocês, realizando por meio dele os milagres, prodígios e sinais que vocês bem conhecem. 23. E Deus, com sua vontade e presciência, permitiu que Jesus lhes fosse entregue, e vocês, através de ímpios, o mataram, pregando-o numa cruz. 24. Deus, porém, ressuscitou Jesus, libertando-o das cadeias da morte, porque não era possível que ela o dominasse. 25. De fato, Davi assim falou a respeito de Jesus: 'Eu via sempre o Senhor diante de mim, porque ele está à minha direita, para que eu não vacile. 26. Por isso, meu coração se alegra, minha língua exulta e minha carne repousa com esperança. 27. Porque não me abandonarás na região dos mortos, nem permitirás que o teu santo conheça a corrupção. 28. Tu me ensinaste os caminhos da vida, e me encherás de alegria na tua presença.

A segunda parte inicia-se com a expressão: "Homens de Israel". Segundo Pongutá, a conotação deste apelativo pode referir-se à eleição de Israel. Por isto, esta conotação tem a função de trazer à memória do leitor que eles são os primeiros destinatários da promessa do Pai¹⁷¹.

Na estrutura, verifica-se quatro atuações de Deus na vida de Jesus. É Deus quem o credenciou no meio deles (cf. v. 22). Foi Deus o autor das obras realizadas por Jesus (cf. v. 22). Determinou que Jesus fosse entregue à morte (cf. v. 23). E por último, ressuscitou-o, "libertando-o das angústias da morte" (v. 24). O narrador, com a expressão "credenciado por Deus", afirma que Jesus possuía uma relação especial com Deus, própria de homens escolhidos para alguma missão em favor de Israel¹⁷². Os "milagres, prodígios e sinais" são termos clássicos que expressam intervenções muito significativas de Deus como as que ocorreram no êxodo e na aliança do Sinai¹⁷³. Os vv. 22-24 afirmam que "tudo o que ocorreu corresponde ao plano redentor que Deus realizou servindo-se dos seres humanos, como de meros instrumentos" 174.

A profecia de Davi enfatiza a presença do Messias à direita de Deus (v. 25). O Senhor é quem o libertará do reino da morte (cf. v. 27). O Messias, portanto, experimentará a morte, mas não a decomposição, pois ressuscitará, em pouco tempo. Esta profecia indica o desígnio divino de ressuscitar o Messias. O narrador serviu-se de um salmo de esperança, citado segundo a tradução dos LXX, que dá mais destaque à realidade da vida e à superação

¹⁷¹ Cf. PONGUTÁ, Silvestre. Para que seáis mis testigos: una presentación de los Hechos de los Apóstoles. Una lectura de Act 1-2,98.

¹⁷² Cf. *Idem*, 100.

¹⁷³ Cf. *Ibid.*, 100.

¹⁷⁴ Cf. CASALEGNO, Alberto. Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão, 118.

dos perigos, embora não se refira, de forma clara, à existência após a morte¹⁷⁵. O objetivo do narrador, ao reler a morte e ressurreição de Jesus a luz do Sl 16, é solidificar a fé do leitor¹⁷⁶. A declaração: "Deste-me a conhecer caminhos de vida e me encherás de alegria com a tua presença", permite ao leitor constatar que Deus fez o salmista experimentar que a vida e o gozo estão em Deus.

Deus, ao ressuscitar Jesus, cumpre a profecia sobre a ressurreição do Messias. Com isso, Pedro indica que a ressurreição de Jesus confirma-o como o Messias esperado. O narrador não deixa escapar o sabor nacionalista, presente nesta segunda parte do discurso. Pedro está convencido de que o reinado de Deus deve acontecer a partir de Israel e por obra de seu Messias¹⁷⁷. A confirmação desta interpretação está nos versículos seguintes.

1.1.3 Terceira parte (vv. 29-36)

29. Irmãos, quanto ao patriarca Davi, permitam que eu lhes diga com franqueza: ele morreu, foi sepultado e seu túmulo está entre nós até hoje. 30. Mas, ele era profeta, e sabia que Deus lhe havia jurado solenemente fazer com que um descendente seu lhe sucedesse no trono. 31. Por isso, previu a ressurreição de Cristo e falou: 'ele não foi abandonado na região dos mortos, e a sua carne não conheceu a corrupção.' 32. Deus ressuscitou a este Jesus. E nós todos somos testemunhas disso. 33. Ele foi exaltado à direita de Deus, recebeu do Pai o Espírito prometido e o derramou: é o que vocês estão vendo e ouvindo. 34. De fato, Davi não subiu ao céu, mas falou: 'O Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita, 35. até que eu faça de seus inimigos um lugar para apoiar seus pés.' 36. Que todo o povo de Israel fique sabendo com certeza que Deus tornou Senhor e Cristo aquele Jesus que vocês crucificaram.

A terceira parte do discurso começa com um tom mais familiar com o emprego do termo "irmãos" e não, simplesmente, aos "homens da Judeia" ou aos "homens de Israel" (v. 14 e 22). Dado que a principal esperança messiânica daquele período baseava-se no Messias Davídico, foi natural para a comunidade cristã primitiva atribuir a Jesus as palavras de Davi em vista de sua realização em Jesus¹⁷⁸. Porém, o discurso segue não apenas confirmando Jesus como o Messias esperado. Ele é, também, o Senhor.

¹⁷⁵ Cf. CASALEGNO, Alberto. Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão, 119.

¹⁷⁶ Cf. PONGUTÁ, Silvestre. Para que seáis mis testigos: una presentación de los Hechos de los Apóstoles. Una lectura de Act 1-2,103.

¹⁷⁷ Cf. RIUS-CAMPS, Josep, De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana: Comentário linguístico y exegético a Hch 1-12,80.

¹⁷⁸ Cf. DUNN, James. The Acts of the Apostles, 30.

O narrador no v. 32, através da boca de Pedro, não afirma que Jesus tornou-se o Messias por meio da ressurreição, antes, o Messias estava destinado a ressuscitar. E, visto que Jesus ressuscitou, segue-se que era o Messias durante sua vida terrestre¹⁷⁹.

Nos vv. 33-35, verifica-se, mais uma vez, a clara distinção entre ressurreição e ascensão (cf. At 1,6-11). O narrador apresenta uma leitura teológica da ascensão de Jesus, ligando o evento ao recebimento da promessa do Espírito Santo da parte do Pai¹⁸⁰. Segundo Barrett, o recebimento da promessa do Pai indica que Jesus é o Filho de Deus. Porém, o narrador entende esta filiação em um sentido subordinacionista¹⁸¹.

Davi afirmou a divindade do Messias dizendo: "Disse o Senhor ao meu Senhor". Com este argumento, o narrador coloca duas afirmações da fé cristã primitiva na boca de Pedro: Jesus é o Senhor que está, eternamente, à direita de Deus (cf. v. 25), e foi exaltado à sua direita (cf. v. 33). À luz do Sl 110,1, o narrador interpreta a ressurreição como a entronização de Jesus junto de Deus; destaca que, com sua glorificação, pode exercer o senhorio sobre a criação e a história, embora, no tempo presente, nem todas as forças do mal estejam plenamente derrotadas¹⁸².

A conclusão de Pedro enfatiza, mais uma vez, a ação de Deus em Jesus: "Portanto, que todo o povo de Israel reconheça com plena certeza: "Deus constituiu Senhor e Cristo a este Jesus que vós crucificastes" (v. 36). Jesus deve ser reconhecido como "Senhor e Cristo", constituído por Deus, pois goza da dignidade que lhe pertence desde sua concepção e seu nascimento (cf. Lc 1,32.35; 2,11), mas que se manifesta, de modo pleno, só no evento pascal¹⁸³.

Concluindo, o primeiro objetivo das três partes da primeira subunidade do discurso de Pedro foi o de mostrar que Jesus, ressuscitado dos mortos, é o Senhor e o Cristo. O segundo foi o de afirmar que, após a ressurreição, recebeu o Espírito Santo da parte de Deus e o derramou sobre os discípulos. Segundo Dionne, o Espírito está presente, não só como prova da chegada dos tempos messiânicos, mas como garantia da ressurreição de Cristo

¹⁷⁹ MARSHALL, Howard. *Atos dos Apóstolos: introdução e comentário*. São Paulo: Sociedade Religiosa Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1988, 77.

¹⁸⁰ *Op. cit.*, 31.

¹⁸¹ Cf. BARRETT, Charles Kingsley. *The acts of the apostles: a shorter commentary*. Bodmin: Typeset by Waverley Typesetters, 2002, 28

¹⁸² Cf. CASALEGNO, Alberto. *Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão*, 119. ¹⁸³ Cf. *Idem*. 119.

e da sua exaltação à direita de Deus¹⁸⁴. Portanto, o narrador mostra um Deus duplamente ativo: primeiro ressuscitando Jesus e, depois, dando-lhe o Espírito Santo (cf. v. 33).

1.2 Conteúdo e estrutura da segunda subunidade: At 2,37-40

37. Quando ouviram isso, todos ficaram de coração aflito e perguntaram a Pedro e aos outros discípulos: "Irmãos, o que devemos fazer?" 38. Pedro respondeu: "Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos pecados; depois vocês receberão do Pai o dom do Espírito Santo. 39. Pois a promessa é em favor de vocês e de seus filhos, e para todos aqueles que estão longe, todos aqueles que o Senhor nosso Deus chamar." 40. Com muitas outras palavras, Pedro lhes dava testemunho e exortava, dizendo: "Salvem-se dessa gente corrompida."

O narrador afirma que, ao ouvir Pedro, a multidão ficou com o "coração compungido", no original κατενύγησαν τὴν καρδίαν. No grego, esta expressão indica uma dor intensa, uma comoção muito forte e íntima, ao se conhecer algo.

Ao tomar consciência da responsabilidade diante da morte do Messias se experimenta uma dor no coração; ao mesmo tempo se toma consciência da chegada dos últimos tempos, ou seja, da irrupção da era escatológica, do "dia do juízo de Iahweh" e, consequentemente, do confronto de todas as coisas com Deus¹⁸⁵.

O segundo momento do discurso começa, como no v. 12, com uma pergunta: "Irmãos, que devemos fazer?". Nos versiculos anteriores, Pedro convida, por três vezes, a multidão a ouvir suas palavras (cf. v. 14), a escutá-las (cf. v. 22) e a compreendê-las (cf. v. 33). A pergunta feita a Pedro demonstra o acolhimento de seu anúncio.

A resposta de Pedro possui duas exigências: a conversão e o recebimento do batismo. O verbo μετανοέω, nos Atos, aparece em quatro momentos (cf. 2,38; 8,22; 17,30; 26,20). Indica o apelo ao arrependimento dos pecados e à prática do bem e da justiça. O efeito do batismo é o "perdão dos pecados" (v. 38) e o recebimento do "dom do Espírito Santo" (v. 38). A promessa do envio do Espírito indica um desejo de Deus de que todos sejam batizados e recebam o Espírito Santo (cf. v. 39).

O batismo que indica Pedro no hoje escatológico é para o perdão dos pecados: o confronto do homem com Deus não traz a condenação do homem

¹⁸⁴ Cf. DIONNE, Christian, La Bonne Nouvelle de Dieu. Une analyse de la figure narrative de Dieu dans les discours pétriniens d'evangelisation des Actes des Apôtres, 65.

¹⁸⁵ PONGUTÁ, Silvestre. Para que seáis mis testigos: una presentación de los Hechos de los Apóstoles. Una lectura de Act 1-2, 115.

e sim o perdão. A salvação escatológica realizada em Cristo é presente e atuante no batismo (cf. At 5,31; At 10,43; 13,38; 26,18)¹⁸⁶.

Os vv. 40-41 demonstram que o narrador quis destacar apenas alguns ensinamentos do anúncio de Pedro. O v. 40 confirma mais uma vez a exigência da conversão moral: "Salvai-vos desta geração perversa". Alguns acreditaram e receberam o batismo, e com isso, ingressaram na comunidade apostólica (cf. v. 41).

Pode-se afirmar que o discurso petrino tem como centro o personagem Deus. Esta afirmação parte da própria estrutura do discurso. A centralidade da primeira subunidade encontra-se no tema da realização da promessa, da parte de Deus, de enviar nos últimos dias o Espírito Santo e de revelar Jesus como Senhor e Cristo. A segunda e a terceira parte desta subunidade foram construídas ao redor de profecias referentes à morte e a ressurreição do Messias e de sua presença à direita de Deus. O narrador, pela boca de Pedro, demonstrou que essas promessas foram realizadas por Deus em Jesus, confirmando-o como o Senhor e Cristo. A segunda subunidade demonstra que é Deus quem chama à fé e deseja que todos recebam o Espírito Santo. Tendo presente esta ação do personagem Deus no discurso, faz-se necessário aprofundar as características de sua figura narrativa no discurso.

2 Características da figura narrativa de Deus em At 2,14-40

Em todo o livro dos Atos aparecem diversos títulos divinos como Deus, Senhor, Cristo, Justo, Santo, Salvador etc. Os três principais, referentes ao personagem Deus, estão presentes no primeiro discurso petrino: Deus, Senhor e Pai. A figura narrativa de Deus no discurso petrino, foi construída a partir destes três títulos divinos.

Qual é o significado dado pelo texto a esses títulos? Qual é seu efeito sobre o leitor? A resposta a estas questões dar-se-á em dois momentos. Primeiramente, os termos serão vistos dentro de todo o livro dos Atos. Em seguida, serão analisados dentro da perícope.

2.1 O termo "Deus" (θεός) nos Atos dos Apóstolos

Antes de analisar o termo "Deus" nos Atos dos Apóstolos, importa ter presente a pesquisa feita por Dumais. Em sua pesquisa sobre os Atos dos Apóstolos, anota que um inventário exaustivo sobre o conceito de Deus nesta obra ainda não foi feito. Os

¹⁸⁶ PONGUTÁ, Silvestre. Para que seáis mis testigos: una presentación de los Hechos de los Apóstoles. Una lectura de Act 1-2,, 119.

pesquisadores, até agora, se fixaram na pneumatologia, na cristologia e na concepção da história 187.

O personagem Deus, no livro dos Atos, aparece quase sempre em terceira pessoa. Isto significa que sua participação na vida da humanidade, do povo de Israel, na vida de Jesus e na da comunidade cristã é percebida pelo leitor de forma indireta. São os personagens que revelam quem é Deus e qual sua ação na história.

Como sujeito de diversas ações, o personagem Deus aparece da seguinte maneira: Deus possui um reino que foi anunciado por Jesus e pelos apóstolos (cf. 1,3; 14,22; 19,8; 28,31). Realiza maravilhas no meio do povo (2,11; 10,46). Fala por meio dos profetas (cf. 2,17; 4,25; cf. 3,21.22-25; 7,32.33). Credenciou Jesus e realizou prodígios, milagres e sinais por meio dele (cf. 2,22c.22f; 4,21; 10,38). Determinou a entrega de Jesus às mãos daqueles que o crucificaram (cf. 2,23; 13,29). Ressuscitou Jesus dos mortos (cf. 2,24.32; 3,15; 4,10; 10,40; 13,30.32-35.37; 26,8). Prometeu a Davi um descendente que se sentaria em seu trono (cf. 2,30; 13,23). Exaltou Jesus, pondo-o à sua direita (cf. 2,33; 3,13; 7,56). Constituiu-o como Senhor e Cristo (cf. 2,36; 5,31) e, também, como Juiz dos vivos e dos mortos (10,42). Chama todos para a fé (cf. 2,39). Cumpre a palavra dos profetas (cf. 3,18; 7,17; 13,32). Criou o céu, a terra e tudo o que existe (cf. 4,24b; 14,15). Envia chuvas e colheitas aos homens (cf. 14,17). Concede o Espírito Santo àqueles que o obedecem (cf. 5,32). Apareceu a Abraão e falou com ele (cf. 7,2.4.6.9). Expulsou nações diante de Israel (cf. 7,45). É o pai de Jesus (cf. 9,20). Relaciona-se com os crentes (cf. 10,3.28). Não faz acepção de pessoas (cf. 10,34). Designa os apóstolos como testemunhas da ressurreição de Jesus (cf. 10,41). Envia-os a pregar (cf. 10,42). Transforma o impuro em puro (cf. 10,15; 11,9). Concede o Espírito Santo e introduz, na comunidade dos fiéis, judeus e gentios (cf. 11,17-18; 15,7-19). Fez dos patriarcas um grande povo. Libertou o povo de Israel do Egito e instalou-o na terra de Canaã (cf. 13,16-23). Conduz a propagação do evangelho e realiza maravilhas por meio dos apóstolos (cf. 14,27; 15,4.12; 19,11). Deus chama todos à conversão por meio de seus enviados (cf. 17,30; cf. 20,21; 26,18.20). Escolheu Paulo para ser testemunha (22,16).

Analisando estes textos pode-se afirmar que o leitor pode interpretar os acontecimentos contidos no discurso e em toda a narração, somente, à luz da fé. O narrador mostra que os personagens, ao revelarem a ação de Deus na humanidade, não partem de teorias, mas de fatos, de experiências testemunhadas por eles e pela comunidade de Israel.

¹⁸⁷ Cf. DUMAIS, Marcel. "Les Actes des Apôtres: Bilan et orientations". In: *De bien des manières:La recherche biblique aux abords du XXI siècle.* Le Div 163. Paris: Fides-Cerf, 1995, 328-329.

Deus prometeu uma descendência a Abraão e uma terra. Esta promessa se realizou. Por isto, os personagens afirmam que foi Deus quem introduziu o povo na terra de Canaã. A comunidade de Israel experimentou, ao longo de sua história, a realização da palavra dos profetas. A realização das profecias demonstra o envolvimento de Deus com os homens, em vista da realização de seus desígnios. O texto revela que o principal desígnio divino é a realização da promessa feita a Davi: que se sentaria em seu trono um descendente seu (2,30; 13,23). E este descendente é Jesus.

No interior da obra, verifica-se que os apóstolos e a comunidade cristã primitiva testemunham a ação de Deus na vida de Jesus, realizando nele a palavra dos profetas e, ao mesmo tempo, operando por meio dele milagres, prodígios e sinais. O maior dos sinais foi a ressurreição de Jesus dentre os mortos.

Outra estratégia narrativa utilizada pelo narrador foi a presença de sinais e prodígios realizados por Deus, por meio dos apóstolos. O narrador visa a demonstrar ao leitor que o testemunho apostólico e o dos primeiros cristãos são verdadeiros, pois foram confirmados por Deus, tanto como o foi a palavra de Jesus.

Portanto, nos Atos, Deus é um personagem autêntico, testemunhado pela comunidade primitiva como alguém que se envolve com o cosmos e com a humanidade. Sua principal atuação na história consiste na revelação da pessoa de Jesus.

2.1.1 Análise do termo "Deus" no interior do discurso petrino

No discurso, o título "Deus" $(\theta \epsilon \delta \varsigma)$ aparece dez vezes (cf. vv. 17.22.23.24.30.32.33.36.39). Para analisar a ação deste personagem, primeiramente, importa abordar, sob o aspecto gramatical, a presença do termo dentro das orações nas quais foi inserido.

Na primeira parte da primeira subunidade (vv. 14-21), o título aparece apenas uma vez no v. 17: "Está acontecendo o que foi anunciado pelo profeta Joel: 'Nos últimos dias, diz *Deus...*" (At 2,16-17a). Joel é o sujeito do anúncio. A mensagem é dada por ele. Contudo, por ser um profeta sua palavra vem de Deus. As duas orações demonstram que Joel é o meio pelo qual Deus fala. A profecia que se segue é uma palavra de Deus, transmitida em terceira pessoa. O personagem Deus, portanto, aparece de forma indireta, em terceira pessoa.

Na segunda parte da primeira subunidade, (vv. 22-28), o título aparece quatro vezes:

22. Homens de Israel, escutem estas palavras: Jesus de Nazaré foi um homem que **Deus** confirmou entre vocês. **Deus** realizou por meio dele os milagres, prodígios e sinais que vocês bem conhecem. 23. E **Deus**, com sua vontade e presciência, permitiu que Jesus lhes fosse entregue, e vocês, através de ímpios, o mataram, pregando-o numa cruz. 24. **Deus**, porém, ressuscitou Jesus, libertando-o das cadeias da morte, porque não era possível que ela o dominasse (At 2,22-24).

Deus aparece como o sujeito que se manifesta "por meio" de Jesus. Pode-se dizer que os milagres, os prodígios e os sinais operados, visivelmente, por Jesus foram, na verdade, realizados por Deus. O verbo "realizou" indica, mais uma vez, a ação do personagem Deus em terceira pessoa. O narrador coloca na boca de Pedro uma interpretação dos acontecimentos referentes à entrega de Jesus às mãos dos ímpios e sua morte, como sendo determinada por Deus. O personagem Deus aparece, também, como o sujeito que ressuscita Jesus. Como na primeira parte, ocorre na terceira pessoa do singular.

Na terceira parte da primeira subunidade (vv. 29-36), o título, também, aparece quatro vezes. O personagem Pedro faz uma leitura dos acontecimentos e afirma, mais uma vez, que a ressurreição de Jesus foi uma obra de Deus (cf. v. 32), conforme havia prometido a Davi (cf. v. 30). O derramamento do Espírito é uma obra que tem seu início em Deus (cf. v. 33). Por último, a revelação de Jesus como Senhor e Cristo deve-se ao fato de que foi Deus quem o constituiu como tal (cf. v. 36). Os verbos demonstram que Deus é o sujeito das ações, aparecendo, também, em terceira pessoa.

A última vez que o termo aparece é no v. 39: "Pois a promessa é para vós e vossos filhos, e para todos aqueles que estão longe, todos aqueles que o Senhor, nosso Deus, chamar". O recebimento do Espírito dado em Pentecostes depende do chamado de Deus. Ou seja, é Deus quem dá o Espírito a quem quer.

Concluindo, o título divino "Deus" aparece como o sujeito de todas as orações da perícope. A análise gramatical demonstra que o centro da revelação da perícope, não é o personagem Jesus, nem o Espírito Santo, e sim, Deus. Portanto, o personagem Deus é aquele que ocupa o papel central no evento Pentecostes.

2.2 O título "Senhor" (κύριος) nos Atos dos Apóstolos

O título Senhor presente na perícope é, também, um dos principais títulos divinos presentes no livro dos Atos. Porém, não apresenta o enfoque direto no personagem Deus. Outros personagens como Jesus e o Espírito Santo são, igualmente, nomeados com o mesmo título.

O termo recebe diversos empregos: Jesus é o Senhor (cf. 1,21; 2,36; 5,14; 7,60; 9,1.10.11.13.15.27.28.31.35.42; 11,8.21.23.24; 13,12; 18,8.9.25; 20,21; 22,10.18.19; 23,11; 26,15). O termo aparece referindo-se a Jesus ou a Deus (cf. 1,24; 5,19; 8,22.25; 10,14; 11,21; 12,11.17; 13,2.10.11; 14,3.23; 15,40; 16,14.15; 20,19; 21,14). Referindo-se somente a Deus (cf. 2,20.21.25; 3,20.22; 4,26; 7,30.31.33.49; 8,26; 10,33.34; 11,8; 13,47; 15,17; 17,24.27). É atribuído tanto a Deus quanto ao Messias (cf. 2,34). É usado como um atributo divino (cf. 2,39). O Senhor acrescenta novos membros à comunidade (cf. 2,47). Nos Atos aparece a expressão "Senhor Jesus" (cf. 4,33; 7,59; 8,16; 9,17; 11,17.20; 15,11.26; 16,31; 19,5.13.17; 20,24; 21,13; 28,31). A expressão "Espírito do Senhor" (8,39) refere-se ao Espírito Santo e, também, aos anjos (9,5; 10,4).

Os diversos empregos do termo Senhor indicam que para o narrador, Jesus é o Messias, e, ao mesmo tempo, Deus. Entretanto, trata-se de outra pessoa divina, assim como o Espírito Santo, em Atos, aparece como outro personagem divino. Isto significa que, para o leitor implícito, a fé na Trindade já estava presente no início da comunidade cristã primitiva.

2.2.1 O título "Senhor" (κύριος) no discurso petrino

O título "Senhor" (κύριος) aparece sete vezes no discurso (cf. vv. 2,20.21.25.34.36.39). A principal dificuldade, em face a este título, é o fato de receber em todo o livro significados diversos. O mesmo acontece no discurso petrino de 2,14-41. Por exemplo, no v. 39, refere-se exclusivamente a Deus, e, no v. 36, exclusivamente a Jesus. Além disso, existe o caso onde o termo é ambíguo, como no v. 21: "E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". Para facilitar a compreensão de sua função no discurso, tornase importante analisá-lo dentro do contexto da primeira e da segunda subunidade.

2.2.1.1 O título "Senhor" na primeira subunidade do discurso

A primeira subunidade é subdividida em três partes (vv. 14-21; 22-28; 29-36). O termo aparece de forma polissêmica.

Na primeira parte da primeira subunidade (vv. 14-21), o termo aparece nos vv. 20-21: "O sol se transformará em trevas e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor. E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". As duas primeiras ocorrências do título "Senhor" estão no final da longa citação de Joel, que abre o discurso (vv. 17-21). Este primeiro momento do discurso, iguala o título Senhor ao nome Deus. Por isto, "o

dia do Senhor" torna-se sinônimo de "o dia de Deus". O leitor facilmente identifica esta semelhança no primeiro momento do discurso. O narrador, em 1,6 e 1,21, demonstra que o título Senhor era comumente atribuído a Jesus pelos primeiros cristãos. O v. 21, porém, suscita uma questão ao leitor: Em que sentido Jesus é o Senhor, nessa profecia de Joel?

Em virtude da retomada da profecia de Joel, o texto antigo pode adquirir um novo significado que não tinha em seu contexto original. Neste sentido, o v. 21 distingue-se do v. 20. Enquanto, no v. 20, não há nenhuma evidência literátia que permita uma leitura cristológica, o v. 21, apresenta-se de forma diferente, pois o leitor é autorizado a fazer a ligação entre 2,21 ("E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo") e 2,38 ("Batizado em nome de Jesus Cristo para o perdão dos pecados)¹⁸⁸. Em outro momento, o narrador, mais uma vez, afirma que o nome de Jesus é portador de salvação (cf. 4,12). A atribuição do título "Senhor" a Jesus, no v. 36, também, pode apoiar a interpretação cristológica de 2,21, pois, neste versículo, o título "Senhor" seria usado de forma polissêmica como se verifica em outros dois momentos da fala (vv. 36 e 38).

A leitura polissêmica do v. 21 significa que o termo refere-se a Deus (Ele é o Senhor que salva), mas, como no discurso de Pedro, pode ser atribuído, também, a Jesus. Uma vez que este versículo está dentro do contexto literário do juízo a ser exercido no "dia do Senhor", tal juízo será feito por Jesus. Neste sentido, a vinda anunciada pelo narrador através dos anjos, em 1,11 ("Esse Jesus que, do meio de vós, foi elevado ao céu, virá assim, do mesmo modo, como o vistes partir para o céu"), trata-se do "dia do Senhor", ou seja, da parusia de Jesus.

Na segunda parte da primeira subunidade (vv. 22-28), o termo aparece no v. 25: "Eu via sempre o Senhor diante de mim, porque está à minha direita, para que eu não vacile". O versículo está dentro do contexto da citação do Sl 16,8-11.

A inserção do Salmo pelo narrador é um recurso literário que visa a demonstrar, mais uma vez, a ação de Deus em favor do Messias. A voz do Salmo é a voz do Messias, pois os verbos e os pronomes pessoais e possessivos empregados estão na primeira pessoa do singular:

Pois Davi diz a seu respeito: 'Eu via sempre o Senhor diante de mim, porque está à minha direita, para que eu não vacile. Por isso alegrou-se meu coração e exultou minha língua; mais ainda, minha carne repousará na

71

¹⁸⁸ Cf. DIONNE, Christian, *La Bonne Nouvelle de Dieu*. Une analyse de la figure narrative de Dieu dans les discours pétriniens d'evangelisation des Actes des Apôtres, 85.

esperança. Não abandonarás *minha* alma no reino da morte nem deixarás o teu Santo conhecer a decomposição. Deste-me a conhecer caminhos de vida e me encherás de alegria com a tua presença' (At 2,25-28).

A voz do Messias evoca sua confiança naquele que lhe dará a vida. Esta confiança se detecta através dos verbos em segunda pessoa do singular: "Não abandonarás" e "nem deixarás" o teu Santo conhecer a corrupção, ou seja, não experimentará o primeiro efeito físico do drama da separação entre a alma e o corpo.

Em Jesus, a promessa da ressurreição do Messias, anunciada pelo salmista, se realiza. O Salmo, de forma indireta, afirma que o Messias estava à direita de Deus, antes de sua manifestação histórica. O v. 27 confirma esta interpretação, pois o Messias diz: "Não abandonarás minha alma no mundo dos mortos". O Messias, portanto, é anterior a sua encarnação. A afirmação de Pedro, "mas Deus o ressuscitou, libertando-o das angústias da morte, *porque não era possível que ela o dominasse*", demonstra que a morte não possui força sobre Jesus. Esta afirmação, portanto, enfatiza sua divindade. A ressurreição de Jesus é o principal acontecimento que enfatiza sua divindade. Através dela, é reconhecido como o Senhor. A terceira parte do discurso confirma esta interpretação.

Na terceira parte da primeira subunidade (vv. 29-36), o termo Senhor aparece nos v. 34 e 36: "Pois Davi não subiu ao céu, mas ele diz: 'Disse o Senhor ao meu Senhor: senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como apoio para teus pés'. Portanto, que todo o povo de Israel reconheça com plena certeza: Deus constituiu Senhor e Cristo a este Jesus que vós crucificastes".

O discurso de Pedro conduz o leitor a um progresso contínuo da compreensão da figura do Senhor como um título referente a Deus e ao Messias. O versículo afirma a existência de duas pessoas divinas distintas, porém, no mesmo patamar de igualdade, enquanto substância¹⁸⁹. A primeira pessoa divina, porém, é o agente, que coloca aos pés da segunda os seus inimigos. O v. 33 indica que este agente é Deus. A segunda pessoa divina, não aparece como subordinada, e sim como um receptora de uma ação. O v. 36 conduz o leitor para conclusão pré-estabelecida nos vv. 34-35: "Portanto, (no sentido de conclusão) que todo Israel reconheça com plena certeza: Deus constituiu Senhor e Cristo a este Jesus que vós crucificastes". Em síntese, os termos "Senhor e Cristo" referem-se às duas identidades de Jesus que foram apresentadas nas duas últimas partes do discurso.

72

¹⁸⁹ Cf. DIONNE, Christian, *La Bonne Nouvelle de Dieu*. Une analyse de la figure narrative de Dieu dans les discours pétriniens d'evangelisation des Actes des Apôtres, 85.

2.2.1.2 O termo Senhor na segunda subunidade do discurso

Na segunda subunidade (2,37-40), no v. 39, o termo aparece apenas uma vez: "Pois a promessa é para vós e vossos filhos, e para todos aqueles que estão longe, todos aqueles que o Senhor, nosso Deus, chamar". O termo Senhor, neste versículo, refere-se a Deus. Deus, portanto, é quem chama à fé. Ao mesmo tempo, dá o Espírito Santo àqueles que se convertem e recebem o batismo (cf. 2,38). O chamado, portanto, não indica uma predestinação à graça do perdão dos pecados e do recebimento do dom do Espírito. Ele é uma graça, e, ao mesmo tempo, uma responsabilidade, pois somente quem acolhe a revelação divina, se converte e é batizado pode receber o Espírito Santo.

2.3 O título "Pai" (πατήρ) no discurso petrino

De todos os títulos usados para apresentar o personagem Deus, o de "Pai" aparece, nos Atos, somente na primeira sequência do livro (cf. 1,4.7, 2,33). No discurso aparece apenas em 2,33.

O título Pai está relacionado ao dom do Espírito. Na primeira parte do discurso, mesmo se o título "Pai" não aparece claramente, permanece o fato de que é Deus quem derrama o Espírito sobre toda a carne (v. 14-21).

Verifica-se uma ligação entre 1,4 e 2,33. Em 1,4, os discípulos devem esperar a realização da promessa do Pai (1,7). Lucas, em seu evangelho, afirma que o Espírito será dado por meio de Jesus (cf. Lc 24,49).

Em At 2,33, verifica-se uma síntese entre Lc 24,49 e 1,4.7, pois o Espírito é dado pelo Pai e é derramado por meio de Jesus. Portanto, o recebimento do Espírito procede do Pai e do Filho. O narrador demonstra, com isto, que o derramamento do Espírito é, sobretudo, uma obra do Pai, a qual chega à humanidade por meio de Jesus.

A análise dos títulos divinos (Deus, Senhor e Pai) demonstra que o personagem Deus é o principal protagonista dos Atos dos Apóstolos e da história de Israel. Por ser Deus, é o Senhor e se revela, também, como o Pai de Jesus. O narrador, no decorrer da narrativa, demonstrou que Jesus e o Espírito Santo são pessoas divinas, juntamente, com o Pai. A análise dos títulos divinos na narrativa revela que Deus é Trindade, é o criador, o condutor da história, e, sobretudo, Pai de Jesus e Pai dos homens que se tornam filhos, através do acolhimento do anúncio da Boa-Nova. Ele é o principal protagonista da evangelização, agindo

por meio dos evangelizadores. O anúncio da palavra do Senhor visa a unir na comunhão trinitária, todos os homens.

Verifica-se que a análise dos títulos divinos, em todo o livro dos Atos e no discurso petrino, revela a identidade do personagem Deus. Ao mesmo tempo, demonstra que só é conhecido através de sua ação na história. Por isso, o próximo passo consistirá em aprofundar o conhecimento de sua ação, revelado no contexto do discurso.

3. Conclusão

Os Atos dos Apóstolos, conforme os critérios apresentados pela narratologia são um todo significante formado por sequências narrativas. A sequência estudada nesta pesquisa, At 1,1-2,41, foi analisada segundo a globalidade do texto dos Atos.

A aplicação do método da análise narrativa demonstrou que seus parâmetros essenciais estão presentes na primeira sequência dos Atos. Verificou-se que o personagem Deus é o principal protagonista da história de todo o livro. Ele é um personagem que aparece em terceira pessoa do singular. Neste sentido, são os acontecimentos que o nomeiam. Os acontecimentos revelam Deus como o principal actuante da história. Os acontecimentos revelam quem é Deus e como atua na história.

O narrador serviu-se, nos Atos, por diversas vezes, de discursos para propiciar o sentido da intriga e evidenciar os fundamentos do querigma primitivo. Na primeira sequência, verifica-se que o narrador serviu-se deste recurso. Além deste recurso, o narrador deixou claro, na primeira sequência, os quatro parâmetros necessários para estabelecer uma delimitação narrativa (critério do tempo, de lugar, de tema e personagens).

O emprego dos quatro parâmetros levou a concluir que o narrador, em 1,4-5, estabeleceu a promessa do recebimento do batismo no Espírito Santo como o eixo sobre o qual construiu a primeira sequência dos Atos dos Apóstolos. Os quatro critérios foram construídos ao redor desses versículos. Portanto, o nó da intriga está no contexto desses dois versículos. A aplicação desses critérios permitiu estabelecer como fios condutores da sequência a promessa do Pai (1,1-11), a espera da promessa por parte dos discípulos (1,12-26), a realização da promessa (2,1-13) e o sentido da promessa (2,14-41). Esses fios condutores delimitam a primeira sequência em At 1,1-2,41. E atestam que 2,42 não faz parte da primeira sequência. Esses fios condutores são os meios pelos quais o narrador põe em cena o personagem Deus.

Ao segundo capítulo desta dissertação, coube o estudo do evento Pentecostes e o aprofundamento dos eixos que o compõe. O terceiro capítulo estudou o discurso petrino. O discurso aparece, também, como um eixo condutor, pois conduz o leitor ao sentido que o narrador quis dar ao evento Pentecostes.

O sentido do evento Pentecostes é revelado ao leitor, sobretudo, a partir do personagem Deus. O personagem Deus é o elemento estruturante de todo o primeiro discurso petrino. O narrador conduz o leitor a perceber, pelas ações deste personagem, qual é a sua identidade. Essas ações são, facilmente, percebidas através da análise da estrutura do discurso. Como parte de sua estratégia narrativa, o narrador serviu-se de títulos divinos, os quais se tornaram como que uma coluna vertebral, sobre a qual é possível compreender as características do personagem Deus ao longo do discurso.

O narrador dividiu o primeiro discurso petrino em duas subunidades: 2,14-36 e 2,37-40. A primeira subunidade possui três partes: vv. 14-21, 22-28 e 29-36. Na primeira parte (vv. 14-21), o narrador centra-se no anúncio do derramamento do Espírito que se realizará nos últimos dias (v. 17). O autor e realizador dessa promessa é Deus. Os destinatários da promessa são todos os seres humanos.

Na segunda parte (vv. 22-28), verifica-se quatro atuações de Deus na vida de Jesus. É Deus quem o credenciou no meio deles (cf. v. 22). Foi Deus o autor das obras realizadas por ele (cf. v. 22). Foi Deus quem determinou fosse entregue à morte (cf. v. 23). E por último, ressuscitou-o, "libertando-o das angústias da morte" (v. 24). O autor fundamenta, também, através da profecia de Davi (vv. 25-28), que Deus realiza em Jesus as profecias messiânicas do Antigo Testamento. Portanto, Deus relaciona-se com Jesus como o Messias esperado.

O núcleo da terceira parte (vv. 29-36) consiste na revelação de que Deus constituiu Jesus como Senhor e Cristo e lhe entregou o Espírito Santo que foi derramado (vv. 34-36).

Na segunda subunidade Deus chama à fé e deseja que todos recebam o Espírito Santo.

A análise da estrutura das duas subunidades constatou que o personagem Deus é seu elemento estruturante. O discurso foi construído ao redor da ação deste personagem, sobretudo, em Jesus.

Após verificar como o personagem Deus está presente na estrutura do discurso, pode-se apreender os modos como o narrador revela suas características. Em sua estratégia narrativa, através do uso dos títulos divinos (Deus, Senhor e Pai), o personagem Deus é o principal protagonista dos Atos dos Apóstolos e da história de Israel. Por ser Deus, é o Senhor e revela-se, também, como o Pai de Jesus. O narrador, no decorrer da narrativa, apresentou Jesus e o Espírito Santo como pessoas divinas, juntamente, com o Pai. A análise dos títulos divinos na narrativa revela que Deus é Trindade, é o Criador, o condutor da história, e, sobretudo, Pai de Jesus, e Pai dos seres humanos que se tornam filhos e filhas, através do acolhimento do anúncio da Boa-Nova e do recebimento do dom do Espírito Santo. É o principal protagonista da evangelização agindo por meio dos evangelizadores.

No decorrer dos três capítulos, desta dissertação, diversas afirmativas sobre a identidade do personagem Deus e sobre sua atuação na história foram apresentadas. O próximo capítulo terá como objetivo a sistematização do conteúdo analisado. Serão apresentados os principais eixos teológicos sobre os quais o narrador dos Atos dos Apóstolos articulou 1,1-2,41.

CAPÍTULO 4

Os principais eixos teológicos na sequência de At 1,1-2,41

O narrador enumera diversos traços de Deus no decorrer dos Atos dos Apóstolos. Além dos enumerados nos capítulos dois e três, existem outras imagens de Deus presentes nos Atos: Deus que age na história da salvação, Jesus como espelho do agir do Pai, a alegria de Deus pela volta dos desgarrados, o Deus cuja universalidade Pedro descobre, o Deus-Providência do discurso em Atenas etc¹⁹⁰. Em síntese, pode-se afirmar que "o que resulta disso é o retrato de um Deus fiel ao que prometeu, um Deus empenhado num programa universal e francamente intervencionista ao conduzir a história"¹⁹¹.

Estas diversas imagens de Deus estão presentes na sequência analisada nesta dissertação (At 1,1-2,41). O objetivo deste quarto capítulo é sistematizar os principais eixos teológicos que norteiam a compreensão do personagem Deus ao longo da perícope.

Para atingir este propósito, primeiramente, é necessário responder a duas questões: Como o narrador revela ao leitor o personagem Deus em 1,1-2,41? Que imagem do personagem Deus o narrador transmite ao leitor nesta sequência narrativa?

A resposta da primeira pergunta parte da constatação da presença de duas linguagens, implícita e explícita, por meio das quais o narrador insere a ação do personagem

¹⁹⁰ Nesta linha estão: O'TOOLE, Robert. *The Unity of Luke's Theology: An Analysis of Luke-Acts.* Wilmington: Michael Glazier, 1984; BRAWLEY, Robert. *Centering on God: Method and Message in Luke-Acts.* Louisville: Westminster/John Knox, 1990; MALONEY, Linda. "All that God had done with them". In: *The Narration of the works of God in the early Christian Community as described in the Acts os the Apostles.* New York: Lang, 1991.

¹⁹¹ MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo: Os atos dos apóstolos.* São Paulo: Loyola, 2003, 92.

Deus no enredo. Para responder a segunda questão, é necessário verificar a relação entre Deus e os demais personagens na sequência. Esta relação foi construída no texto a partir de três funções: programática, performativa e interpretativa.

Após o estudo das linguagens e das funções relacionadas ao personagem Deus, pode-se determinar os principais eixos que norteiam a compreensão deste personagem.

Nos capítulos anteriores desta dissertação, verificou-se que a primeira sequência dos Atos dos Apóstolos é composta de forma mista. Portanto, duas questões serão respondidas a este respeito: Que eixos teológicos compõem a parte narrativa da sequência? Que eixos teológicos compõem a parte discursiva da sequência?

1. Duas linguagens para revelar o personagem "Deus"

O narrador revela ao leitor o personagem Deus nos Atos dos Apóstolos, através do uso da linguagem implícita e da linguagem explícita¹⁹². A esse respeito Marguerat afirma tratar-se de estratégia narrativa teologicamente coerente que ordena os enunciados sobre Deus nos Atos.

Ao nos interrogar sobre a imagem de Deus no livro dos Atos, devemos respeitar dois tipos de enunciação bem distintos, de um lado, um discurso explícito, no qual Deus é diretamente nomeado (cf. At 16,10); de outro lado, um discurso implícito, em que Deus se manifesta através de mediações teofânicas, cujo código os leitores conheçam (cf. At 16,6s.9). Os dois discursos constituem a teologia dos Atos¹⁹³.

1.1 A revelação implícita de Deus

A linguagem implícita corresponde às teofanias bíblicas. Deus se manifesta através de fenômenos sobrenaturais. A primeira teofania que o narrador apresenta na sequência é a aparição de Jesus ressuscitado aos apóstolos (1,3-11). A segunda teofania é a aparição de anjos, os quais transmitem sua mensagem (1,10s). A terceira teofania é muito sutil. Trata-se da ação de Deus por meio do sorteio (1,26). A quarta teofania é a ação do Espírito Santo junto aos discípulos no dia de Pentecostes (2,1-11).

A ressurreição de Jesus é a principal teofania dos Atos dos Apóstolos.

¹⁹³ MARGUERAT, Daniel. A primeira história do cristianismo: Os atos dos apóstolos, 93.

¹⁹² Cf. DIONNE, Christian, *La Bonne Nouvelle de Dieu*. Une analyse de la figure narrative de Dieu dans les discours pétriniens d'evangelisation des Actes des Apôtres. Paris: CERF, 2004, 111-112.

Do ponto de vista de Lucas a mais poderosa intervenção de Deus na história, que domina seu relato e arrasta em sua dinâmica o poder taumatúrgico dos apóstolos, é seguramente a ressurreição de Jesus: "Aquele que vós crucificastes, Deus o ressuscitou dos mortos" (4,10; 2,26; 3,14s; 13,29s. etc.)¹⁹⁴.

Na primeira cena da sequência de 1,1-2,41 Jesus transmite a promessa de Deus: "Esperai a realização da promessa do Pai, da qual me ouvistes falar, quando eu vos disse: 'João batizou com água; vós, porém, dentro de poucos dias sereis batizados com o Espírito Santo" (1,4-5).

A partir das reflexões feitas no primeiro e no segundo capítulo deste estudo verifica-se que a promessa do Pai é o nó, não somente da primeira sequência, mas do conjunto dos Atos dos Apóstolos. O tema da promessa do Pai só pode ser compreendido em sua totalidade através da globalidade do texto dos Atos. A análise da promessa revela o personagem Deus como Salvador, que deseja a comunhão com todos os homens. Ao lado deste eixo manifesta-se outro tema muito importante para a compreensão do personagem Deus nos Atos dos Apóstolos. Trata-se da estratégia do narrador de revelar, através do discurso dos personagens a relação de Deus com a história. Portanto, Deus revela-se por meio do testemunho.

1.2 A revelação explícita de Deus

Enquanto a linguagem implícita manifesta-se, na sequência, na primeira parte da narração (1,1-2,13), a linguagem explícita é utilizada pelo narrador, sobretudo, no discurso de Pedro (2,14-41). A linguagem explícita manifesta-se nos títulos que chama Deus de: Θεός, Κύριος, Πατήρ. A análise destes títulos, no interior dos Atos e da sequência, foi feita no terceiro capítulo desta dissertação. A linguagem explícita utilizada pelo narrador aparece na forma discursiva da perícope. Deus se revela por meio das palavras pronunciadas por alguém. É designado como sujeito da frase, somente no contexto de um discurso direto (cf. 1,7). Portanto, Deus "não é nomeado por causa de alguma evidência; somente a palavra de uma testemunha é capaz de designar o autor dos acontecimentos que conduzem a história".

A linguagem explícita sobre Deus pertence, pois, prioritariamente ao registro discursivo e não ao registro narrativo; participa do objetivo retórico dos discursos lucanos, o de interpretar para os leitores a ação do relato em que ocorre. Mas levemos mais adiante nossa análise. Como são usados os títulos divinos quando figuram num registro narrativo? A resposta é surpreendente:

¹⁹⁴ MARGUERAT, Daniel. A primeira história do cristianismo: Os atos dos apóstolos, 94.

¹⁹⁵ *Idem*, 96.

Deus nunca aparece como figura no mundo narrativo, a não ser nas palavras relatadas por alguém¹⁹⁶.

O narrador serviu-se das duas linguagens para demonstrar ao leitor como o personagem Deus foi inserido no enredo e como atua na narração. Para compreender quem é Deus, no enredo, é preciso entender como se relaciona com as pessoas.

2. Como se articulam história de Deus e história da humanidade?

O narrador apresentou a ação do personagem Deus de forma implícita e explícita nos acontecimentos narrados na primeira sequência. Para compreender o envolvimento divino nos acontecimentos, será analisado o enredo em suas três funções distintas: função programática, função performativa e função interpretativa¹⁹⁷.

2.1 Função programática: Deus precede a história

Por função programática entende-se a intervenção divina antes de determinados acontecimentos. Trata-se de uma visão, de um sonho ou um oráculo onde Deus antecipa os seus desígnios aos seus enviados. Por exemplo, Paulo é desviado para a Macedônia (cf. 16,6-10). Através da função programática, constata-se que há um plano de Deus para a história 198.

O plano de Deus nos Atos dos Apóstolos manifesta-se, sobretudo, em At 1,8 com as palavras de Jesus: "Mas recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra". Este oráculo de Jesus revela o plano de Deus de, a partir de Jerusalém, conduzir o anúncio da Palavra a todos os povos. Segundo Squires, o plano de Deus é o tema central dos Atos dos Apóstolos¹⁹⁹. Neste sentido, a providência divina exerce uma função programática em todo o livro dos Atos. Por meio de sua providência, Deus conduz a história²⁰⁰.

No caso do discurso de Pedro, verifica-se que a linguagem explícita sobre Deus tem, ao mesmo tempo, um efeito revelador e programático. Revelador: Pedro nomeia Deus como agente último da história. Programático: o apóstolo interpreta o derramamento do

¹⁹⁶ MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo: Os atos dos apóstolos*, 95. ¹⁹⁷ Cf. *Idem.* 98-111.

¹⁹⁸ Cf. DIONNE, Christian, *La Bonne Nouvelle de Dieu*. Une analyse de la figure narrative de Dieu dans les discours pétriniens d'evangelisation des Actes des Apôtres, 116-120.

¹⁹⁹ Cf. SQUIRES, John. *The plan of God in Luke-Acts*. New York: Cambridge University Press, 1993,

^{1. 200} Cf. *Idem*, 2-33.

Espírito Santo como a realização da profecia de Joel, em vista da salvação de toda a humanidade.

O anúncio antecipado do plano de Deus, nos Atos, por meio de uma visão ou predição, tem por função programar a leitura teológica do relato (...) tal anúncio indica ao leitor como o curso de uma história cotidiana pode ser o lugar onde os caminhos de Deus são descobertos e celebrados²⁰¹.

2.2 Função performativa: Deus muda o rumo da história

Ao lado da função programática está a função realizadora: Deus intervém e muda a história dos personagens.

A intervenção divina na primeira sequência ocupa a centralidade de todas as cenas: Jesus ressuscitado se manifesta aos apóstolos (cf. 1,3-11); Deus, por meio da sorte, escolhe Matias para ocupar o lugar de Judas (cf. 1,24-26); o Espírito Santo repousa sobre os discípulos presentes no cenáculo no dia de Pentecostes (cf. 2,1-13). Por meio dessas intervenções, a vida dos primeiros discípulos recebeu nova projeção existencial. Para que o leitor possa compreender melhor a intervenção divina no dia de Pentecostes, o narrador inseriu o discurso de Pedro. A função do discurso petrino é, sobretudo, confirmar e decifrar a intervenção de Deus.

As intervenções teofânicas criam um quadro totalmente imprevisto, dentro do qual tudo é entregue à responsabilidade da testemunha, que interpreta o acontecimento e nomeia seu autor. Tudo se passa como se o Deus dos Atos, depois de ter organizado o encontro por meios sobrenaturais, se retirasse, a fim de abrir espaço para a testemunha. A história somente se torna história no momento em que homens e mulheres aceitam entrar no papel que Deus lhes indica sem jamais lhes isentar da responsabilidade da palavra e da ação pelas quais testemunham²⁰².

2.3 Função interpretativa: Deus revela o sentido da história

As intervenções divinas exercem, como foi dito, uma função proléptica (de antecipação) e performática (de execução). O mecanismo, anúncio e realização de uma intervenção divina, é o núcleo da primeira sequência. Por meio deste mecanismo, o leitor pode interpretar o sentido da ação de Deus. A forte atuação de Deus no relato não aparece como definitiva para a história dos homens, pois o narrador pressupõe que a liberdade

81

²⁰¹ MARGUERAT, Daniel. A primeira história do cristianismo: Os atos dos apóstolos, 101-102.

²⁰² *Idem*, 103.

humana, também, tem sua soberania. Há, portanto, uma tensão entre a providência divina e a liberdade humana no interior da sequência de 1,1-2,41.

Em 1,5.8, o narrador insere a promessa de Deus de batizar no Espírito Santo os apóstolos. Em 1,15, verifica-se que o grupo dos primeiros discípulos, cerca de cento e vinte pessoas, estava reunido para a realização da promessa. Com esses dois dados, o leitor é, progressivamente, conduzido a perceber que a promessa não se destina apenas aos apóstolos, mas a todos os judeus cristãos. Ao receberem o dom do Espírito Santo, é concedido-a os ouvintes a graça de interpretar o fenômeno de Pentecostes em diversas línguas (cf. 2,8). Esta ação de Deus, de permitir a interpretação das "línguas" (cf. 2,4), permite ao leitor constatar que o dom do Espírito Santo é para todas as pessoas. O próprio narrador chegou a esta constatação e revelou ao leitor, no final do discurso de Pedro (cf. 2,39).

A presença do personagem Deus no texto é muito expressiva. Aparentemente, o leitor pode chegar até mesmo à conclusão de que o ser humano é forçado a fazer aquilo que Deus predestinou. A este respeito Jervell afirmou: "Deus é a única causa, o motor e a força propulsora da história, o único Senhor da história (...). Os seres humanos são forçados a realizar tudo o que Deus predestinou"²⁰³. Porém, o narrador, na primeira sequência dos Atos, demonstra que os personagens são livres diante do desígnio divino. Podem ser obedientes e dóceis à vontade de Deus (cf. 1,5.12-14; 2,1); podem discernir sobre o que fazer diante da vontade de Deus (cf. 2,37) e, até mesmo, rejeitar o chamado de Deus (cf. 1,25).

O estudo das linguagens, implícita e explícita, utilizado pelo narrador demonstra que Deus age de forma sobrenatural em meio à humanidade. Porém, prefere ser, sobretudo, discreto ao se revelar. Por isso, o personagem Deus manifesta-se por meio de suas testemunhas. O discurso de Pedro é uma expressão desse testemunho. As três funções que demonstram a relação entre Deus e as pessoas, programática, performativa e interpretativa, permitem ao leitor constatar que, embora discreto, Deus conduz a história, segundo um plano. Atua, concretamente, na vida de todos para conduzi-los à salvação. O narrador, neste sentido, permite ao leitor constatar que as ações de Deus na história revelam quem é Deus. A partir destas considerações, pode-se adentrar nos principais eixos teológicos presentes em 1,1-2,41.

O discurso teológico, como teologia narrativa, diz-nos muito mais sobre o que Deus está fazendo do que ele é simplesmente. Neste sentido a ação deste

82

²⁰³ JERVELL, Jacob. "The Future of the Past: Luke's Vision of Salvation History and Its Bearing on His Writing of History." In: *History, Literature and Society in the Book of Acts*. Cambridge: B. Witherington III, 1996, 106.

3. Os principais eixos teológicos

O narrador, ao longo da sequência, conduz o leitor aos principais temas da perícope em suas duas partes. A parte narrativa da sequência (1,1-2,13) é formada por dois eixos: o tema da promessa do batismo no Espírito e o tema do testemunho (cf. 1,4-5.8). A parte discursiva da sequência é formada por seis eixos: Deus como sujeito; um Deus que se comunica; Jesus destinatário da ação divina; a morte e a ressurreição de Jesus nos desígnios de Deus; os milagres como sinais do envolvimento de Deus na história; e, por fim, o apelo à conversão.

3.1 A promessa do batismo no Espírito Santo: a revelação de Deus Salvador

O tema da promessa aparece no texto pela primeira vez em 1,4-5. A compreensão do significado deste tema exige verificar como o narrador o dispôs na sequência de 1,1-2,41 e no conjunto dos Atos dos Apóstolos. A consequência imediata desta análise é a constatação da estratégia do narrador de apresentar o personagem Deus como Salvação e Comunhão.

Ο original grego de 1,4-5 diz: καὶ συναλιζόμενος παρήγγειλεν αὐτοῖς ἀπὸ Ἰεροσολύμων μὴ χωρίζεσθαι, ἀλλὰ περιμένειν τὴν ἐπαγγελίαν τοῦ πατρὸς ἣν ἡκούσατέ μου: ὅτι Ἰωάνης μὲν ἐβάπτισεν ὕδατι, ὑμεῖς δὲ ἐν πνεύματι βαπτισθήσεσθε ἀγίῳ οὐ μετὰ πολλὰς ταύτας ἡμέρας.

O termo "promessa" (ἐπαγγελία) aparece em 1,4; 2,33.39; 7,17; 13,23.32; 23,21; 26,6. A primeira característica da promessa é o seu autor. Em Atos, o autor da promessa é Deus, chamado de Pai (1,4). O objeto da promessa é, sobretudo, o envio de Jesus e do Espírito Santo. Em Lc 3,16; 24,49, é Jesus o realizador da promessa do envio do Espírito, obra conjunta do Pai e de Jesus como atesta At 2,33: "E agora, exaltado pela direita de Deus, ele recebeu o Espírito Santo que fora prometido pelo Pai e o derramou, como estais vendo e ouvindo".

O envio de Jesus e do Espírito pelo Pai significa que os primeiros cristãos possuíam a fé trinitária. O envio da parte do Pai revela dois movimentos da promessa. O

²⁰⁴ DIONNE, Christian, *La Bonne Nouvelle de Dieu*. Une analyse de la figure narrative de Dieu dans les discours pétriniens d'evangelisation des Actes des Apôtres, 92.

primeiro acontece antes de sua realização. Neste se manifesta o desejo íntimo de Deus de conviver com a humanidade, de entrar em comunhão com ela. No segundo movimento, o da realização da promessa, se verifica que este desejo se torna concreto: Deus entra em comunhão com a humanidade através de Jesus. Com sua elevação ao céu, a comunhão com Jesus permanece graças à presença do Espírito Santo. O dom da promessa é, portanto, a comunhão com o Pai, com Jesus, no Espírito Santo.

O envio de Jesus revela a atitude do Pai de estar unido à humanidade. Revela-se na forma histórica de Jesus; permanece com a humanidade e entra em comunhão com ela por meio do Espírito Santo.

Esta comunhão manifesta-se no texto através da expressão "batismo no Espírito Santo". No texto original grego, este batismo refere-se a uma imersão, a um colocar-se dentro do Espírito Santo. Assim diz o v.5: "ὅτι Ἰωάνης μὲν ἐβάπτισεν ὕδατι ὑμεῖς δὲ ἐν πνεύματι βαπτισθήσεσθε. Ser batizado no Espírito significa, portanto, estar em comunhão com Deus, viver unido a ele, possuir uma vida em harmonia com ele, em sintonia com ele, movida por ele.

Pode-se concluir que os textos referentes à promessa do Pai, no livro dos Atos, referem-se ao projeto divino de unir o ser humano à comunhão trinitária. A teologia de João confirma-o, em Jo 17,21: "Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste". Esta união com o Pai e com Jesus pelo Espírito realiza-se mediante o batismo, que imerge o fiel na vida no Espírito. Portanto, a partir do estudo feito da promessa do Pai, pode-se constatar que o narrador quis conduzir o leitor a constatar que Deus é Trindade, mas, sobretudo, o Salvador de todos os homens. O narrador demonstra que, por salvação, deve-se entender a entronização do batizado na comunhão com o Pai, com Jesus e com o Espírito Santo²⁰⁵.

3.2 O apelo ao testemunho

A promessa do envio do Espírito Santo pelo Pai é a principal chave de compreensão da primeira sequência narrativa dos Atos dos Apóstolos. A centralidade da promessa consiste no dom do Espírito Santo dado em vista da missão²⁰⁶. O núcleo desta

²⁰⁶ Cf. DIONNE, Christian, *La Bonne Nouvelle de Dieu*. Une analyse de la figure narrative de Dieu dans les discours pétriniens d'evangelisation des Actes des Apôtres, 119-120.

²⁰⁵ Esta afirmação coincide com a mensagem de Mt 28,21.

promessa está em 1,8, o qual, além de ser paralelo a 1,5, como foi visto anteriormente, é paralelo a At 2,38b-39. Há uma profunda ligação entre os dois:

1,8: "ἀλλὰ **λήμψεσθε** δύναμιν ἐπελθόντος **τοῦ ἀγίου πνεύματος** ἐφ' ὑμᾶς, καὶ ἔσεσθέ μου μάρτυρες ἔν τε Ἰερουσαλὴμ καὶ [ἐν] πάση τῆ Ἰουδαία καὶ Σαμαρία καὶ ἕως ἐσχάτου τῆς γῆς".

2,38b: "καὶ λήμψεσθε τὴν δωρεὰν τοῦ ἁγίου πνεύματος:ὑμῖν γάρ ἐστιν ἡ ἐπαγγελία καὶ τοῖς τέκνοις ὑμῶν καὶ πᾶσι τοῖς εἰς μακρὰν ὅσους ὰν προσκαλέσηται Κύριος ὁ θεὸς ἡμῶν.

Em 1,8 o envio do Espírito Santo é destinado aos discípulos judeu-cristãos. O efeito do recebimento será a transformação dos discípulos em testemunhas da ressurreição até os confins da terra. Em 2,39, trata-se da realização da promessa de 1,8, em favor dos discípulos. Porém, esta promessa não se restringe a eles. Destina-se "a todos os que estão longe". O narrador, com este versículo, indica que o chamado a ser discípulo e testemunha de Cristo é um chamado universal. Com isso, verifica-se que a estratégia narrativa empregada na primeira sequência visa a demonstrar que Deus prometeu enviar por meio de Jesus o seu Espírito, para que todos aqueles que acolherem o chamado à salvação, recebam o Espírito Santo e tornem-se testemunhas da ressurreição de Jesus.

Enquanto, no primeiro momento da promessa, enfatiza-se o sentido do dom do Espírito (cf. 1,4-5), o segundo enfatiza sua finalidade: "Mas recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra" (1,8). Portanto, o dom do Espírito Santo será dado em vista do testemunho.

O termo μάρτυς, nos Atos, recebe diversas conotações: Refere-se ao mártir (cf. 22,20), às testemunhas da ressurreição (cf. 1,8.22; 2,32; 3,15; 5,32,22; 10,41; 22,15; 26,16). Testemunha é aquele cuja palavra merece crédito (cf. 6,13; 7,58). São aqueles que viveram com Jesus antes e após sua ressurreição (cf. 10,39.41 e 13,31). O termo, portanto, expressa um atestado de verdade. Está ligado ao conhecimento pessoal de Jesus ressuscitado.

O primeiro momento em que se testemunha a ressurreição de Jesus, nos Atos, encontra-se no primeiro discurso de Pedro após Pentecostes (cf. 2,32). O segundo, no segundo discurso de Pedro (cf. 3,15). O terceiro, no quarto discurso de Pedro, junto aos outros apóstolos (cf. 5,32). O quarto momento de testemunho está no quinto discurso de Pedro (cf. 10,39.41). O quinto momento, no primeiro discurso de Paulo (cf. 13,31). Paulo é também

testemunha da ressurreição de Jesus e manifesta esta realidade por meio do anúncio (cf. 22,15; 26,22). Estevão testemunhou a ressurreição de Jesus através do anúncio e em seu martírio (cf. 22,20).

Pode-se compreender, por meio das variantes do termo μάρτυς, que, para o narrador, ser testemunha é anunciar o nome de Jesus e sofrer nas mãos dos que o rejeitam (cf. 23,11), por ser também partícipe da experiência da sua ressurreição. O fruto do testemunho é o crescimento do número daqueles que crêem.

3.3 Deus como sujeito

Considerando a sintaxe de todos os verbos do discurso de Pedro, verifica-se que há três personagens principais, a realizar a maior parte das ações: Deus, Jesus e os ouvintes do discurso. Por estratégia narrativa, trata-se da mesma tríade que demarcou a estrutura. Desses três personagens, Deus é o mais ativo. Na primeira parte do discurso (2,14-21), é o único que realiza ações. Deus "diz" (v. 17); promete o derramamento do Espírito (vv. 17-18), e mostra sinais (v. 19). Na segunda parte (2,22-36), realiza os milagres, prodígios e sinais por meio de Jesus (cf. v. 22). Foi quem "determinou" que Jesus fosse entregue para ser morto (cf. v. 23), para depois o ressuscitar (cf. v. 24). De forma explícita, graças à presença de Deus, o Salmista não vacila (cf. v. 25). Deus revela caminhos e preenche de alegria (v. 28); jura (cf. v. 30); coloca o Messias à sua direita (cf. v. 34) e o "constitui" Senhor e Cristo (v. 36).

Sendo o personagem Deus o principal sujeito das orações, presentes no discurso, significa que é o principal atuante²⁰⁷. Não é apresentado por meio de um diálogo, mas da narração em terceira pessoa.

3.4 Um Deus que se comunica

A presença das profecias no discurso (2,14-41) demonstra que Deus se comunica, ou seja, fala às pessoas²⁰⁸. Isto se verifica, também, através dos verbos: "diz" (vv. 17.34), "dá a conhecer" (v. 28), "jurar" (v.30) e "chamar" (v. 39). É significativo que a primeira e a última ação de Deus no discurso estão relacionadas à linguagem ("falar" e "chamar"). Pode-se afirmar, portanto, que uma de suas atividades principais consiste em falar.

²⁰⁷ Cf. DIONNE, Christian, *La Bonne Nouvelle de Dieu*. Une analyse de la figure narrative de Dieu dans les discours pétriniens d'evangelisation des Actes des Apôtres, 92-93. ²⁰⁸ Cf. *Idem*, 95.

O narrador, no v. 29, mostra que Deus falou pelos profetas no passado e quer falar por eles no futuro. O verbo "προσκαλέσηται" pode ser traduzido como chamar ou chamará, no contexto do v. 29.

No livro, encontram-se diversos momentos em que Deus se comunica tanto de maneira indireta, através de suas testemunhas, como de forma direta. Deus revela a Pedro, pelo Espírito, a mentira de Ananias e Safira (cf. 5,1-11). O Espírito diz a Filipe para se aproximar do etíope para lhe anunciar a boa nova (cf. 8,29). Jesus, após sua ressurreição, falou com Paulo, no caminho de Damasco (9,4-9). Jesus, também, falou com Ananias (vv. 10-16). Após o evento de Damasco, falou com Paulo diversas vezes (22,18-21; 23,11). Deus comunicou-se com Cornélio, por meio de um anjo (cf. 10,4-6). Pouco depois, o Espírito disse a Pedro para ir à casa de Cornélio (cf. 10,19; 11,12). Deus enviou um anjo para falar com Pedro e libertá-lo da prisão (cf. 12,7-11). Durante uma liturgia, o Espírito Santo falou com profetas e mestres de Antioquia (cf. 13,2). Por meio de uma visão, Deus chamou Barnabé e Paulo para uma missão na Macedônia (cf. 16,6-10). Em Corinto, o Senhor fala com Paulo para não ter medo e permanecer na cidade (18,9-10). O Espírito anunciou a Paulo as cadeias e tribulações que iria sofrer (cf. 20,23). Sobre essas cadeias o Espírito Santo, também, anunciou a Ágabo (cf. 21,11).

Portanto, Deus fala com homens. Isso significa que ele não se relaciona somente com Jesus e o Espírito, mas, também, como os homens. Deus fala com homens para estabelecer comunhão com eles.

3.5 Jesus destinatário da ação divina

Jesus, no discurso aparece como o principal destinatário da ação de Deus²⁰⁹: "Jesus foi um homem *credenciado* por Deus" (v. 22); "*foi entregue* segundo seu desígnio e previsão" (v. 23), foi *ressuscitado e libertado* das angústias da morte (cf. v. 24); "*não foi abandonado* no mundo dos mortos" (v. 31); foi "*exaltado* à direita de Deus e *recebeu* o Espírito" (cf. v. 33).

A expressão, "foi credenciado por Deus", não indica, em termos literários, apenas, o fato de ter sido aprovado (cf. v. 22 gr. αποδεδειγμένον) por Deus. O termo, no contexto do v. 22 ("credenciado por Deus junto de vós, pelos milagres, prodígios e sinais que Deus realizou entre vós, por meio dele, como bem sabeis"), indica que Jesus foi um intermediário

²⁰⁹ Cf. DIONNE, Christian, *La Bonne Nouvelle de Dieu*. Une analyse de la figure narrative de Dieu dans les discours pétriniens d'evangelisation des Actes des Apôtres, 93-94.

entre Deus e a humanidade. As obras, realizadas por ele, têm sua origem em Deus. O v. 23 afirma que a vida de Jesus foi permeada pela ação de Deus, o qual entregou-o para ser crucificado. Após a morte de Jesus, Deus ressuscita-o, exalta-o e lhe confere o Espírito.

O principal anseio do povo de Israel, apresentado no livro dos Atos, é a vinda do Messias anunciado pelos profetas (cf. 26,6-8; 28,20). Por isto, o narrador demonstra várias vezes, no interior do discurso, que Deus realiza em Jesus a promessa do envio do Messias, anunciado pelos profetas (cf. 2,25-28.30.34-35; 3,22-23; 4,11.25-26; 7,22; 8,32-34; 8,29-35; 24,14-15; 26,6-7.22-23; 28,23-24). O efeito sobre o leitor, a partir do recurso de demonstrar que Deus cumpre as profecias em Jesus, consiste em sedimentar ou robustecer a fé dos crentes, na pessoa de Jesus, o Messias. A conclusão do discurso confirma esta interpretação (cf. v. 36).

Jesus é o Messias e o Senhor. Nesta afirmação condensa-se toda a expectativa messiânica, suscitada por Deus, em Israel. Pode-se afirmar que toda a revelação de Deus, no decorrer da história de Israel, foi em vista da revelação da identidade de Jesus.

3.6 A morte e a ressurreição de Jesus nos desígnios de Deus

O narrador, no discurso, conduz o leitor a perceber que a morte de Jesus possui um sentido diante dos desígnios de Deus. Para compreender este sentido, as questões de fundo que se apresentam são: Qual é o sentido de sua morte? Qual o sentido de sua ressurreição? Como compreender o personagem Deus, através desses acontecimentos?

Em 2,23, está escrito: "Deus, em seu desígnio e previsão, determinou que Jesus fosse entregue pelas mãos dos ímpios, e vós o matastes, pregando-o numa cruz". Os termos empregados pela tradução da CNBB, "desígnio e previsão", do original grego "βουλῆ καὶ προγνώσει", podem, também, ser traduzidos como "objetivo" e "presciência". Em outras palavras, trata-se de um mistério presente no interior de Deus, algo que ele quis, por ter diante de si um conhecimento prévio, antecipado, de todas as coisas.

Para os Atos, "a história da salvação se desenvolve segundo um plano, um desígnio que a vontade de Deus estabeleceu e que a sua mão realiza" (cf. 4,28.30; 11,21; 13,11; 21,14; 22,14)"²¹⁰. A morte de Jesus, no plano divino, não se reduz a um acaso, um fracasso da parte de Jesus ou de uma vitória da parte dos que o mataram. Nela, Deus demonstra seu controle sobre a história, sua influência sobre os acontecimentos, pois na morte

-

²¹⁰ ATOS DOS APÓSTOLOS. In: BIBLIA Tradução Ecumênica, 2105, nota a At 2,23.

de Cristo se cumprem as Escrituras. Esta interpretação é confirmada pelo segundo discurso de Pedro ao dizer: "Ora, meus irmãos, eu sei que agistes por ignorância, assim como vossos chefes. Deus, porém, cumpriu deste modo o que havia anunciado pela boca de todos os profetas: que o seu Cristo haveria de sofrer" (3,17-18).

O segundo discurso petrino (3,11-26) oferece, igualmente, uma luz para a compreensão do sentido da morte de Cristo: "Aquele que conduz à vida, vós o matastes, mas Deus o ressuscitou dos mortos" (3,15). O texto afirma que Jesus é "aquele que conduz à vida". Através do texto grego esta expressão pode ser interpretada de outra maneira: Jesus é o "Príncipe" da vida, ou o seu "autor" (αρχηγός). Sendo o "Príncipe da Vida", é o seu fundador²¹¹. Sendo o próprio fundamento da vida, a morte não tem poder sobre ele, "porque não era possível que ela o dominasse" (cf. 2,24). Neste sentido, a morte de Jesus não o rebaixa, mas o exalta. A ressurreição torna-se o símbolo de sua glória e poder.

A glória da ressurreição revela aos homens a identidade de Jesus: "Deus, porém, por seu poder, o exaltou, tornando-o líder e Salvador, para propiciar a Israel a conversão e o perdão dos seus pecados" (5,31). Esta exaltação de Cristo tem uma finalidade: "propiciar a Israel a conversão e o perdão dos seus pecados" (v. 31). Portanto, o objetivo divino é o de revelar a glória do Filho e sua identidade. Ele é o Salvador, que perdoa os pecados.

Portanto, o desígnio divino, embora supere a compreensão humana, revela ao homem que Deus entregou Jesus à morte. A morte de Jesus é a revelação máxima de sua glória. Deus, assim, quis revelar, por meio da morte de Jesus, que "é aquele que perdoa os pecados". A ressurreição de Jesus oferece a possibilidade de uma experiência pessoal com ele, no decorrer da história, através de sua ação misteriosa em meio aos homens. Esta ação misteriosa é invisível. Porém, o narrador demonstra que é, também, visível, através dos milagres, sinais e prodígios realizados em seu nome. Os milagres, prodígios e sinais operados por meio de Jesus, agora são realizados, por meio dos cristãos.

3.7 Os milagres como sinais do envolvimento de Deus na história

Através da ressurreição de Jesus, Deus vence a morte e todas as suas manifestações sobre o homem. No livro dos Atos, o narrador demonstra que os sinais revelam quem é Deus e como age em meio aos homens.

_

²¹¹ Cf. ATOS DOS APÓSTOLOS. In: BIBLIA Tradução Ecumênica, 2107, nota a At 3,15.

Em At 10,38 está escrito: "Jesus de Nazaré foi ungido por Deus com o Espírito Santo e com poder. Por toda a parte, ele andou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo; pois Deus estava com ele". A expressão, "fazendo o bem", pode ser traduzida, também, como "passou por toda parte como benfeitor". Em outras palavras, passou por toda parte, propiciando aos outros os melhores benefícios. A sequência da frase demonstra que Jesus era um benfeitor porque Deus estava com ele. Mais uma vez, o autor coloca por detrás da ação de Jesus a ação de Deus que a propicia. Com isso, os milagres realizados em nome de Jesus são também ações de Deus.

O autor situa a expressão "milagres, prodígios e sinais" (δυνάμεσι καὶ τέρασι καὶ σημείοις) em outros momentos do livro. Em 2,22, os milagres, prodígios e sinais aparecem como um selo que confirma a ação divina em Jesus. O milagre aparece, em At 8,13, como instrumento que suscita a fé. Em 19,11, testemunha a ação do próprio Cristo através de Paulo. Fórmulas análogas, reduzidas a dois termos (prodígios e sinais), designam os milagres pelos quais Deus respalda com sua autoridade a pregação apostólica: 2,43; 4,30; 5,12; 6,8; 14,3; 15,12²¹³. Contudo, não é apenas um respaldo à pregação apostólica, mas de todos os discípulos (cf. 15,12; 5,30).

Estas operações extraordinárias de Deus, por meio de Jesus e dos discípulos, revelam a divindade de Cristo, porque são feitas em seu nome (cf. 4,30). Suscitam a fé, pela admiração e constatação da obra divina. Por meio delas, revela-se o envolvimento de Deus na história, um envolvimento todo benéfico, pois traz cura, libertação, intimidade, perdão dos pecados e, consequentemente, salvação.

3.8 O apelo à conversão

O convite ao acolhimento do plano divino se expressa na conclusão do discurso. Lê-se, em 2,37-38: "Quando ouviram isso, ficaram com o coração compungido e perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: 'Irmãos, que devemos fazer?' Pedro respondeu: "Converteivos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos vossos pecados e recebereis o dom do Espírito Santo". A pergunta da multidão é antecedida pela expressão: "Ficaram com o coração compungido", aberto ao acolhimento da vontade de Deus. Este acolhimento possui duas características: conversão (cf. 3,19) e recebimento do batismo.

²¹² ATOS DOS APÓSTOLOS. In: BIBLIA Tradução Ecumênica, 2123, in loco.

²¹³ Cf. *Idem*, 2105, nota a At 2,22.

O efeito desta postura humana vem acompanhado pela ação divina de perdoar pecados e conceder o dom do Espírito Santo.

Portanto, o dom do Espírito Santo, que os primeiros discípulos receberam no dia de Pentecostes, é destinado a todos que acolhem o plano de Deus: "Pois a promessa é para vós e vossos filhos, e para todos aqueles que estão longe, todos aqueles que o Senhor, nosso Deus, chamar" (cf. At 2,39). Deus revela-se no apelo à conversão como alguém que respeita a liberdade que ele mesmo concedeu ao homem ao criá-lo.

4. Conclusão

A análise deste quarto capítulo baseou-se nos estudos feitos nos capítulos anteriores para estabelecer os principais eixos teológicos que caracterizam o personagem Deus na primeira sequência dos Atos dos Apóstolos (1,1-2,41).

O narrador serviu-se da linguagem implícita e explícita para conduzir o leitor à percepção da ação do personagem no enredo. A linguagem implícita é apresentada através das teofanias. As teofanias presentes na primeira sequência são: a ressurreição e ascensão de Jesus (1,3-11), a escolha de Matias por meio de um sorteio (1,15-26), o derramamento do Espírito Santo (2,1-4) e a interpretação das línguas por parte dos ouvintes presentes oriundos de diversas nações (2,5-12). A linguagem explícita serve-se da palavra dos personagens. Na sequência analisada trata-se do discurso sobre Deus feito por Pedro no dia de Pentecostes (2,14-41).

Além do recurso das linguagens, o narrador serviu-se de três funções para apresentar o modo em que Deus se relaciona com os homens: a função programática, na qual o narrador demonstra que a história dos homens está dentro de um plano de salvação feito por Deus; a função performática, na qual Deus intervém e muda os rumos da história e a função interpretativa, por meio da qual os próprios acontecimentos revelam quem é Deus e como ele está agindo.

Esses recursos empregados pelo narrador permitem o leitor constatar que Deus é alguém ativo na história da salvação, ele é sujeito da história e se comunica com os homens. Na sequência, ele promete o Espírito Santo tendo em vista dois objetivos. O primeiro é o de salvar os homens, convidando-os a comunhão consigo. Para conduzir os homens à salvação ele enviou Jesus, e, por meio dele realizou prodígios, milagres e sinais. Entregou Jesus à morte, mas ressuscitou-o ao terceiro dia em vista do cumprimento de todas as promessas

referentes ao Messias no Antigo Testamento. Constituiu-o Senhor e Cristo. Por fim, Deus derramou o Espírito Santo sobre os discípulos de Jesus para transformá-los em testemunhas. Através do testemunho dos crentes, ele revela-se de forma discreta, porém determinante. Os homens são livres diante de seus desígnios.

CONCLUSÃO

O texto é um todo significante, ou seja, o sentido de um texto não está em trechos isolados como frases ou parágrafos. A mensagem que o destinador escreve ao seu destinatário está na totalidade do escrito. Uma vez que o texto foi escrito, torna-se independente de seu autor real e de seu leitor real. Essa independência do texto faz com que seja aberto a uma infinidade de releituras. Porém, o texto é portador de um sentido transfrásico e simbólico que delimita as possibilidades de leitura. Outro elemento essencial do texto, que delimita seu sentido, é sua estrutura.

A estrutura de um texto permite sua logicidade e entendimento. Além disso, fornece a compreensão de sua forma e de seu gênero literário. O texto pode possuir uma qualidade interna que o modela, dando-lhe a forma de narrativa. Esta qualidade é a narratividade

O conceito de narratividade pode ser compreendido como o princípio organizador de todo e qualquer discurso. Por narratividade entende-se, também, uma forma organizada de se contar uma história. Essa maneira de contar uma história pode ser oral ou escrita. A narratividade é uma propriedade presente no texto que produz a narrativa.

Existem diversos tipos de narrativa. A pesquisa limitou-se à narrativa literária. A narrativa literária possui alguns parâmetros que lhe são próprios: a exposição de uma situação inicial, na qual estão envolvidos personagens em um determinado tempo e espaço; a complicação (nó) a ser resolvida; a resolução da complicação (desenlace) e, por último, a avaliação que especifica as reações mentais do personagem/narrador do episódio.

Esses parâmetros que estruturam uma narrativa literária se manifestam tanto nas narrativas ficcionais quanto nas históricas. A primeira está ligada à ideia de uma narração baseada em uma história imaginária, enquanto a segunda está ligada a uma narração de caráter científico. As narrativas bíblicas possuem elementos ficcionais e históricos. Esta constatação deve-se ao fato de que os narradores bíblicos interpretam os acontecimentos à luz da teologia.

A interpretação à luz da teologia permite a percepção de duas características próprias das narrativas bíblicas: o primado da ação e a centralidade do personagem Deus. Por primado da ação, entende-se a postura do narrador em privilegiar a ação em seus relatos mais do que a descrição. Por isso, ao escrever, o narrador bíblico privilegia a apresentação de discussões, ações, decisões e diálogos. Pouco se interessa pelos aspectos psicológicos dos personagens (sentimentos, pensamentos, conflitos interiores etc.). O narrador, também, pouco se interessa pelos detalhes (decoração das casas, detalhes da natureza, animais, pelos adjetivos em geral etc.). Enfim, todos os recursos utilizados por ele encontram-se a serviço da ação. Sobretudo, para enfatizar a ação do personagem Deus.

As narrativas bíblicas contam sobre Deus. Ele é um personagem que aparece em terceira pessoa do singular. Neste sentido, são os acontecimentos que o nomeiam. Os acontecimentos revelam Deus como o principal atuante da história. É o Deus de Abraão, Isaac e Jacó; liberta o povo da escravidão do Egito; conquista a terra de Canaã; suscita o rei Davi e os profetas; na fidelidade, abençoa o povo, na infidelidade, o corrige, pois foi ele quem libertou o povo da escravidão. Os acontecimentos revelam quem é Deus e como atua na história. Portanto, embora presente em terceira pessoa, o personagem Deus é o principal protagonista das narrativas. Porém, nem sempre aparece de forma clara e explícita. Muitas vezes sua atuação é percebida, somente, através, de uma leitura atenta ao texto. A análise narrativa é um recurso que permite essa leitura.

A análise narrativa é fruto da narratologia, que é uma área de reflexão do tipo teórico-metodológica autônoma, centrada na narrativa como modo de representação literária e não-literária. Além disso, analisa os textos narrativos através da teoria semiótica. A narratologia concebe a narrativa de forma orgânica. Procura descrever, de forma sistemática, os códigos que estruturam a narrativa.

A exegese bíblica serve-se de todo o aparato dado pela narratologia para analisar as narrativas bíblicas através da análise narrativa. A análise narrativa é uma das leituras ditas pragmáticas que se aplicam a procurar o efeito do texto sobre o leitor. Na análise narrativa,

toda leitura se faz a partir do questionamento feito ao texto. Encara o texto como um processo de comunicação entre autor e leitor.

A sequência analisada no segundo capítulo desta dissertação, At 1,1-2,41, propôsse a colocar em prática os princípios da narratologia e da análise narrativa. Estes pressupostos permitiram a constatação de que os Atos dos Apóstolos são, sobretudo, uma macroestrutura narrativa. Uma macroestrutura é formada por diversas sequências, ou seja uma intriga episódica no interior de uma intriga global.

As sequências narrativas, por diversas vezes nos Atos, são interligadas por sumários. O narrador além dos sumários, serviu-se de discursos em sua estratégia narrativa. Através do discurso, o narrador visa a fornecer ao leitor o sentido mais profundo dos acontecimentos, anteriormente, narrados. Com a presença dos sumários e dos discursos podese afirmar, também, que o narrador quis apresentar ao leitor os primórdios da comunidade cristã primitiva. Porém, apresenta somente o essencial dessa fase.

O narrador deixou claro, na primeira sequência, os quatro parâmetros necessários para estabelecer uma delimitação narrativa (critério do tempo, de lugar, de tema e personagens). Com o emprego do critério dos quatro parâmetros, conclui-se que o narrador em 1,4-5 estabeleceu a promessa do recebimento do batismo no Espírito Santo como o eixo sobre o qual construiu a primeira sequência dos Atos dos Apóstolos. Os quatro critérios foram elaborados ao redor desses versículos. Portanto, o nó da intriga está no contexto desses dois versículos. A aplicação desses critérios permitiu estabelecer, como fios condutores da sequência, a promessa do Pai (1,1-11), a espera da promessa por parte dos discípulos (1,12-26), a realização da promessa (2,1-13) e o sentido da promessa (2,14-41). Esses fios condutores delimitam a primeira sequência, em 1,1-2,41. Eles, também, atestam que 2,42 não faz parte da primeira sequência. Esses fios condutores são os meios pelos quais o narrador põe em cena o personagem Deus

Primeiro fio condutor: A promessa do Pai (At 1,1-11)

No primeiro fio condutor, o narrador, de forma implícita, manifesta o personagem Deus como protagonista dos eventos narrados. Na análise do prólogo (1,1-3), verifica-se que o narrador quis situar o início dos Atos dos Apóstolos no contexto dos quarenta dias em que Jesus conviveu com os apóstolos. Para o narrador, os quarenta dias simbolizam um tempo em que Jesus quis preparar os apóstolos tanto para receber a revelação de Deus como para testemunhá-lo, publicamente, diante de todos.

O narrador, em 1,4-5, em contexto de refeição, coloca em cena Jesus e os onze apóstolos. Jesus ordena aos apóstolos que permaneçam em Jerusalém. O objetivo é esperar a realização da promessa do Pai. A "promessa do Pai' é a promessa por excelência. O "Espírito Santo que Jesus enviará sobre eles representará o cumprimento de todas as promessas feitas por Deus aos pais de Israel". O narrador destaca Jesus como o anunciador da promessa. Porém, é o Pai quem a realizará. Com isso, o narrador indica que Jesus tem um Pai, o qual dará o Espírito Santo.

O narrador, em 1,6, conduz o leitor a outra cena. A cena inicia-se com a pergunta dos apóstolos a respeito do restabelecimento do reino de Israel (v. 6). O momento desta restauração depende da autoridade do Pai. É o Pai quem determina os tempos e os momentos com sua autoridade (v. 7). A resposta de Jesus indica que Deus é absolutamente livre para decidir quando estabelecerá a ordem definitiva²¹⁵. O "Pai reservou para si tudo o que faz referência aos momentos da história e a sua irrupção nela, respeitando sempre a liberdade do homem"²¹⁶.

O narrador, com a resposta de Jesus, indica, em 1,8, que o tempo presente é o do recebimento do Espírito Santo e do testemunho. De forma implícita, o narrador indica que o desígnio do Pai é tornar os discípulos testemunhas de Jesus, por meio do Espírito Santo. Por meio do testemunho, dado em toda a terra, Deus deseja chamar toda a humanidade à salvação (cf. 2,38-39). Neste sentido, a ascensão de Jesus é um símbolo deste chamado à comunhão plena com Deus no céu.

O narrador, em 1,9, diz que Jesus foi elevado ao céu (cf. v. 9 - ὑπέλαβεν). Trata-se de mais uma atuação do Pai que exalta Jesus à sua direita (cf. 2,33). Com a elevação de Jesus ao céu, o narrador põe em cena dois novos personagens, os quais são enviados do céu. Os anjos, implicitamente mencionados pelo narrador, aparecem como enviados de Deus para motivar os apóstolos a fixarem os olhos no tempo presente. Ao mesmo tempo, por meio deles, Deus anuncia que enviará Jesus no tempo oportuno (cf. 1,10-11).

Segundo fio condutor: A espera da promessa por parte dos discípulos (At 1,12-26)

Após a subida de Jesus ao céu, os apóstolos deixam o monte das Oliveiras e entram na cidade de Jesusalém e ali permanecem em uma sala (vv. 12-13). O narrador relata

²¹⁴ RIUS-CAMPS, Josep, De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana, 27.

²¹⁵ Cf. ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles, 48.

²¹⁶ RIUS-CAMPS, Josep, *De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana*,29.

dois detalhes deste período de espera da promessa: a preparação para a vinda do Espírito e a eleição de Matias para ocupar o lugar que o apóstolo Judas deixou.

No v. 13, o narrador indica que os apóstolos obedeceram à ordem de Jesus, dada no v. 4. Esta obediência é sinal de que desejam receber a promessa do Pai. Em outras palavras, a permanência em Jerusalém indica um sim dos apóstolos e dos discípulos à vontade de Deus. Com este detalhe o narrador demonstra ao leitor que Deus não obriga a humanidade a fazer sua vontade. Pelo contrário, a deixa livre para se submeter a seus desígnios como os discípulos que permaneceram em oração (cf. v. 14), ou abandoná-lo como o fez Judas, que era um dos doze (cf. 25).

Judas abandonou seu lugar, como haviam anunciado as Escrituras (v. 20). Com esta afirmação, o narrador revela a onisciência de Deus que conhece o interior de cada pessoa e, consequentemente, suas escolhas mais profundas (cf. v. 24). Sabendo do abandono de Judas, Deus quis escolher Matias para ser um dos doze (cf. v. 24). Não somente o quis, como manifestou sua escolha por meio de um sorteio (cf. vv. 25-26).

Por conseguinte, tanto a espera da promessa em Jerusalém, por parte dos discípulos, quanto a submissão da comunidade, por meio da oração, diante da escolha do sucessor de Judas, demonstram que Deus é livre em suas escolhas, conhece o coração de cada ser humano, deixa a humanidade livre diante dos desígnios divinos, e, ao mesmo tempo, está presente no interior da comunidade dos fiéis e não deixa de conduzí-los.

Terceiro fio condutor: A realização da promessa (At 2,1-13)

Após a eleição de Matias, o narrador conduz o leitor a outra cena. Os discípulos estão reunidos na mesma sala em que esperavam a realização da promessa no dia de Pentecostes (v. 1). A cena possui três momentos. No primeiro, ocorre, a intervenção de Deus (vv. 1-2); no segundo, a manifestação do Espírito Santo como realização da promessa (vv. 3-4); no terceiro momento, o narrador coloca os personagens "cheios do Espírito Santo" diante de uma multidão (vv. 7-13).

O narrador ilustra a intervenção de Deus através de sinais sensíveis. O "ruído" encheu toda a casa e as "línguas como de fogo" se repartiram e pousaram sobre cada um deles (cf. v. 3). Com esta teofania, Deus entra em cena para cumprir a promessa do envio do Espírito Santo.

A segunda manifestação extraordinária que aconteceu no dia de Pentecostes foi o "falar em línguas" (v. 4). Independentemente das possibilidades de explicação deste fenômeno, o narrador apresenta-o como um sinal visível da realização da promessa do Pai. As promessas de Deus se realizam na história de forma concreta. O fenômeno sobrenatural do falar em línguas testifica uma ação que só pode ser exercida por Deus.

Ao apresentar a realização da promessa do envio do Espírito Santo, o narrador, de forma explícita, através da teofania e do falar em línguas, introduz Deus na cena como aquele que é fiel à sua promessa.

Quarto fio condutor: o sentido da promessa (At 2,14-41)

O sentido da promessa é apresentado pelo narrador por meio do discurso de Pedro. O narrador dividiu-o em duas subunidades: 2,14-36 e 2,37-40.

A primeira subunidade possui três partes: vv. 14-21, 22-28 e 29-36. Na primeira parte (vv. 14-21), o narrador centra-se no anúncio do derramamento do Espírito que se realizará nos últimos dias (v. 17). O autor e realizador dessa promessa é Deus. Os destinatários da promessa são todos os seres humanos.

Na segunda parte (vv. 22-28), verificam-se quatro atuações de Deus na vida de Jesus. É Deus quem o credenciou no meio deles (cf. v. 22). Foi Deus o autor das obras realizadas por ele (cf. v. 22). Foi Deus quem determinou fosse entregue à morte (cf. v. 23). E por último, ressuscitou-o, "libertando-o das angústias da morte" (v. 24). O autor fundamenta, também, através da profecia de Davi (vv. 25-28), que Deus realiza em Jesus as profecias messiânicas do Antigo Testamento. Portanto, Deus relaciona-se com Jesus como o Messias esperado.

O núcleo da terceira parte (vv. 29-36) consiste na revelação de que Deus constituiu Jesus como Senhor e Cristo e lhe entregou o Espírito Santo que foi derramado (vv. 34-36).

Na segunda subunidade, Deus chama à fé e deseja que todos recebam o Espírito Santo.

A análise da estrutura das duas subunidades constatou que o personagem Deus é seu elemento estruturante. O discurso foi construído ao redor da ação deste personagem, sobretudo, em Jesus. O narrador apresentou o personagem servindo-se de títulos divinos (Deus, Senhor e Pai).

Deus é o principal protagonista dos Atos dos Apóstolos e da história de Israel. Por ser Deus, é o Senhor e revela-se, também, como o Pai de Jesus. O narrador, no decorrer da narrativa, apresentou Jesus e o Espírito Santo como pessoas divinas, juntamente, com o Pai. A análise dos títulos divinos na narrativa revela que Deus é Trindade, é o Criador, o condutor da história, e, sobretudo, Pai de Jesus, e Pai dos seres humanos que se tornam filhos e filhas, através do acolhimento do anúncio da Boa-Nova e do recebimento do dom do Espírito Santo. É o principal protagonista da evangelização agindo por meio dos evangelizadores.

No decorrer dos três primeiros capítulos desta dissertação, diversas afirmativas sobre a identidade do personagem Deus e sobre sua atuação na história foram apresentadas. O capítulo quatro teve como objetivo a sistematização do conteúdo analisado. Nele foram apresentados os principais eixos teológicos sobre os quais o narrador dos Atos dos Apóstolos articulou 1,1-2,41.

O narrador serviu-se da linguagem implícita e explícita para conduzir o leitor à percepção da ação do personagem no enredo. A linguagem implícita é apresentada através das teofanias (1,3-11; 15-26; 2,1-4; 5-12). A linguagem explícita serve-se da palavra dos personagens. Na sequência analisada, trata-se do discurso sobre Deus feito por Pedro no dia de Pentecostes (2,14-41).

Além do recurso das linguagens, o narrador serviu-se de três funções para apresentar o modo com que Deus se relaciona com a humanidade: a função programática, na qual o narrador demonstra que a história dos homens está dentro de um plano de salvação feito por Deus; a função performática, na qual Deus intervém e muda os rumos da história e a função interpretativa, por meio da qual os próprios acontecimentos revelam quem é Deus e como ele está agindo.

Por meio das linguagens e funções empregadas pelo narrador verificam-se os eixos teológicos principais presentes na sequência:

Primeiro eixo: Deus como Salvação e Comunhão

Deus criou o homem para relacionar-se com ele. A promessa do envio do Espírito Santo demonstra que Deus prometeu o Espírito Santo para conduzir o homem a uma comunhão profunda consigo. Este desígnio de conduzir o homem à comunhão consigo pode ser compreendido como Salvação. O nó da sequência enfatiza a transformação pretendida pelo narrador. A transformação está na saída do estado sem a presença do Espírito Santo para o estado onde o Espírito Santo está presente no interior dos discípulos.

O desígnio de comunhão com os homens revela-se, sobretudo, na encarnação de Jesus. O leitor é conduzido a perceber que a encarnação de Jesus é o ápice da revelação de Deus. O Pai é comunhão com Jesus no Espírito Santo. O batismo no Espírito Santo é dado em vista de introduzir o homem na comunhão com a Trindade.

Segundo eixo: o apelo ao testemunho

O leitor é conduzido a saber que o recebimento do Espírito Santo comporta uma responsabilidade. Ele torna-se testemunha de Jesus. O Espírito Santo torna o discípulo testemunha de Cristo, pois conforma o discípulo progressivamente a Cristo. O discípulo torna-se uma extensão do agir de Deus em meio aos homens. Por meio da vida e do anúncio do querigma, Deus revela-se aos homens.

Terceiro eixo: Deus como sujeito

Deus revela-se à humanidade como alguém que, além de conduzir a história de forma misteriosa, manifesta-se nela realizando as profecias e operando sinais, prodígios e milagres. A plenitude da ação de Deus na história consiste na realização das profecias referentes ao Messias em Jesus. Deus realizou, por meio de Jesus, milagres, prodígios e sinais, confirmando assim seu desígnio de Salvação. Ele ressuscitou Jesus e exaltou-o como Senhor e Cristo e entregou-lhe o Espírito Santo.

Deus, no discurso petrino, é o Pai de Jesus e o Senhor. Pode-se afirmar que a Trindade não aparece de forma explícita na sequência. Além disso, verifica-se certo subordinacionismo neste primeiro momento.

Quarto eixo: Deus se comunica

Deus se comunica tanto de maneira indireta, através de suas testemunhas, como de forma direta à humanidade. A comunicação por excelência consiste na encarnação, morte e ressurreição de Jesus.

Quinto eixo: Jesus destinatário da ação divina

Jesus foi um intermediário entre Deus e a humanidade. As obras, realizadas por ele, têm sua origem em Deus. O narrador, em 2,23, afirma que a vida de Jesus foi permeada pela ação de Deus. Pode-se afirmar que toda a revelação de Deus, no decorrer da história de Israel, foi em vista da revelação da identidade de Jesus.

Sexto eixo: A morte e a ressurreição de Jesus nos desígnios de Deus

A morte de Jesus é a revelação máxima de sua glória. Deus, assim, quis revelar, por meio da morte de Jesus, que "é aquele que perdoa os pecados". A ressurreição de Jesus oferece a possibilidade de uma experiência pessoal com ele, no decorrer da história, através de sua ação misteriosa em meio aos homens. Esta ação misteriosa é invisível. Porém, o narrador demonstra que é, também, visível, através dos milagres, sinais e prodígios realizados em seu nome.

Sétimo eixo: Os milagres como sinais do envolvimento de Deus na história

As operações extraordinárias de Deus, por meio de Jesus e dos discípulos, revelam a divindade de Cristo, porque são feitas em seu nome (cf. 4,30). Suscitam a fé, pela admiração e constatação da obra divina. Por meio delas, revela-se o envolvimento de Deus na história, um envolvimento todo benéfico, pois traz cura, libertação, intimidade, perdão dos pecados e, consequentemente, salvação.

Oitavo eixo: o apelo à conversão

O dom do Espírito Santo, que os primeiros discípulos receberam no dia de Pentecostes, é destinado a todos que acolhem o plano de Deus: "Pois a promessa é para vós e vossos filhos, e para todos aqueles que estão longe, todos aqueles que o Senhor, nosso Deus, chamar" (cf. 2,39).

A humanidade é convidada a acolher este dom. Ela pode, também, rejeitá-lo. Deus revela-se no apelo à conversão como alguém que respeita a liberdade que ele mesmo concedeu ao homem ao criá-lo.

O personagem Deus, nesta dissertação, foi estudado somente no contexto da primeira sequência dos Atos dos Apóstolos. Os Atos dos Apóstolos são uma macroestrutura narrativa. Ele é composto por outras sequências narrativas. Por isso, a análise narrativa do personagem Deus pode ser aprofundada através do estudo da ação deste personagem nas demais sequências e na globalidade da intriga dos Atos.

BIBLIOGRAFIA

ADAM, Jean-Michel. *Décrire des actions: raconter ou relater?* In: *Littérature*. 95. 1994, 3-22. Url : http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/litt_0047-4800_1994_num_95_3_2336. Consulta feita em: 01/10/2012.

ALLOTT, Miriam. Los novelistas y la novela. Barcelona: Seix Barral, 1966.

ARENS, Eduardo. Seran mis testigos: historia, actores y trama de Hechos de Apostoles. Lima: Centro de estudios y publicaciones (CEP), 1996.

BIBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1994.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*. Tradução da CNBB com introdução e notas. Brasília: CNBB, [s.d.].

BACHTIN, Mikhail. Estetica e romanzo. II. Torino: Einaudi, 1979.

BAL, Mieke. *Narratologie*; essais sur la signification narrative dans quatre romans modernes. Paris: Klincksieck, 1977.

BARTHES, Roland. Introduction à l'analyse structurale du récit. *Revue communications*. Paris, 8, 1966, 1-27. Url:

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm 0588-

8018 1966 num 8 1 1113. Consulta feita em: 06.03.2013.

BARRETT, Charles Kingsley. *The acts of the apostles: a shorter commentary*. Bodmin: Typeset by Waverley Typesetters, 2002.

BOOTH, Wayne. *The rhetoric of fiction*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

BOOTH, Wayne. A retórica da ficção. Lisboa: Arcádia, 1980.

BRAWLEY, Robert. *Centering on God: Method and Message in Luke-Acts.* Louisville: Westminster/John Knox, 1990.

BREMOND, Claude. Logique du récit. Paris: Seuil,1973.

CASALEGNO, Alberto. Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão. São Paulo: Loyola, 2005.

COMBLIN, José. Atos dos Apostolos: 1-12, Petrópolis: Vozes, 1988.

DIJK, Teun A. Van. *La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario*. Buenos Aires: Paidós, 1983.

DIJK, Teun A. Van. Some aspects of text grammars. The Hague: Mouton, 1972.

DUMAIS, Marcel. Les Actes des Apôtres: Bilan et orientations. *De bien des manières:la recherché biblique aux abords du XXI siècle*, Paris, LD 163, 1995.

DIONNE, Christian, La Bonne Nouvelle de Dieu. Une analyse de la figure narrative de Dieu dans les discours pétriniens d'evangelisation des Actes des Apôtres. Paris: Cefr, 2004.

DUNN, James. The Acts of the Apostles. London: Epworth Press, 1996.

DUPONT, Jacques. Estudos sobre os Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas, 1974.

ECO, Umberto. *Lector in fabula. La cooperazione interpretativa nei testi narrativi.*Milano: Bompiani, 1979.

FOWLER, Alastair. *Kinds of literature. An introduction to the theory of genres and modes.* Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GENETTE, Gerárd. Nouveau discours du récit. Paris: Seuil, 1983.

GENETTE, Gerárd. Figures III. Paris: Seuil, 1972.

GERBASE, Carlos. *Impactos das tecnologias digitais na narrativa cinematográfica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GREIMAS, Algirdas Julius. Du sens II: Essais sémiotiques. Paris: Seuil, 1983.

GROUPE D'ENTREVERNES. *Analyse sémiotique des textes*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1979.

HAMON, Philippe. Le personnel du roman: Le système des personnages dans les "Rougon-Macquart" d'Émile Zola. Genève: Droz,1983.

HARVEY, William John. Character and the novel. London: Chatto and Windus, 1970.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal. Sociologia da Leitura. Cotia: Atelie Editorial, 2010.

ISER, Wolfgang. *The implied reader. Patterns of communication in Prosefiction from Bunyan to Beckett.* Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1975.

JERVELL, Jacob. "The Future of the Past: Luke's Vision of Salvation History and Its Bearing on His Writing of History." In: *History, Literature and Society in the Book of Acts*. ed. Ben Witherington III. New York: Cambridge University Press, 1996.

JOUVE, Vincent. A leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KLIESCH, Klaus. Gli Atti degli Apostoli. Assisi: Cittadella editrice,1991.

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João*. I . São Paulo: Loyola, 1996.

MALINA, Bruce – PILCH, John. *Social-Science-commentary on the book os Acts*. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2008.

MALONEY, Linda. All that God had done with them: The Narration of the works of God in the early Christian Community as described in the Acts os the Apostles. New York: Lang, 1991.

MARGUERAT, Daniel - BOURQUIN, Yvan. Para ler as narrativas bíblicas: Iniciação à análise narrativa, São Paulo: Loyola, 2009.

MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do cristianismo: Os atos dos apóstolos,* São Paulo: Loyola, 2003.

MARTINI, Carlo. Gli Atti degli Apostoli. Città del Vaticano: Poliglota Vaticana, 1967.

MARSHALL, Howard. *Atos dos Apóstolos: introdução e comentário*. São Paulo: Sociedade Religiosa Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1988.

MURATA, Elza Kioko Nakayama Nenoki. *Em busca da casa perdida: vozes e imaginário de meninos de rua.* São Paulo: Annablume, 2005.

O'TOOLE, Robert. *The Unity of Luke's Theology: An Analysis of Luke-Acts.*Wilmington: Michael Glazier, 1984.

PARAÍSO, Andréa Correa. *Marguerite Duras e os possíveis da escritura: a incansável busca.* São Paulo: Editora UNESP, 2001.

PIETRARÓIA, Cristina Moerbeck Casadei. *Questões de leitura: aspectos práticos e teóricos da leitura em francês língua estrangeira*. São Paulo: Annablume, 2001.

PILCH, John. Visões e Curas nos Atos dos Apóstolos: como os primeiros fiéis experimentavam Deus. São Paulo: Loyola, 2010.

PRINCE, Gerald. *Narratology. The form and functioning of narrative*. New York: Mouton, 1982.

PONGUTÁ, Silvestre. Para que seáis mis testigos: una presentación de los Hechos de los Apóstoles. Una lectura de Act 1-2. Bogotá: Asociacion Biblica Salesiana, 1991.

REIS, Carlos – LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

RICHARD, Pablo. O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos. São Paulo: Paulinas,1999.

RICOEUR, Paul. "Entre filosofia e teologia II: nomear Deus" (1977). In: Leituras 3: nas Fronteiras da Filosofia. São Paulo: Loyola, 1996.

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Porto: Rés, 1988.

RIUS-CAMPS, Josep, *De Jerusalen a Antioquia. Genesis de la Iglesia Cristiana:*Comentário linguístico y exegético a Hch 1-12. Cordoba: Almendro, 1989.

ROLOFF, Jurgen, Hechos de los Apostoles. Madrid: Cristandade, 1984.

SILVA, Vitor Manuel. Teoria da literatura. 5. Coimbra: Almedina, 1983.

SKA, Jean-Luis; SONNET, Jean-Pierre; WENIN, André. *Análisis narrativo de relatos del Antiguo Testamento*. Navarra: Verbo Divino, 2001.

SQUIRES, John. *The plan of God in Luke-Acts*. New York: Cambridge University Press, 1993.

STÄHLIN, Gustav. Gli Atti degli Apostoli. Brescia: Paideia Editrice, 1973.

STANZEL, Franz . *A theory of narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SUASSUNA, Lívia. *Ensaios de Pedagogia da Língua Portuguesa*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

TACCA, Oscar. Las voces de la novela. Madrid: Gredos, 1973.

VELASCO, Marina. *Ética do discurso: Apel ou Haberbas?*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2001.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia.* São Leopoldo: Sinodal, 1998.

WESTCOOT, Brooke - HORT, Fenton. *The New Testament in the original Greek*, 1881. Url: http://www.qbible.com/greek-new-testament/. Consulta feita em: 01/10/2012.